

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS – UEG**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM**  
**LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE – POSLLI**

**CORPOS VIGIADOS:**  
**O PANORAMA QUEER EM CAIO FERNANDO ABREU**

**CIDADE DE GOIÁS - GO**

**2024**

**JOÃO PEDRO DA MOTA**

**CORPOS VIGIADOS:  
O PANORAMA QUEER EM CAIO FERNANDO ABREU**

LP2 – Linha de pesquisa: Estudos de Língua e Interculturalidade

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Emile Cardoso Andrade

**CIDADE DE GOIÁS - GO**

**2024**

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE TESES E DISSERTAÇÕES  
NA BIBLIOTECA DIGITAL (BDTD)**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Estadual de Goiás a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UEG), regulamentada pela Resolução, CsA nº 1.087/2019 sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9.610/1998, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data<sup>1</sup>. Estando ciente que o conteúdo disponibilizado é de inteira responsabilidade do(a) autor(a).

**Dados do autor (a)**

Nome completo José Pedro da Mata

E-mail jospedradamata@gmail.com

**Dados do trabalho**

Título "Percepções Digitais: O Fenômeno Queer em  
Rajá Fernando Abreu"

**Tipo:**

Tese  Dissertação

Curso/Programa POS41

**Concorda com a liberação documento**

SIM  NÃO

<sup>1</sup> Período de embargo é de até **um ano** a partir da data de defesa.

José Pedro da Mata, 14 de Novembro de 2024

José Pedro da Mata  
Assinatura autor(a)

Emile Caroline Andrade  
Assinatura do orientador(a)

### CATALOGAÇÃO NA FONTE

Biblioteca Frei Simão Dorvi – UEG Câmpus Cora Coralina

M917c Mota, João Pedro da.  
Corpos vigiados : o panorama queer em Caio Fernando Abreu  
[manuscrito] / João Pedro da Mota. – Goiás, GO, 2024.  
106f.  
  
Orientadora: Profa. Dra. Emile Cardoso Andrade.  
Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e  
Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade  
Estadual de Goiás, 2024.  
  
1. Literatura brasileira - conto. 1.1. Crítica literária.  
1.2. Análise literária. 1.2.1. Sexualidade e gênero. 1.2.2. Queer.  
1.2.3. Masculinidade e dominação. I. Título. II. Universidade  
Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina.

CDU: 82.09(81)-34

Bibliotecária responsável: Marília Linhares Dias – CRB 1/2971

## UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS

(Criada pela lei nº 13.456 de Abril de 1999, publicada no DOE-GO de 20 de Abril de 1999)

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Coordenação de Pós-Graduação Stricto Sensu

**UEG CÂMPUS CORA CORALINA**

Av. Dr. Deusdeth Ferreira de Moura Centro - GOIÁS CEP: 76600000

Telefones: (62)3936-2161 / 3371-4971 Fax: (62) 3936-2160 CNPJ: 01.112.580/0001-71

### ATA DE EXAME DE DEFESA 19/2024

Aos vinte e dois dias do mês de agosto de dois mil e vinte e quatro às vinte horas, realizou-se o Exame de Defesa da dissertação do mestrando João Pedro da Mota, intitulado “*CORPOS VIGIADOS: O PANORAMA QUEER EM CAIO FERNANDO ABREU*”. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Dra. Émile Cardoso Andrade – Presidente – (POSLLI/UEG), Dr. Eduardo Felipe Felten (UNB), Dr. José Humberto Rodrigues dos Anjos (POSLLI/UEG). Os membros da banca fizeram suas observações e sugestões, as quais deverão ser consideradas pelo mestrando e sua orientadora. Em seguida, a banca examinadora reuniu-se para proceder a avaliação do exame de defesa. Reaberta a sessão, a presidente da banca examinadora, proclamou o resultado, segundo o qual a dissertação foi ( x ) aprovada, ( ) aprovada com ressalvas, ( ) reprovada com as seguintes exigências (se houver): a banca sugere que o mestrando promova algumas alterações pontuais em seu trabalho.

Cumpridas as formalidades de pauta, às vinte uma e quarenta e cinco, a presidência da mesa encerrou esta sessão do Exame de Defesa e lavrou a presente ata que, após lida e aprovada, será assinada pelos membros da banca examinadora.

Documento assinado digitalmente  
 EMILE CARDOSO ANDRADE  
Data: 23/08/2024 11:31:37-0300  
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Goiás-GO, \_\_22\_\_ de agosto de 2024.

\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Émile Cardoso Andrade (POSLLI/UEG)

Documento assinado digitalmente  
 EDUARDO FELIPE FELTEN  
Data: 23/08/2024 13:53:54-0300  
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Eduardo Felipe Felten (UNB)

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. José Humberto Rodrigues dos Anjos (POSLLI/UEG)

Documento assinado digitalmente  
 JOSE HUMBERTO RODRIGUES DOS ANJOS  
Data: 25/08/2024 16:20:08-0300  
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Ser significa ser para o outro e, através dele, para si. O homem não tem um território interior soberano, está todo e sempre na fronteira, olhando para dentro de si, ele olha o outro nos olhos, ou com os olhos do outro (Mikhail Bakhtin).

## AGRADECIMENTOS

Ao longo da minha trajetória acadêmica, sempre tive o sonho de continuar os estudos após a graduação. Não foi fácil conciliar trabalho e vida acadêmica, mas, olhando para trás, sinto um imenso orgulho de tudo o que construí até aqui. Escrever uma dissertação de mestrado foi um grande desafio, assim como participar de todos os encontros ao longo desses dois anos intensos. No entanto, esses momentos foram extremamente enriquecedores. O convívio com os colegas tornou a jornada mais leve; não apenas colegas, mas amigos que foram essenciais para a construção dessa trajetória.

Agradeço primeiramente a Deus, que abençoou cada passo desse caminho. Aos meus pais, Silvânio José da Mota e Romilda Cassiano Sobrinho, meu profundo agradecimento pelo apoio incondicional, seja financeiro ou emocional. Eles sempre acreditaram no poder da educação e se dedicaram para que eu tivesse acesso aos estudos. Nos dois anos de mestrado, eles foram meu maior pilar, mesmo quando os desafios pareciam insuperáveis. Aos meus amigos, que compartilharam essa jornada, especialmente minha turma querida, agradeço a amizade e parceria. Os laços que formamos fizeram com que o percurso fosse mais leve e significativo. Também sou imensamente grato à minha prima Rayssa Mota, cuja motivação constante foi fundamental para que eu tivesse coragem de submeter meu projeto e dar o primeiro passo rumo ao mestrado. Minha irmã, Ana Paula Mota, esteve sempre ao meu lado, oferecendo apoio e incentivo incondicional. Sua presença e confiança em mim foram essenciais em cada etapa dessa caminhada.

Agradeço ainda aos meus orientadores. Ao professor Dr. Alexandre Bonafim Felizardo, que me acompanhou no início do projeto, sou muito grato pela paciência e orientação. Embora ele não tenha podido continuar, sua contribuição foi crucial. À professora Dr.<sup>a</sup> Emile Cardoso Andrade, minha gratidão é imensa por ter aceitado meu projeto e caminhado comigo até o final. Ela foi não apenas uma excelente orientadora, mas uma verdadeira amiga, a quem dedico toda minha admiração e respeito. Por fim, aos amigos e familiares que estiveram ao meu lado, motivando e incentivando durante todo o percurso, deixo meu mais sincero agradecimento. Este mestrado é mais um degrau superado, e sou profundamente grato por cada pessoa que fez parte dessa conquista. Muito obrigado!

## CORPOS VIGIADOS: O PANORAMA *QUEER* EM CAIO FERNANDO ABREU

Resumo: A pesquisa teve como *corpus* central os contos de Caio Fernando Abreu, “Aqueles dois”; “Terça-feira gorda” e “Sargento Garcia”, presentes em “Morangos mofados” (1982) e o “Pequeno monstro”, publicado em “Os Dragões não conhecem o paraíso” (1988). Buscou-se discutir as relações homoeróticas a partir do viés da perspectiva *queer*, tendo em vista que alguns de seus contos tratam de assuntos relacionados à sexualidade e gênero, além de gerar ruptura com os modelos legitimados socialmente. Assim, a perspectiva *queer* procura incluir não só as questões sexuais ou de desejos sexuais, mas um amplo quadro de dinâmicas sociais, como discurso, comportamento, maneira de se vestir, violência etc. Em nosso primeiro capítulo é tratado a questão da contemporaneidade, e os desafios das produções contemporâneas que são atravessadas por questões da temporalidade como passado e futuro, em um fluxo contínuo sobre as demandas do presente, esse contexto do contemporâneo é importante pois, a partir desse pensamento, podemos adentrar aos estudos *queer* na vivência dos personagens do *corpus* central já citado, analisar as camadas que permeiam as vivências gays em suas diferentes formas e, a partir da perspectiva de diferentes sujeitos, em seu espaço e tempo específico, tendo em vista esse contexto histórico de cada um dos contos analisados, incluindo as questões que permeiam a masculinidade, a dominação, o poder e os padrões sociais. A violência é uma recorrente em meio a todo o processo, pois é vista de forma velada ou escancarada, seja por meio das vias de fato, como em “Terça-feira gorda”, ou por meio do contexto do militarismo e o ambiente austero do quartel. Para tanto, fundamentou-se a pesquisa a partir dos estudos de Giorgio Agamben (2009); Richard Miskolci (2012); Karl Erik Schollhammer (2009); Foucault (1967; 1988; 1987; 2005; 2008; 2017); Regina Dalcastagnè (2017); Judith Butler (2000); José Carlos Barcellos (2006); Mikhail Bakhtin (2002) e Jurandir Freire Costa (1992), dentre outros estudiosos que contribuem para este trabalho.

Palavras-chave: Masculinidade; Contemporaneidade; *Queer*; Dominação.

## **GUARDED BODIES: THE QUEER PANORAMA IN CAIO FERNANDO ABREU**

Abstract: The research that has as its central corpus the short stories by Caio Fernando Abreu, “Aqueles dois”; “Terça-feira gorda” and “Sargento Garcia” present in “Morangos mofados” (1982) and the “Pequeno Monstro”, published in “Os Dragões não conhecem o Paraíso” (1988), seeks to discuss homoerotic relations from the bias of the queer perspective. Bearing in mind that some of her short stories deal with issues related to sexuality and gender, in addition to generating rupture with socially legitimized models. Thus, the queer perspective seeks to include not only sexual issues or sexual desires, but a broad framework of social dynamics, such as speech, behavior, way of dressing, violence, etc. In our first chapter, the issue of contemporaneity is dealt with, and the challenges of contemporary productions that are crossed by questions of temporality such as past and future, in a continuous flow on the demands of the present, this context of the contemporary is important because, from this Through this thought, we can enter queer studies in the experience of the characters of the central corpus already mentioned, analyze the layers that permeate gay experiences, in their different forms and, from the perspective of different subjects, in their specific space and time. In view of this, the historical context of each of the stories analyzed includes issues that permeate masculinity, domination, power, and social standards. Violence is recurrent throughout the whole process, as it is seen in a veiled or overt way, either through de facto means, as in “Terça-feira gorda” or through the context of militarism and the austere environment of the barracks. For that, we based our research on the studies of Giorgio Agamben (2009); Richard Miskolci (2012); Karl Erik Schollhammer (2009); Foucault (1967; 1988; 1987; 2005; 2008; 2017); Regina Dalcastagnè (2017); Judith Butler (2000); José Calos Barcellos (2006); Mikhail Bakhtin (2002) and Jurandir Freire Costa (1992), among other scholars who contribute to this work.

Keywords: Masculinity; Contemporaneity; Queer; Domination.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>1 A CONSTRUÇÃO DO PODER NA SOCIEDADE E AS IDENTIDADES HOMOERÓTICAS</b> .....	11
1.1 HOMOEROTISMO, GÊNERO E O QUEER .....	23
1.2 ABJEÇÃO E A CONSTRUÇÃO DA INDENTIDADE EM “PEQUENO MONSTRO” E “SARGENTO GARCIA” .....	39
<b>2 AS MASCULINIDADES E A REPRESENTAÇÃO DO DESEJO COMO FORMA DE REPRESSÃO</b> .....	61
2.1 CAIO FERNANDO ABREU POR UMA PESPECTIVA <i>QUEER</i> .....	61
2.2 A VIRILIDADE COMO FORMA DE DOMINAÇÃO .....	74
2.3 “AQUELES DOIS” E A HETEROSSEXUALIDADE COMPULSÓRIA .....	83
2.4 VIOLÊNCIA E HOMOFOBIA EM “TERÇA-FEIRA GORDA” .....	90
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	94
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	99

## INTRODUÇÃO

Pensar a homossexualidade dentro no contexto acadêmico, e principalmente no que se refere aos estudos literários, tem sido um caminho de grande importância para refletir as questões da homossexualidade a partir da construção de identidades, pensar que existem várias formas da expressão das múltiplas identidades constituídas dentro do convívio gay. É importante primeiro pensar que, durante certo período da história, as relações homoeróticas eram vistas como sodomia, Guacira Lopes Louro, em seu artigo intitulado “Teoria Queer – uma política pós-indentitária para educação”, publicado na revista de Estudos feministas de 2001, traz uma perspectiva muito interessante sobre a construção politizada das identidades homossexuais.

As chamadas “minorias sexuais”, que por muito tempo foram grupos de menor visibilidade, têm conquistado cada vez mais espaço no contexto acadêmico. Isso resulta em um significativo embate entre essas minorias e os grupos conservadores. Discutir sexualidade, homossexualidade e questões relacionadas a gênero e vivências *queer* se torna um desafio. Não se trata apenas de reconhecer as múltiplas identidades e compreender que elas desafiam os padrões binários impostos pela sociedade. É também reconhecer que as fronteiras do lugar social desses indivíduos são constantemente transpostas, provocando mudanças nas dinâmicas de estudo e nas teorias sobre o assunto.

A homossexualidade, discursivamente produzida, transforma-se em questão social relevante. A disputa centra-se fundamentalmente em seu significado moral. Enquanto alguns assinalam o caráter desviante, a anormalidade ou a inferioridade do homossexual, outros proclamam sua normalidade e naturalidade – mas todos parecem estar de acordo de que se trata de um ‘tipo’ humano distintivo (Louro, 2001, p. 542).

Antes de ter essa relevância discursiva e ter, de fato, uma solidez no movimento, é preciso fazer um panorama de como se originou a organização dos grupos homossexuais dos anos de 1970, a princípio, os encontros eram realizados de forma clandestina, e aos poucos, em países como Estados Unidos e Inglaterra, foram surgindo pesquisas, artigos, revistas, teatros etc. No Brasil, a homossexualidade começa a aparecer nas artes, publicidade e teatro, como afirma Guacira Lopes Louro, “alguns artistas apostam na ambiguidade sexual, tornando-a sua

marca e, dessa forma, perturbando, com suas performances, não apenas as plateias, mas toda a sociedade” (Louro, 2001, p. 543).

Os movimentos gays do Brasil beiravam à clandestinidade, como afirma João Silvério Trevisan (2018), “tanto quanto os remexos de Carmen Miranda, pode-se dizer que homossexualidade, tal como vivida no Brasil, insere-se nesse mesmo gosto barroco pelo excesso, pela fantasia, pelas cores, pela máscara, pela festa, pela paródia, pelo desvio” (Trevisan, 2018, p. 365). Por ter esse caráter, pode ser esse um dos motivos pelo qual a prática homossexual no cenário brasileiro, ao mesmo tempo que se tornou muito difundida, por outro lado é camuflada, independente da sua classe social ou profissão, como afirma Trevisan (2018).

A homossexualidade passa a ter uma dimensão politizadora, seus representantes agora possuem inquietações políticas, culturais e libertadoras, é uma posição agora atravessada por questões de classe, raça, etnicidade e nacionalidade. Entretanto, antes de falar sobre homossexualidade, é preciso primeiro falar de como lidar com uma sociedade repressora, uma sociedade que ainda caminha em passos lentos em questões sobre os direitos LGBTQ+, é importante aqui abordar sobre a homofobia, que não se limita a agressões físicas, mas podem também acontecer por meio de agressões psicológicas e até mesmo morais. Célia Regina dos Santos e Vera Helena Wielewicki (2009) trazem algo sobre o assunto:

No século XVIII, por exemplo, quando não havia se definido um vocabulário distinto para as diferenças da sexualidade, a medicina oitocentista classificava os homossexuais como “invertidos sexuais”. Com resultado disso, a homossexualidade ganha seu estigma sexual dentro de um contexto moral/religioso que se apresenta envolto por ideias de pecado, “perversão” e “anomalia”, como transgressões à ordem heterossexual vigente (Santos; Wielewicki, 2009, p. 348).

A comunidade LGBTQ+, que sofre de modo geral com o preconceito, é um grupo marginalizado e reprimido de várias maneiras, apesar de não ser tão minoritária assim, com o passar do tempo é mantida à margem da sociedade. A homofobia usa da construção da imagem do gay permeada com a exclusão e a abjeção, sendo enquadrada em uma imagem moralizada adquirida com o passar dos tempos, de acordo conceitos e costumes antigos, padrões e regras que se engessaram na sociedade.

Como toda forma de exclusão, a homofobia não se limita a constatar uma diferença: ela interpreta e tira conclusões materiais. Assim, se o homossexual é culpado do

pecado, sua condenação moral aparece como necessária, e a purificação pelo fogo inquisitorial é uma consequência lógica. Se seus atos sexuais e afetivos são tidos quase como crimes, então seu lugar natural é, na melhor das hipóteses, o ostracismo, e na pior, a pena capital, como ainda acontece em alguns países. Considerado um doente, ele é objeto e deve se submeter a terapias que a ciência lhe recomenda, em especial os eletrochoques utilizados no Ocidente até os anos de 1960 (Borillo, 2009, p. 18).

Borillo relata o que acontece atualmente, existe um embate de dois lados, a comunidade LGBT+, de um lado, luta por respeito e busca da criminalização da homofobia, de outro lado, tem o silenciamento dessa mesma comunidade, regimes autoritários e pessoas que levam seus preconceitos a casos extremos de covardia. Hoje em dia, assumir-se gay, bissexual, lésbica, travesti ou transsexual é um ato de resistência. A homossexualidade é encarada, por alguns, como objeto defeituoso, essa objetificação condena o sujeito a um silencioso estado de sofrimento, onde suas qualidades são colocadas sempre a prova, como se sua sexualidade fosse o seu único fator determinante.

O padrão heteronormativo, que é imposto pela sociedade rotulado como “normalidade” para cada indivíduo, condena todos aqueles que fogem dos padrões de binarismos socialmente convencional homem/mulher, masculino/feminino, o heterossexual é colocado em uma posição de absoluto controle, ao contrário do homossexual que deve segundo as “normas” e se anular no meio social, não tendo o direito de viver de forma plena sua orientação: “a hierarquização das sexualidades [...] confere à heterossexualidade um *status* superior e natural” (Borillo, 2009, p. 17). Existem dualidades construídas sobre os conceitos normal/anormal, regrado/desregado, dominação/submissão, desejos sexuais homoeróticos, ainda é considerado em alguns lugares e culturas como perversão.

Pelo simples fato de existir o desejo entre pessoas do mesmo sexo, é necessário referir-se a ele sob algum tipo de denominação; caso contrário, no limite acabaríamos voltando aos tempos da sufocante e hipócrita invisibilidade (o amor que não ousa dizer o seu nome”), que só reforçava os mecanismos repressivos (Trevisan, 2007, p. 37-38).

A homossexualidade feminina durante certo tempo foi invisibilizada, assim como a posição da mulher na sociedade, por um contexto histórico e à luz das religiões, a mulher nasceu para casar e viver para casa e marido, além ser atribuída à mulher a função de reprodução. Em algumas culturas, meninas ainda são criadas com a ideia de serem boas esposas, qualquer coisa

que fuja desse ideal é entendida como antinatural ou abjeto, isso ajuda a ter uma visão muito clara dos padrões de controle da sociedade e como eles são colocados na sociedade.

A homofobia, assim como o machismo, é intrínseca na sociedade por meio dos discursos, atitudes e opiniões disfarçadas de intolerância. “Para abarcar os dilemas de nosso tempo, é necessário compreender a pluralidade das sexualidades e das orientações sexuais e suas implicações políticas (...)” (Prado; Machado, 2008, p. 11). A comunidade LGBTQ+ sofre com estereótipos que causam uma ruptura na aceitação externa quanto interna, com a era digital, aplicativos de relacionamentos gays estão escancarando esses estereótipos com as seguintes afirmações: “não curto afeminado”, “não gosto de gordos”, e muitos utilizam o discurso que não é preconceito, é uma questão de gosto, o fato é que aqueles que não correspondem a esse padrão são colocados de lado, esses discursos só deixam mais claro como a homofobia e o machismo estão intrínsecos no discurso. Os grupos marginalizados e estigmatizados são compostos por algumas características que, para Prado e Machado (2008), expõe uma ideia de “imaginário sexual” que colocam a sociedade a pensar tais características ou questioná-las.

Uma infinidade de termos tem ocupado cada vez mais espaço em nosso cotidiano, nos levando a construir um „imaginário sexual” inovador. Termos como GLS, GLBT, parada gay, mix, casamento gay, parceria ou pacto de união civil entre pessoas do mesmo sexo, opção ou orientação sexual, entre tantos outros nos remetem a um universo de personagens que tendem a ser colocados em histórias exóticas, distantes do nosso cotidiano e até mesmo escritas em vocabulário e linguagem próprias (Prado; Machado, 2008, p. 30).

A história que azul é de menino, rosa é de menina, outras cores como amarelo e branco usados quando ainda não se sabe o sexo do bebê, e depois disso, volta-se para o que colocado como padrão, são regras que a sociedade cria e as coloca como padrão dentro de um contexto e forma cultural, a homofobia em cada manifestação desses padrões, em cada gesto, está nessas atitudes mascaradas, que carregam não apenas a homofobia, como um sistema inteiro que também é perpassado pelo machismo, para Prado e Machado (2008) é possível modificar esse cenário, ou pelo menos começar um movimento de mudança: “para abarcar os dilemas de nosso tempo, é necessário compreender a pluralidade das sexualidades e das orientações sexuais e suas implicações políticas (...)” (Prado; Machado, 2008, p. 11).

Outro ponto de discussão é o que diz sobre a questão afetiva e emocional. O homossexual sempre é colocado na sociedade como promíscuo, pervertido e que não possui sentimentos, entretanto, cresce cada dia mais o número de casais do mesmo sexo, relações

homoeróticas e monogâmicas. Mesmo que haja uma troca alta de parceiros, ou que essa troca seja mais visível, até mesmo porque são casais que estão na mira social à espera de algum erro passível de apontamentos, não se pode dizer que os gays não sabem amar, ou que não merecem respeito simplesmente baseado em seus parceiros sexuais, ou na forma como levam sua vida sexual, mas com esses julgamentos, temos mais uma vez o preconceito baseado na imagem criada sobre o estereótipo.

Ao falar sobre composição familiar é preciso lembrar que a família é importante, tanto para o seu lado positivo quanto para o lado negativo. A aceitação familiar é outro ponto a ser abordado para a quebra de padrões homofóbicos porque a família é também responsável por padrões construídos, como discurso que é construído na formação do sujeito com o próprio discurso homofóbico.

A homofobia é familiar; percebemo-la como um fenômeno banal: quantos pais se inquietam ao descobrir a homofobia de seu filho adolescente, se a homossexualidade de um filho ou filha é ainda motivo de sofrimento para famílias e conduz e conduz frequentemente a consultar a um terapeuta? Invisível, cotidiana e disseminada, a homofobia participa do senso comum, embora leve, igualmente, a uma alienação dos heterossexuais (Borillo, 2009, p. 19).

A aceitação gay dentro do seio familiar é outro ponto polêmico, o machismo e o preconceito dos pais vêm embutidos em frases como “eu não tenho preconceito, mas não quero isso para um filho meu”, fruto de um discurso construído e moldado por padrões machista e homofóbicos. Quando uma criança cresce ouvindo essas afirmações ela acaba que internaliza essas ideias familiares, e na vida adulta leva esse ódio internalizado em seu inconsciente, se é uma criança LGBT+ levará consigo traumas que serão presentes em sua vida adulta.

## **1 A CONSTRUÇÃO DO PODER NA SOCIEDADE E AS IDENTIDADES HOMOERÓTICAS**

Caio Fernando Abreu é um dos nomes de peso da literatura brasileira que carrega em sua escrita fatores como a existencialidade, medo, a busca de si e do outro. Ou seja, é um dos escritores contemporâneos que em sua escrita retrata a existência humana em sua mais pura maneira de ser e sentir. Caio não temeu viver a vida em todas as suas faces, escritor gaúcho, nascido em 12 de setembro de 1948, não esmoreceu ao falar de assuntos tidos como tabus.

Sexualidade, sexo, drogas e HIV, temas tratados com naturalidade em seus contos, com essa irreverência, o escritor foi e é um grande nome da literatura. Para nortear este trabalho interpretativo de sua obra, serão utilizados alguns contos cujo foco são as relações homoeróticas e o espaço em que elas se desenvolvem: “Aqueles dois”; “Terça-feira gorda” e “Sargento Garcia” presentes em “Morangos mofados” (1982), e o “Pequeno monstro”, publicado em “Os Dragões não conhecem o paraíso” (1988).

Para tal, é importante fazer um balanço interpretativo de todas as camadas de poder sobre a violência que esse poder exerce, e os pontos de ruptura que fazem com que os processos de hegemonia sejam vistos com um olhar mais crítico. Abre-se aqui um espaço para pensar a sociedade a partir de suas biopolíticas e suas relações de poder. Fatores como a modernização econômica, social e capitalista, que exercem dentro da contemporaneidade relação direta como parte integrante da hegemonia em que se estabelecem as relações sociais. Antônio Candido, em seu livro “Literatura e Sociedade”, no capítulo intitulado “Literatura e vida social”, quando se refere ao artista e à obra, diz que “se a obra é fruto da iniciativa individual ou de condições sociais, na verdade ela surge na confluência de ambas, indissolivelmente ligadas” (Candido, 2006). Desse modo, vale pensar a literatura de Caio Fernando abreu partindo dessa confluência citada por Cândido.

Ao pensar a biopolítica e as questões de poder, é interessante refletir como esse poder percorre todas as camadas da sociedade, e porque ele é estrutural, e partindo desse ponto, faz todo o sentido abordar a temática homoerótica e estudos *queer*, e faz mais sentido ainda trazer ao centro dessa discussão uma breve análise interpretativa dos contos de Caio Fernando Abreu, pois, os contos do autor evidenciam estruturas de poder intrínsecas na sociedade, de forma sutil ou não.

Isso posto, segundo Mônica Pimenta Velloso (1988), “existe, sim, uma profunda dinâmica entre indivíduo e sociedade feita de interações, deslocamentos e modificações” (Velloso, 1988, p. 240). A autora traz uma reflexão de como a literatura se tornou documental, como uma mera representação do real, isso se deve a forma como a crítica literária vem lidando com as produções e seus escritores, e ao fato da ficção ou ficcionalização das obras ser vista como algo que nas palavras de Velloso (1988) seria de segunda grandeza: “a ficção passou a ser vista como peça indesejável e prejudicial em um discurso cujo referente era exterior, ou seja, a nação” (Velloso, 1988, p. 242). A partir desse pensamento, a literatura teria o enfoque na interpretação do Brasil enquanto nação, segundo a autora, transformando a literatura em uma espécie de espelho, cuja capacidade, seria de refletir a imagem de nacionalidade.

Essas ideias dão uma dimensão da importância que, durante o Estado Novo, é atribuída à literatura, vista como elemento-chave na constituição da nação. Não é à toa que o regime propõe que seja feita uma nova história da literatura brasileira. Este projeto começa a ser implementado por seu porta-voz, o jornal *A Manhã*, através do suplemento literário *Autores e Livros*. Esta fonte de análise é riquíssima, pois oferece uma verdadeira genealogia da vida intelectual brasileira (Velloso, 1988, p. 243).

Essa é concepção de “Estado Novo” ante à idealização de uma literatura em que essa sim, seria considerada literatura. Essa ideia, segundo Mônica Pimenta Velloso, está fundamentada no discurso de que a literatura produzida nesse período seria, de fato, uma literatura mais nacional ou com um ímpeto mais nacionalista: “assim, da mesma forma que a literatura volta a ganhar sua aura - identificada com uma função social - o poeta reassume seu papel de guia, encarregado também de cumprir sua missão salvacionista” (Velloso, 1988, p. 244).

Cabe-se pensar essa concepção de “Estado Novo” e de que a literatura tem o poder de movimentação grande na história de qualquer sociedade, com isso, durante certo período, ela foi usada como promotora de uma identidade nacional e de ideais de um regime. Há referências de que exista uma literatura oficial do regime, e que os conteúdos publicados nesse período eram para o fortalecimento desse Estado se torna óbvio dizer que a produção desse momento estava alinhada com os interesses políticos e culturais datados da época.

Com isso, a literatura do chamado “Estado Novo” estaria em uma mescla de controle com a promoção de uma identidade, e que de certa forma giram em torno de uma mudança no cenário brasileiro, contudo, é importante que o leitor tenha muito claro que o foco principal aqui não é analisar a literatura produzida nessa época, até porque essa produção exige uma análise aprofundada e individual. É interessante que se abra um ponto de discussão sobre as questões culturais e políticas, e principalmente se tratando de uma produção literária, é porque não dizer, artístico literário, que busca representar essas mudanças no cenário social porque a partir dessa concepção de “Estado Novo” e as demandas que ela traz, será possível analisar aqui o conceito abordado por Foucault sobre a biopolítica:

Entrou-se no corpo-espécie, no corpo transpassado pela mecânica do ser vivo e como suporte dos processos biológicos: a proliferação, os nascimentos e a mortalidade, o nível de saúde, a duração da vida, a longevidade, com todas as condições que podem fazê-los variar; tais processos são assumidos mediante toda uma série de intervenções e controles reguladores: uma biopolítica da população (Foucault, 1988, p. 130).

A biopolítica é descrita por Foucault para definir as formas de regulações sociais, e também sobre como se constituem esses processos que se assumem diante dos polos de regulação social. Foucault, em a “História da sexualidade: a vontade de saber” - Vol. 1, analisa como essas relações de poder influenciam no desenvolvimento, sendo os corpos, a principal fonte de controle.

Bio-poder, sem a menor dúvida, foi elemento indispensável ao desenvolvimento do capitalismo, que só pôde ser garantido à custa da inserção controlada dos corpos no aparelho de produção e por meio de um ajustamento dos fenômenos de população aos processos econômicos (Foucault, 1988, p. 131).

É importante pensar a literatura como um ato político, pensar a literatura de um lugar onde as rupturas são necessárias. O conceito de biopolítica apresentado por Michel Foucault trata dos mecanismos implementados para reger a vida individual do ser humano. Na literatura, a biopolítica tem o papel de gerar influências na maneira como os escritores abordam temas, como por exemplo, identidade, autoridade ou até mesmo das experiências humanas.

Michel Foucault criou o conceito de biopolítica em uma espécie de tentativa de explicar como o poder do “Estado” influenciava na vida dos indivíduos, segundo o autor, a partir do século XVIII, a vida biológica começa a se converter em objeto político. Mas também é importante levar em consideração o destaque de Foucault que a vida biológica nunca está totalmente subjugada às condições impostas pelos mecanismos de controle, e os indivíduos ao mesmo tempo que estão em uma posição regulatória, encontram-se sempre uma brecha, ou algum aspecto que colabore para fuga desse controle.

Essa relação de poder, que é exercida pelo controle, ajuda entender os ruídos que são causados pelas questões da contemporaneidade no processo de controle social. Dalcastagnè (2017) afirma que “desde os tempos em que era entendida como instrumento de afirmação da identidade nacional até agora, quando diferentes grupos sociais procuram se apropriar de seus recursos, a literatura brasileira é um território contestado” (Dalcastagnè, 2017, p. 13). A respeito da literatura brasileira contemporânea, Regina Dalcastagnè, em “Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais”, faz uma análise aprofundada da narrativa brasileira reproduzida nas últimas décadas, ajuda reforçar o conceito de Michel Foucault, tanto sobre o que se refere à produção literária como um conceito de identidade política, como por uma busca de uma produção que traga esse conceito identidade nacional.

De certa forma, coloca a literatura brasileira como um espaço em disputa, a autora argumenta que o que está em jogo seria a possibilidade de falar sobre si e o mundo, e destaca que os autores e os críticos estão cada vez mais movimentando a chamada cena literária em

busca de um espaço, não só como sendo um espaço de produção, mas como um espaço de poder, o que inclui de alguma forma uma espécie jogo de poder e legitimidade sobre aquele que fala. A presença de novos autores, ou novas vozes, a abertura de novas abordagens e formas de pensar geram um desconforto, pois como afirma a autora, “todo espaço é um espaço em disputa” (Dalcastagnè, 2017, p. 13). Esse espaço assume o lugar, tanto no que tange o espectro social quanto dentro das narrativas, “daí o estabelecimento das hierarquias”, às vezes tão mais violentas quanto mais discretas consigam parecer.

A hierarquia na produção literária brasileira pode estar contribuindo com os padrões e as normas da sociedade patriarcal e, seria esse o ponto, a massa cinzenta a qual o leitor deve estar atento, “a não concordância com as regras implica avançar sobre o campo alheio, o que gera tensão e conflito, quase sempre muito bem disfarçados” (Dalcastagnè, 2017, p. 13-14). É delicado questionar esse lugar no qual assumem alguns autores, o lugar confortável, onde não entrariam as demandas de uma sociedade cíclica, sem problematizações e longe das polêmicas editoriais.

Por isso a necessidade de se refletir sobre como a literatura brasileira contemporânea, e os estudos literários, se situam dentro desse jogo de forças, observando o modo como se elabora (ou não se elabora, contribuindo para o disfarce) a tensão resultante do embate entre os que não estão dispostos a ficar em seu “devido lugar” e aqueles que querem manter seu espaço descontaminado (Dalcastagnè, 2017, p. 14).

Ainda é possível observar dentro do campo literário brasileiro, segundo Dalcastagnè, uma homogeneidade, e por mais que tenham muitos espaços de publicação como sites, blogs, revistas eletrônicas etc. não trazem o mesmo valor a essas publicações e, nem muito menos, a publicação de um livro não transforma ninguém em escritor. A crítica levantada, é de fato, a não diversificação daqueles que estão em foco do grande público leitor, “basta observar quem são os autores que estão contemplados em vários dos itens citados, como são parecidos entre si, como pertencem a uma mesma classe social, quando não tem as mesmas profissões, vivem nas mesmas cidades, tem a mesma cor, o mesmo sexo...” (Dalcastagnè, 2017, p. 14).

O capitalismo, segundo Foucault, seria responsável junto a um conjunto de fatores, por esse processo de controle dos corpos – “foram-lhe necessários métodos de poder capazes de melhorar as forças, as aptidões, a vida em geral, sem por isto torná-las mais difíceis de sujeitar” (Foucault, 1988, p. 131).

O desenvolvimento dos grandes aparelhos de Estado, como instituições de poder, garantiu a manutenção das relações de produção, os rudimentos de anátomo e de biopolítica, inventados no século XVIII como técnicas de poder presentes em todos os níveis do corpo social e utilizadas por instituições bem diversas (a família, o Exército, a escola, a polícia, a medicina individual ou a administração das coletividades), agiram no nível dos processos econômicos, do seu desenrolar, das forças que estão em ação em tais processos e os sustentam; operaram, também, como fatores de segregação e de hierarquização social, agindo sobre as forças respectivas tanto de uns como de outros, garantindo relações de dominação e efeitos de hegemonia; o ajustamento da acumulação dos homens à do capital, a articulação do crescimento dos grupos humanos à expansão das forças produtivas e a repartição diferencial do lucro, foram, em parte, tornados possíveis pelo exercício do bio-poder com suas formas e procedimentos múltiplos (Foucault, 1988, p. 131-132).

Foucault argumenta que os grandes aparelhos de Estado, como a família, o exército, a escola, a polícia, enfim, todos os mecanismos e instituições de poder de uma sociedade, mantêm técnicas para a manutenção desse poder, que inclui a biopolítica para influenciar todos os níveis do chamado corpo social. Sendo assim, essas técnicas de poder também operam nos processos econômicos e tem uma grande influência nas forças de ação e na sustentação desses processos. Essas técnicas também atuam como fatores que influenciam na segregação hierarquização social, fazendo com que as relações de dominação e os efeitos de hegemonia perdurem.

Foucault sugere que ajustamento da acumulação de homens ao capital, ou seja, o acúmulo de força de trabalho, a partir desses fatores e técnicas de poder, propiciou a repartição diferenciada do lucro, o que em parte se dá pelo exercício do biopoder. Esse poder, com a sua forma e os seus múltiplos procedimentos, é uma técnica e, talvez, a mais direta que atua sobre a vida biológica de cada indivíduo. A citação de Foucault tem o intuito de destacar a maneira como as estruturas de poder em uma sociedade, incluindo, principalmente, como a biopolítica influencia os moldes dos processos econômicos e sociais.

O processo de hegemonia social tem se tornado um modo como o discurso de enquadrar-se para ser aceito, tem certa força dentro dos limites da sociabilidade, os processos institucionais têm corroborado de maneira harmoniosa em relação ao controle dos corpos, como afirmou Foucault. Richard Miskolci em “Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças”, reitera o que Foucault diz sobre os processos de controle, utilizando como ponto de partida, na introdução de seu livro, a relação de poder estabelecida na escola, dentro dessa instituição, todos serão atravessados de forma transversal por padrões de poder, racismo, violência (*bullying*), exclusão etc.

Casam bem com essa reflexão, fragmentos do conto de Caio Fernando Abreu, “Sargento Garcia”, conto presente em “Morangos mofados” de 1982, sendo republicado em 2015, e que

tem uma perspectiva muito contemporânea a respeito do poder, e como ele pode ser violento. A narrativa do conto é construída, em parte, dentro do ambiente de um quartel, onde os personagens principais, em um primeiro momento, participam de um alistamento, cujo personagem de nome Hermes é posto, há um tipo de humilhação pública, começa uma espécie de *bullying* coletivo autorizado pela figura de poder que é o Sargento Garcia, onde o motivo de zombaria em um primeiro momento, seria o corpo de Hermes, seu jeito franzino, entretanto, é importante se atentar no conto, como essa relação de poder é construída pelo sargento no ambiente do quartel, pois, o próprio também é vítima desse controle, como será colocado mais à frente. Em um primeiro momento, a violência e a hostilidade do próprio ambiente demonstram que é um lugar violento e de submissão.

Atrás dele, a parede de reboco descascado, a janela pintada de azul-marinho aberta sobre um pátio cheio de cinamomos caiados de branco até metade do tronco. Nenhum vento nas copas imóveis. E moscas amolecidas pelo calor, tão tontas que se chocavam no ar, entre o cheiro de bosta quente de cavalo e corpos sujos de massas (Abreu, 2015, p. 109).

O fragmento anterior retrata o que Miskolci demonstra acontecer no ambiente escolar, “lugares” utilizados pelo sistema hegemônico para reverberar seus mecanismos de controle, mesmos mecanismos abordados por Foucault sobre os chamados “corpos dóceis”, seja no ambiente da escola, quartel em “Sargento Garcia”, a repartição em “Aqueles dois”, todos os personagens são atravessados pelo mesmo padrão de controle, são espaços de controle, talvez, esse seja o primeiro ponto que certamente une todos os contos, os espaços repressores.

A obra de Richard Miskolci é uma reflexão sobre a necessidade de transformação das relações de poder, presentes na escola heteronormativa, e que desconhece as múltiplas faces da expressão humana impondo padrões binários do que é esperado de “ser homem” e de “ser mulher”, assim como também acontece com o sargento Garcia no conto de Caio Fernando Abreu, onde ele era outro homem no social. A partir Miskolci, pode-se começar o diálogo sobre a sociedade, os mecanismos de poder e como eles atuam, segundo a teoria *queer*, que é responsável por incorporar à sociedade brasileira dentro das discussões que questionam os dispositivos de poder e a biopolítica e a forma desumana como atuam no controle dos corpos e desejos.

Na sala, as carteiras eram colocadas em ordem rígida e a ninguém era permitido trocar de lugar. A professora não titubeava em mostrar uma régua grande, feita de madeira, com a qual dizia “colocar na linha” os indisciplinados. Nunca a vi utilizar a tal régua, mas a ameaça de usá-la era suficiente para manter uma sombra temerosa sobre os estudantes, como se uma punição estivesse sempre à espera. Medo que se somava a outros, ainda maiores, como o de se tornar a vítima das brincadeiras cruéis dos meninos mais violentos, sempre à espreita para exercitarem sua “valentia” quando não havia nenhum funcionário por perto. Especialmente perigosos eram o banheiro e a saída, espaços liminares daquela ordem disciplinar baseada na ameaça constante de violência (Miskolci, 2012, p. 4).

Richard Miskolci descreve o ambiente escolar com bastante rigidez e disciplina, onde há um contexto de ameaça, punição e violência com o intuito de manter uma certa ordem. Essa descrição de sala de aula coloca o leitor num ambiente controlado e rígido, cheio de proibições e com certa inflexibilidade. A régua de madeira, mesmo que nunca usada, simboliza o controle que mantém nos alunos um constante medo, que é agravado quando existe a possibilidade de ainda se tornar vítima de brincadeiras cruéis piadas maldosas de meninos mais violentos, especialmente nos espaços como banheiros e a saída, espaços que não são controlados pela figura de autoridade representada pela professora. A figura da professora colocada por Miskolci, quase que se funde à figura do sargento Garcia,

representada por Caio Fernando Abreu, e os meninos malvados, a figura dos rapazes que cercavam Hermes na sala de alistamento.

Parecia divertido, o olho verde frio de cobra quase oculto sob as sobrancelhas Unidas em ângulo agudo sobre o nariz. Começava a odiar aquele bigode grosso como um mandruvá cabeludo rastejando em volta da boca, cortina de veludo negro entre aberta sobre os lábios molhados.

- Tem cera nos ouvidos, pamonha?

Olhou em volta, pedindo aprovação, dando licença. Um Alívio percorreu a sala. Os homens riam livremente agora (Abreu, 2015, p. 110).

É interessante como as atitudes dentro do quartel se fundem aos comportamentos dos meninos da escola, há nos dois ambientes a micro representação de uma sociedade que opera de forma explícita os mecanismos de controle, essa situação mostra como as instituições

escolares e ambientes pode existir uma ordem vigiada, utilizam desses artifícios, como a violência e a disciplina, para impor uma certa ordem e controle, lógico que não é mais a realidade das escolas contemporâneas, ou pelo menos, espera-se que não. Entretanto, a escola é vista como uma representação micro da sociedade, é o espaço que reforça as normas de gênero e sexualidade impostas por tal. A citação sugere um ambiente escolar que possa ser um local seguro e inclusivo a todos os alunos e por que não refletir essa inclusão também na sociedade: “é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (Foucault, 1987, p. 163), nesse pequeno trecho de “Vigiar e punir”, no capítulo I da terceira parte, Foucault trata sobre “os corpos dóceis”, e como o corpo é um dispositivo de controle.

Michel Foucault argumenta que o poder na sociedade contemporânea não é posto apenas sobre força física, esse poder se manifesta sobre esses temas que moldam a disciplina e controle dos corpos. Um corpo dócil, segundo Foucault, seria aquele que foi devidamente treinado para se conformar com as normas e as expectativas sociais.

O objeto, em seguida, do controle: não, ou não mais, os elementos significativos do comportamento ou a linguagem do corpo, mas a economia, a eficácia dos movimentos, sua organização interna; a coação se faz mais sobre as forças que sobre os sinais; a única cerimônia que realmente importa é a do exercício. A modalidade enfim: implica numa coerção ininterrupta, constante, que vela sobre os processos da atividade mais que sobre seu resultado e se exerce de acordo com uma codificação que esquadrinha ao máximo o tempo, o espaço, os movimentos. Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as “disciplinas”. Muitos processos disciplinares existiam há muito tempo: nos conventos, nos exércitos, nas oficinas também (Foucault, 1987, p. 163-164).

As disciplinas, conforme o trecho destacado, são métodos que ajudam no controle sobre os corpos e que operam uma relação de docilidade e utilidade. Foucault entende que o objetivo desse controle não é mais os elementos que produzem significado, como comportamento ou a linguagem do corpo, mas a economia. Não seria mais um controle simbólico, porém, um controle físico e funcional, isso gera um movimento ininterrupto de supervisão sobre atividades à espera de resultados. Foucault ainda menciona que esses processos disciplinadores existem há muito tempo e em várias instituições, como os conventos, o exército e as oficinas.

Nota-se o que diz Foucault sobre os códigos, que são muito importantes nos processos de controle social, padrão, regras, respeitabilidade. Os códigos, dois deles que são citados

anteriormente, “Objeto” e “Disciplina”, o segundo, de acordo com Foucault, “visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar suas sujeições, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente” (Foucault, 1987, p. 164). Os espaços de disciplina se interrelacionam nos contos “Sargento Garcia” e “Pequeno monstro”.

Em “Pequeno monstro”, o pai, em uma passagem, zangado com o comportamento típico de um garoto em puberdade, se descobrindo e, descobrindo o mundo ao seu redor, diz a seguinte afirmação: “o Pai foi dormir azedo, falando que no quartel eu ia ver” (Abreu, 2013, p. 435). É possível perceber a relação que o “espaço” do quartel tem no imaginário do personagem, lugar onde se obtém disciplina. Nesse contexto, abre-se um parêntese para pensar como o sexo, foi durante muito tempo um meio regulador das instituições, principalmente da igreja, pensando nisso, torna-se interessante chamar ao diálogo Judith Butler, uma filósofa e teórica de gênero, ela é conhecida por suas teorias sobre gênero e sexualidade, no livro “Bodies that Matter” (2000), em uma tradução livre, “Corpos que importam”, republicado em 2019:

A categoria do “sexo” é, desde o início, normativa: ela é aquilo que Foucault chamou de “ideal regulatório”. Nesse sentido, pois, o “sexo” não apenas funciona como uma norma, mas é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa, isto é, toda força regulatória manifesta-se como uma espécie de poder produtivo, o poder de produzir — demarcar, fazer, circular, diferenciar — os corpos que ela controla. Assim, o “sexo” é um ideal regulatório cuja materialização é imposta: esta materialização ocorre (ou deixa de ocorrer) através de certas práticas altamente reguladas. Em outras palavras, o “sexo” é um constructo ideal que é forçosamente materializado através do tempo (Butler, 2019, p. 20).

Butler argumenta que o sexo é uma categoria normativa, sendo assim, “o ideal regulatório” que pode atuar não apenas como a norma, mas como parte de uma prática regulatória que produz influência nos corpos aos quais governa. Isso faz com que leitor reflita que o sexo não é apenas uma característica biológica, contudo, uma construção social baseada em práticas culturais e sociais. E essa visão de que sexo é um ideal regulatório ajuda a entender como é reforçado na sociedade as questões de gênero e como a ideia de binaridade parte de um ideal institucional, vinculado aos meios de socialização já datados na sociedade. Isso posto, fica clara a ideia de Butler de que sexo é um construto social idealizado, que é materializado e se dá por meio da imposição durante os tempos.

Essa posição sobre a questão do sexo faz com que exista uma conformidade a partir da construção idealizada com as normas de gênero, ou seja, a situação que Butler destaca é a

maneira como as normas são construídas, a forma que a ideia de gênero é colocada na sociedade, isso faz com que o leitor tenha um ímpeto de questionamento sobre essas normas se faz necessário questionar. O Sexo não é apenas um fato sobre o indivíduo, logo, é o lugar/processo pelo qual os corpos serão atravessados por normas e padrões regulatórios através de uma constante reiteração, e essas normas, de acordo com Butler, são um sinal de que a materialização nunca configura de maneira completa e, que esses corpos não estão conformados, ou seja, nunca, completamente a forma como a materialização lhe é imposta.

Nesse sentido, o corpo começa se torna um dispositivo de “poder”, o que Foucault afirma ser uma “anatomia política” que se iguala a uma “mecânica do poder”, que define “como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina” (Foucault, 1987, p. 164), a disciplina age fabricando corpos submissos e exercitados, o que o autor chama de corpos “dóceis”, ao leitor cabe refletir a sociedade, buscar olhar para onde é possível encontrar uma doutrina do “poder”.

Esse termo utilizado por Michel Foucault, “corpo dócil”, é um conceito central em sua filosofia, e ele se refere a um corpo submetido, utilizado e transformado. Foucault entende que o corpo pode ser moldado, aperfeiçoado e treinado para ser útil e obediente aos termos da política. Esses processos são originários de muita disciplina que, em parte, têm um contexto composto por força, e intrinsecamente uma certa violência.

O corpo dócil é um produto trabalhado através de técnicas de dominação, em resumo, Foucault mostra o leitor que corpo humano é um produto de seu meio variável em forças políticas e sociais. As relações de poder por meio da disciplina dos corpos são um método que serve tanto aos interesses do meio religioso, quanto para o Estado ou para o capitalismo. Essas vertentes da sociedade se alimentam desse poder sobre os indivíduos para solidificar seus alicerces, e por meio da alienação, construir um sistema de dominação que coopere sempre com a opressão velada (onde o indivíduo pensa ser livre, quando na verdade, suas escolhas também são determinadas a partir de um discurso alienador e messiânico, como se a estrutura dominadora dita as regras de suas vivências), o Estado exerce grande influência sobre essa dominação. Segundo Judith Butler, o que está em jogo na materialidade dos corpos é a reformulação da matéria que exerce efeito de dinâmica de poder, sendo indissociável às normas regulatórias dos efeitos materiais.

Butler evoca a ideia de que as normas e as leis regulatórias, embora engessadas durante os anos, e por esse fator exercerem bastante influência sobre a sociedade, não faz com que sejam inalteráveis ou imutáveis. Pelo contrário, como toda norma, elas estão sujeitas a

instabilidades e passíveis de (re)materialização, Butler sugere que a força dessas leis regulatórias possa se voltar contra si mesmas, e gerar rearticulações, isso abre espaço para que sujeito tenha em mente que as normas e as leis possam ser desafiadas, questionadas e a longo prazo mudadas. Ela diz ao leitor, que embora as leis e as normas a respeito de gênero sejam muito poderosas diante da sociedade, não quer dizer que elas não possam ser mudadas. Essa força não faz com que elas sejam fixas ou inalteráveis, que elas não possam ser confrontadas ou interpretadas, abrindo assim potencial demanda à resistência, seja individual ou coletiva.

O discurso que age sobre o indivíduo como um fenômeno que constrange e regula é o poder reiterativo do discurso, e faz com que o sexo não seja mais um dado corporal imposto, mas uma questão cultural que governa a materialidade dos corpos: “uma vinculação desse processo de “assumir” um sexo com a questão da identificação com os meios discursivos pelos quais o imperativo heterossexual possibilita certas identificações sexuadas e impede, ou nega, outras identificações” (Butler, 2000, p. 2). Essa hierarquia, que em dado momento era vista principalmente por parte da igreja, foi a responsável por institucionalizar a repressão por meio da confissão, e por fim, ditando como pecado tudo que era relacionado à sexualidade e principalmente à homossexualidade, à família e ao ambiente escolar também utiliza os corpos como coerção de um sistema, que não deve ser criticado e quem se atreve a fazê-lo também é alvo de uma severa exclusão. Nesse sentido, “o sujeito é constituído por meio da força de exclusão e abjeção que produzem um exterior constitutivo para ele um exterior abjeto que é, afinal, “interior” ao sujeito como seu próprio repúdio fundacional” (Butler, 2019, p. 22).

Judith Butler argumenta que o sujeito se forma através de forças de exclusão e abjeção, o exterior é considerado objeto, ou seja, essa abjeção se coloca ao interior do sujeito e o constitui em seu meio. A identidade do sujeito é produzida a partir do lugar onde ele vive, sofre com influências da sociedade e da cultura em que ele está inserido, essas influências são determinadas por padrões e normas, tidos como certo ou errado de acordo com o espaço, lugar e tempo em questão, então, aquilo que é rejeitado no sujeito, e que é exposto em seu exterior, diz muito sobre quem ele é, sobre sua identidade interna, e quando esse sujeito coloca suas características e expressões de forma exposta fogem à regra, ele é repudiado e colocado em abjeção. É importante ter em mente que a abjeção, em alguns casos, se transforma em atos violentos que partem não apenas da segregação e marginalização dos corpos, que é o que acontece com as travestis e transexuais, ademais, pode gerar violência em algum grau maior.

Esse é um repúdio que cria uma valência de “abjeção” e sua condição para o sujeito como um espectro ameaçador. Além disso, a materialização de um determinado sexo vai se preocupar sobretudo com a regulação das práticas identificatórias de tal forma que a identificação com a abjeção de sexo será persistentemente repudiada (Butler, 2019, p. 23).

Abjeção refere-se ao que é rejeitado ou marginalizado, por vezes, estigmatizado. Butler argumenta que identidade de gênero do indivíduo é influenciada ou mesmo formada, parte por essa abjeção e repúdio. Ou seja, a sociedade rejeita os indivíduos e certas identidades e comportamentos, e esses indivíduos utilizam deste ponto de rejeição e exclusão para formarem as suas identidades e os seus pontos de conexão. Butler diz que a materialização de um determinado sexo, ou seja, a maneira como a sociedade ou alguns indivíduos impõe o gênero e o sexo sobre alguns corpos ajudam a moldar quem eles se tornarão. Como se fosse uma norma, um padrão a ser seguido, algumas identidades são de maneira subsequente sempre marginalizadas e estigmatizadas ao ponto que vão se moldando a certos delineados sociais que lhe foram impostos, essa construção identitária faz com que o leitor possa refletir sobre a sociedade e as normas e comportamentos a partir da teoria *queer*.

### 1.1 HOMOEROTISMO, GÊNERO E O QUEER

É visto que, atualmente, o campo literário é um grande aliado na compreensão de certos comportamentos sociais e políticos, uma vez que a literatura é um espaço onde todas as vozes são ouvidas e sua capacidade de transformação é inegável. Ao considerar esses contextos, é interessante refletir que os estudos que compreendem a construção e a posição das vozes de minorias são um importante combustível de mudança das estruturas sociais. É preciso que se tenha em mente o que afirma (Barcellos, 2006): “a literatura é uma peça fundamental da construção dessa história e, como tal, inscreve-se nesse intervalo entre “o que se fez do homem” e “o que ele faz do que fizeram dele”.

Para o tema do homoerotismo é essencial considerar a grande questão que envolve as relações dos indivíduos com o lugar em que estão (Barcellos, 2006), logo, “é preciso pensar alguns lugares e algumas formas de emergência do homoerotismo em íntima relação com a constituição das formas hegemônicas de masculinidade”. O que o autor sugere é que o homoerotismo está ligado ao processo de construção das normas dominantes heteronormativas.

É importante que o leitor saiba que o homoerotismo não possui uma linearidade em sua manifestação e, por isso, ele pode variar conforme é apresentado em seus diferentes contextos,

sejam<sup>1</sup> culturais, sociais ou individuais. Além disso, o que Barcellos (2006) comenta em sua frase sugere que o homoerotismo está ligado às formas de construção hegemônicas masculinas, isso refere-se, frequentemente, a uma associação à força física, agressividade e falta de emoção. O homoerotismo, por sua vez, demonstra que existem várias maneiras ser “masculino”, para isso, é importante considerar como elas interagem com as normas dominantes de masculinidade.

Partindo desse ponto, tenta-se responder à seguinte pergunta: o que significa ser homem ou mulher? Para que se chegue a uma possível resposta, é necessário que entenda as que o mundo evolui, e com ele a sociedade também evolui, isso posto para refletir melhor sobre o assunto, é importante abrir um breve parêntese aqui sobre a cultura e as questões de desenvolvimento dessa cultura, como a sociedade se modifica de acordo com o seu recorte tempo espacial. Inicialmente, é importante definir a ideia de gênero, pois, essa ideia transita nesse contexto de cultura e tem seu significado baseado nos padrões de determinada época, veja a definição de gênero que é colocada por Joan Scott, em 1989, em seu artigo sobre o assunto, cujo título original é “Gender and the politics of history” (Gênero: uma categoria útil para análise histórica):

Na gramática, gênero é compreendido como um meio de classificar fenômenos, um sistema de distinções socialmente acordado mais do que uma descrição objetiva de traços inerentes. Além disso, as classificações sugerem uma relação entre categorias que permite distinções ou agrupamentos separados (Scott, 1989, p. 3).

A autora aborda o conceito de gênero na gramática com a concepção de significado de gênero de acordo com a perspectiva da gramática, deixando um pouco de lado a concepção de masculino e feminino, entretanto, aborda a questão dentro de um contexto classificatório da língua. Ou seja, não deve ser analisado apenas no contexto da sexualidade, mas como acordo social. Em resumo, é possível destacar que o gênero gramatical é complexo e é um sistema socialmente construído, que pode ser visto além da divisão masculino e feminino, além disso, é importante ter em mente que a linguagem é uma ferramenta de expressão poderosa, e que é capaz de moldar a compreensão do homem sobre o mundo: “no seu uso mais recente, o “gênero”

---

<sup>1</sup>Joan Scott é professora da Escola de Ciências Sociais do Instituto de Altos Estudos de Princeton, Nova Jersey. É especialista na história do movimento operário no século XIX e do feminismo na França.

parece ter aparecido primeiro entre as feministas americanas que queriam insistir no caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo” (Scott, 1989, p. 3).

Joan Scott destaca que gênero, muitas vezes, é baseado em convenções linguísticas, não se fixando sobre o sentido intrínseco da palavra, mas sobre acordos linguísticos sociais, ou seja, as associações de sentido são construídas sob uma perspectiva cultural, onde “a palavra indicava uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. O gênero sublinhava também o aspecto relacional das definições normativas das feminilidades” (Scott, 1989, p. 3). Com isso, o conceito de gênero vai além de um ponto de vista biológico, envolto de questões que permeia a sociedade a cultura e os relacionamentos interpessoais, e é interessante que o leitor, e estudiosos do assunto, tenham em mente que compreensão de identidade é construída socialmente, assim como a compreensão do que tange ao conceito de gênero.

A partir dos estudos de Scott, observa-se a construção da concepção de gênero de um ponto de vista mais descritivo, tendo em mente que essa concepção é construída a partir da interação dos sujeitos. Sendo assim, é necessário levar em consideração o contexto espaço temporal em que o sujeito está inserido, e todo o contexto que o cerca. “Não existe este tipo de clareza ou coerência nem para a categoria de “raça” nem para a de “gênero”. No caso de “gênero”, o seu uso comporta um elenco tanto de posições teóricas, quanto de simples referências descritivas às relações entre os sexos (Scott, 1989, p. 4), é muito importante ter em mente que concepção gênero/raça são termos complexos que têm uma face múltipla, até porque se pensar a construção do sentido da palavra, raça seria utilizada para designar o ser humano de modo geral, não como um padrão de cor ou características físicas que decorrem de determinado local, mas como um determinado grupo, bem como ocorre com os animais.

Pois bem, isso também acontece com a questão do gênero a múltiplos sentidos que podem ser designados à palavra, como por exemplo, o sentido gramatical que distingue masculino de feminino, e no contexto sexual que define macho e fêmea. Para além desses contextos, os teóricos e estudiosos podem beber da fonte dos estudos de gênero partindo da reflexão teórica do feminismo, dos estudos *queer* e da teoria pós-estruturalista. Não há pretensão de discutir cada um desses contextos, contudo, é importante que o leitor tenha em mente os diferentes pontos, diálogos reflexões sobre o assunto. Essa perspectiva abre pressupostos que podem ser abordados mais adiante com mais profundidade para poder entender que relação que o gênero desempenha dentro de determinado contexto social histórico.

Partindo do ponto de vista das diferentes interações sociais no que se refere ao gênero, pensando o conceito a partir de masculino e feminino, seria interessante leitor refletir pela ótica

do feminismo, tendo em vista a posição da mulher na sociedade e a sua subjetividade, a construção de significado que o corpo feminino possui na construção cultural histórica social.

Primeiro porque a proliferação de estudos de caso na história das mulheres parece exigir uma perspectiva sintética que possa explicar as continuidades e descontinuidades e dar conta das desigualdades persistentes, mas também das experiências sociais radicalmente diferentes. Depois porque a defasagem entre a alta qualidade dos trabalhos recentes da história das mulheres e seu estatuto que permanece marginal em relação ao conjunto da disciplina (que pode ser medida pelos manuais, programas universitários e monografias), mostram os limites das abordagens descritivas que não questionam os conceitos dominantes no seio da disciplina ou pelo menos não os questionam de forma a abalar o seu poder e talvez transformá-los (Scott, 1989, p. 5).

É proposto que se olhe para além dos casos individuais de padrões, permitindo entender de que forma as experiências das mulheres se relaciona ao longo do tempo com as questões de desigualdade de poder. Há, por assim dizer, marginalização sobre as mulheres, apesar de que atualmente existem muitos estudos relacionados à posição das mulheres na sociedade, isso se deve ao movimento feminista como um todo, entretanto, Scott sugere que seja necessário questionar os conceitos dominantes, ou seja, isso envolve mexer na estrutura e de certa forma fazer com que essa sofra de alguma forma com isso. É importante ter uma análise sintética sobre marginalização dos estudos das mulheres e a necessidade de questionar os conceitos históricos em uma análise mais complexa e significativa.

Diante disso, é pertinente dizer que os estudos feministas, e o movimento feminista como um todo, têm grande influência sobre a elaboração de análises de estudos, que contribuem para mudanças significativas na estrutura, que podem levar a uma mudança de paradigma como a própria autora Joan Scott menciona: “gênero” é sinônimo de “mulheres”. Livros e artigos de todo o tipo que tinham como tema a história das mulheres substituíram durante os últimos anos, nos seus títulos, o termo de “mulheres” pelo termo de “gênero” (Scott, 1989, p. 6). A utilização da palavra como como sinônimo de outra se dá pelo fato de que gênero tem uma aplicação neutra sobre o indivíduo diferente de mulher, relata Scott.

É interessante pensar a partir dessa concepção de “Estado Novo” não haverá um aprofundamento do assunto, mas é interessante e importante neste momento, fazer uma breve introdução sobre o que seria o “Estado Novo” dentro da produção literária, é sabido que a literatura tem o poder de movimentação grande na história de qualquer sociedade, sendo assim, durante certo período ela foi usada como promotora de uma identidade nacional ou os ideais de

um regime. Há referências de que exista uma literatura oficial do regime, e que os conteúdos publicados nesse período eram para o fortalecimento desse Estado, se torna óbvio dizer que a produção desse período estava alinhada com os interesses políticos e culturais datados da época.

Com isso, a literatura do chamado “Estado Novo” estaria em uma mescla de um controle com promoção de uma identidade, e que de certa forma giram em torno de uma mudança nesse cenário brasileiro, contudo, é importante que o leitor tenha muito claro que o foco principal aqui não é analisar a literatura produzida nessa época, até porque essa produção exige uma análise aprofundada e individual. Mas é interessante que se abra um ponto de discussão sobre as questões culturais e políticas, e principalmente se tratando de uma produção literária, ou porque não dizer artístico literário que busca representar essas mudanças no cenário social porque a partir dessa concepção de “Estado Novo”, e as demandas que essa concepção traz, é que se torna possível analisar aqui o que é levantado por Foucault sobre a biopolítica.

Entrou-se no corpo-espécie, no corpo transpassado pela mecânica do ser vivo e como suporte dos processos biológicos: a proliferação, os nascimentos e a mortalidade, o nível de saúde, a duração da vida, a longevidade, com todas as condições que podem fazê-los variar; tais processos são assumidos mediante toda uma série de intervenções e controles reguladores: uma biopolítica da população (Foucault, 1988, p. 130).

É muito importante pensar a literatura como um ato político, pensar a literatura de um lugar onde as rupturas são necessárias, o conceito de biopolítica apresentado por Michel Foucault trata dos mecanismos implementados para reger a vida individual do ser humano. Na literatura, a biopolítica tem o papel de gerar influências na maneira como os escritores abordam temas, como por exemplo, identidade, autoridade ou até mesmo das experiências humanas, um exemplo de biopolítica na literatura seria o próprio Caio Fernando Abreu com as suas experiências, e todas as questões por exemplo levantadas acerca da ditadura militar, as produções que era um publicadas nessa época, abrir política ela pode influenciar as produções de várias maneiras desde a escolha dos temas como a forma que o leitor recebe essas produções.

Michel Foucault criou o conceito de biopolítica em uma espécie de tentativa de explicar como o poder do “Estado” influenciava na vida dos indivíduos, segundo o autor, a partir do século XVIII, a vida biológica começa a se converter em objeto político. Mas é importante levar em consideração que Foucault também apresenta que a vida biológica nunca está totalmente subjugada às condições impostas pelos mecanismos de controle, e os indivíduos ao mesmo tempo que estão em uma posição regulatória sempre encontram, sempre há uma brecha ou

algum aspecto que colabore para fuga desse controle. Em resumo, a biopolítica é uma forma que as instituições governamentais tentaram de normalizar ou mesmo, normatizar as vivências individuais.

Através da contemporaneidade, analisar o processo de vivências e controle dos corpos se torna um caminho importante ao leitor, porque é através desses aspectos que se consegue entender as questões de hierarquia, que a partir de discursos sobre sexo corroboram com o aumento de força do Estado sobre o povo (corpos). Essa relação de poder é exercida pelo controle, ajuda entender os ruídos que são causados pelas questões da contemporaneidade no processo de controle social. Dalcastagnè (2017) afirma que “desde os tempos em que era entendida como instrumento de afirmação da identidade nacional até agora, quando diferentes grupos sociais procuram se apropriar de seus recursos, a literatura brasileira é um território contestado” (Dalcastagnè, 2017, p. 13).

A respeito da literatura brasileira contemporânea, Regina Dalcastagnè, em “Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais”, em uma análise aprofundada da narrativa brasileira reproduzida nas últimas décadas ajuda reforçar o conceito de Michel Foucault, tanto sobre o que se refere à produção literária como um conceito de identidade política, ou uma busca de uma produção que traga esse conceito de uma identidade nacional, mas também coloca a literatura brasileira como um espaço em disputa. A autora argumenta que o que está em jogo seria a possibilidade de falar sobre si e o mundo, e destaca que os autores e os críticos estão cada vez mais movimentando a chamada cena literária em busca de um espaço, não só como sendo um espaço de produção, mas como um espaço de poder, o que inclui de certa forma quase que como um jogo de poder e legitimidade sobre aquele que fala. A presença de novos autores, ou novas vozes, a abertura de novas abordagens e formas de pensar geram um desconforto, pois como a própria autora diz “todo espaço é um espaço em disputa” (Dalcastagnè, 2017, p. 13). Esse espaço assume o lugar, tanto no que tange ao espectro social quanto dentro das narrativas, daí o estabelecimento das hierarquias, às vezes tão mais violentas quanto mais discretas consigam parecer: quem pode passar por esta rua, quem entra nesse shopping, quem escreve literatura.

A hierarquia na produção literária brasileira pode estar contribuindo com os padrões e as normas da sociedade patriarcal e, nesse o ponto, a massa cinzenta a qual o leitor deve estar atento: “a não concordância com as regras implica avançar sobre o campo alheio, o que gera tensão e conflito, quase sempre muito bem disfarçados” (Dalcastagnè, 2017, p. 13-14). É delicado questionar esse lugar, no qual assume alguns autores, o lugar confortável onde não

entrariam as demandas de uma sociedade cíclica, sem problematizações e longe das polêmicas editoriais.

Por isso a necessidade de se refletir sobre como a literatura brasileira contemporânea, e os estudos literários, se situam dentro desse jogo de forças, observando o modo como se elabora (ou não se elabora, contribuindo para o disfarce) a tensão resultante do embate entre os que não estão dispostos a ficar em seu “devido lugar” e aqueles que querem manter seu espaço descontaminado (Dalcastagnè, 2017, p. 14).

Ainda é possível observar dentro do campo literário brasileiro, segundo Dalcastagnè, uma homogeneidade, e por mais que se tenham muitos espaços de publicação como sites, blogs, revistas eletrônicas etc., isso não traz o mesmo valor a essas publicações, e nem muito menos a publicação de um livro não transforma ninguém em escritor, a crítica levantada é, de fato, a não diversificação daqueles que estão em foco do grande público leitor, “basta observar quem são os autores que estão contemplados em vários dos itens citados, como são parecidos entre si, como pertencem a uma mesma classe social, quando não tem as mesmas profissões, vivem nas mesmas cidades, tem a mesma cor, o mesmo sexo...” (Dalcastagnè, 2017, p. 14). O capitalismo, segundo Foucault, seria responsável, junto a um conjunto de fatores, por esse processo de controle dos corpos – “foram-lhe necessários métodos de poder capazes de melhorar as forças, as aptidões, a vida em geral, sem por isto torná-las mais difíceis de sujeitar” (Foucault, 1988, p. 131).

O desenvolvimento dos grandes aparelhos de Estado, como instituições de poder, garantiu a manutenção das relações de produção, os rudimentos de anátomo e de bio-política, inventados no século XVIII como técnicas de poder presentes em todos os níveis do corpo social e utilizadas por instituições bem diversas (a família, o Exército, a escola, a polícia, a medicina individual ou a administração das coletividades), agiram no nível dos processos econômicos, do seu desenrolar, das forças que estão em ação em tais processos e os sustentam; operaram, também, como fatores de segregação e de hierarquização social, agindo sobre as forças respectivas tanto de uns como de outros, garantindo relações de dominação e efeitos de hegemonia; o ajustamento da acumulação dos homens à do capital, a articulação do crescimento dos grupos humanos à expansão das forças produtivas e a repartição diferencial do lucro, foram, em parte, tornados possíveis pelo exercício do bio-poder com suas formas e procedimentos múltiplos (Foucault, 1988, p. 131-132).

A situação de Michel Foucault, retirada de seu trabalho de 1988, aborda a ideia da biopolítica e como ela se relaciona com as estruturas de poder que norteiam a sociedade. Foucault traz a argumentação de que os grandes aparelhos de Estado, como a família, o exército, a escola, a polícia, enfim, todos os mecanismos e instituições de poder de uma sociedade mantêm técnicas para a manutenção desse poder que inclui a biopolítica para influenciar todos os níveis do chamado corpo social, sendo assim, essas técnicas de poder também operam nos processos econômicos, uma grande influência nas forças de ação e na sustentação desses processos.

Essas técnicas também atuam como fatores que influenciam na segregação hierarquização social, fazendo com que as relações de dominação e os efeitos de hegemonia perdurem. Foucault sugere que o ajustamento da acumulação de homens ao capital, ou seja, o acúmulo de força de trabalho a partir desses fatores e técnicas de poder, propiciou a repartição diferenciada do lucro, o que em parte se dá pelo exercício do biopoder. Esse é o poder com a sua forma e os seus múltiplos procedimentos, é uma técnica e, talvez, a mais direta que atua sobre a vida biológica de cada indivíduo. Isso posto, a citação de Foucault tem o intuito de destacar a maneira como as estruturas de poder em uma sociedade, incluindo, principalmente a biopolítica, que influencia os moldes dos processos econômicos e sociais.

O processo de hegemonia social tem se tornado um modo como o discurso de se enquadrar para ser aceito, tem certa força dentro dos limites da sociabilidade, os processos institucionais tem corroborado de maneira harmoniosa em relação ao controle dos corpos, como afirmou Foucault. Richard Miskolci, em “Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças”, reitera o que Foucault diz sobre os processos de controle, utilizando como ponto de partida, na introdução de seu livro, a relação de poder estabelecida na escola. Dentro dessa instituição, todos serão atravessados de forma transversal por padrões de poder; racismo, violência (*bullying*), exclusão etc.

A obra de Richard Miskolci é uma reflexão sobre a necessidade de transformação das relações de poder presentes na escola heteronormativa, e que desconhece as múltiplas faces da expressão humana impondo padrões de binários do que é esperado de “ser homem” e de “ser mulher”, a partir Miskolci, vamos começar a pensar a sociedade e os mecanismos de poder e como eles atuam, a partir da teoria *queer*, que é responsável por incorporar a sociedade brasileira dentro das discussões que questionam os dispositivos de poder, a biopolítica, e a forma desumana como atuam no controle dos corpos e desejos.

Na sala, as carteiras eram colocadas em ordem rígida e a ninguém era permitido trocar de lugar. A professora não titubeava em mostrar uma régua grande, feita de madeira, com a qual dizia “colocar na linha” os indisciplinados. Nunca a vi utilizar a tal régua, mas a ameaça de usá-la era suficiente para manter uma sombra temerosa sobre os estudantes, como se uma punição estivesse sempre à espera. Medo que se somava a outros, ainda maiores, como o de se tornar a vítima das brincadeiras cruéis dos meninos mais violentos, sempre à espreita para exercitarem sua “valentia” quando não havia nenhum funcionário por perto. Especialmente perigosos eram o banheiro e a saída, espaços liminares daquela ordem disciplinar baseada na ameaça constante de violência (Miskolci, 2012, p. 4).

Richard Miskolci, no trecho apresentado, descreve o ambiente escolar com bastante rigidez e disciplina, onde há um contexto de ameaça, punição e violência com o intuito de manter uma certa ordem. Essa descrição de sala de aula coloca o leitor num ambiente controlado e rígido, cheio de proibições e com certa inflexibilidade. A régua de madeira, mesmo que nunca usada, simboliza o controle que mantém os alunos inconstante medo, que é agravado quando existe a possibilidade de ainda se tornar vítima de brincadeiras cruéis piadas maldosas de meninos mais violentos, especialmente nos espaços como banheiros e a saída, espaços que não são controlados pela figura de autoridade que a professora.

Essa situação mostra como as instituições escolares podem usar de artifícios como a violência e a disciplina para impor uma certa ordem e controle, lógico que não é mais a realidade das escolas contemporâneas, ou pelo menos espera-se que não. Todavia, a escola é vista como uma representação micro da sociedade é o espaço que reforça as normas de gênero e sexualidade impostas pela sociedade. A citação sugere um ambiente escolar que possa ser um local seguro e inclusivo a todos os alunos e por que não refletir essa inclusão também na sociedade. “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (Foucault, 1987, p. 163), neste pequeno trecho de “Vigiar e punir”, no capítulo I da terceira parte, Foucault trata sobre “os corpos dóceis”, e como o corpo é um dispositivo de controle. Michel Foucault argumenta que o poder na sociedade contemporânea não é posto apenas sobre força física, esse poder se manifesta sobre esses temas que moldam, disciplina e controla os corpos. Um corpo dócil, segundo Foucault, seria aquele que foi devidamente treinado para se conformar com as normas e as expectativas sociais.

O objeto, em seguida, do controle: não, ou não mais, os elementos significativos do comportamento ou a linguagem do corpo, mas a economia, a eficácia dos movimentos, sua organização interna; a coação se faz mais sobre as forças que sobre os sinais; a única cerimônia que realmente importa é a do exercício. A modalidade enfim: implica numa coerção ininterrupta, constante, que vela sobre os processos da

atividade mais que sobre seu resultado e se exerce de acordo com uma codificação que esquadrinha ao máximo o tempo, o espaço, os movimentos. Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as “disciplinas”. Muitos processos disciplinares existiam há muito tempo: nos conventos, nos exércitos, nas oficinas também (Foucault, 1987, p. 163-164).

As disciplinas são métodos que ajudam no controle sobre os corpos e que opera uma relação de docilidade e utilidade. Foucault argumenta que o objetivo desse controle não são mais os elementos que produzem significado como comportamento ou a linguagem do corpo, logo, economia não seria mais um controle simbólico, mas um controle físico e funcional, isso gera um movimento ininterrupto de supervisão sobre atividades à espera de resultados, Foucault ainda menciona que esses processos disciplinadores, existem há muito tempo e em várias instituições como os conventos, o exército e as oficinas.

É interessante que o leitor esteja atento ao que diz Foucault, atento principalmente aos códigos que são muito importantes nos processos de controle social, padrão, regras, respeitabilidade. Os códigos, dois deles que são citados no trecho acima, “Objeto” e “Disciplina”, o segundo, de acordo com Foucault, “visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar suas sujeições, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente” (Foucault, 1987, p. 164). Partindo dessa análise sobre a disciplina dos corpos, todo contexto apresentado aqui chama o leitor a pensar como o sexo é, e foi durante muito tempo um meio regulador das instituições, principalmente da igreja, pensando nisso, torna-se interessante chamar ao diálogo Judith Butler, uma filósofa e teórica de gênero, ela é conhecida por suas teorias sobre gênero e sexualidade. Responsável pela situação apresentada logo abaixo no livro “Bodies that Matter” (2000), em uma tradução livre “corpos que importam”, republicado em 2019.

A categoria do “sexo” é, desde o início, normativa: ela é aquilo que Foucault chamou de “ideal regulatório”. Nesse sentido, pois, o “sexo” não apenas funciona como uma norma, mas é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa, isto é, toda força regulatória manifesta-se como uma espécie de poder produtivo, o poder de produzir — demarcar, fazer, circular, diferenciar — os corpos que ela controla. Assim, o “sexo” é um ideal regulatório cuja materialização é imposta: esta materialização ocorre (ou deixa de ocorrer) através de certas práticas altamente reguladas. Em outras palavras, o “sexo” é um constructo ideal que é forçosamente materializado através do tempo (Butler, 2019, p. 20).

Butler argumenta que o sexo é uma categoria normativa, sendo assim, “o ideal regulatório” pode atuar não apenas como a norma, mas como uma parte de uma prática regulatória que produz os corpos aos quais governa. Isso faz com que o leitor reflita que o sexo não é uma característica biológica mas uma construção social baseada em práticas culturais e sociais. E essa visão de que sexo é um ideal regulatório ajuda a entender como é reforçado na sociedade as questões de gênero e como a ideia de binaridade, parte de um ideal institucional, é vinculada aos meios de socialização já datados na sociedade. Isso posto, fica clara a ideia de Butler de que sexo é um construto social idealizado, o que é materializado se dá por meio da imposição durante os tempos.

Essa posição sobre a questão do sexo faz com que exista uma conformidade a partir da construção idealizada, com as normas de gênero, ou seja, a situação que Butler destaca é maneira como as normas são construídas, como a ideia de gênero é colocada na sociedade, isso faz com que o leitor tenha um ímpeto de questionamento sobre essas normas se faz necessário questionar. O Sexo não é apenas um fato sobre o indivíduo, todavia, é o lugar/processo pelo qual os corpos serão atravessados pelas normas e padrões regulatórios através de uma constante reiteração dessas normas, de acordo com Butler, o fato de ter que existir esse processo de reiteração é um sinal de que a materialização nunca configura de maneira completa e que esses corpos não estão conformados, nunca completamente a forma com a materialização lhe é imposta.

Nesse sentido, o corpo começa se tornar um dispositivo de “poder”, o que Foucault afirma ser uma “anatomia política”, e que se iguala a uma “mecânica do poder”, e que define “como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina” (Foucault, 1987, p. 164), e a disciplina age fabricando corpos submissos e exercitados, o que o autor chama de “corpos dóceis”, ao leitor cabe refletir a sociedade, buscar olhar para onde é possível encontrar uma doutrina do “poder”.

Esse termo utilizado por Michel Foucault, “corpo dócil”, é um conceito central em sua filosofia, e ele se refere há um corpo submetido, utilizado, transformado. Foucault argumenta que o corpo pode ser moldado, aperfeiçoado e treinado para ser útil e obediente aos termos da política. Esses processos são originários de muita disciplina que parte tinha um contexto composto por força e intrinsecamente uma certa violência, o corpo dócil é um produto trabalhado através de técnicas de dominação. Em resumo, Foucault mostra o leitor que corpo humano é um produto de seu meio variável em forças políticas e sociais.

As relações de poder por meio da disciplina dos corpos é um método que serve tanto aos interesses do meio religioso, quanto para o Estado ou para o capitalismo. Essas vertentes da sociedade se alimentam deste poder sobre os indivíduos, para solidificar seus alicerces e, por meio da alienação construir um sistema de dominação que coopere sempre com a opressão velada (onde o indivíduo pensa ser livre, quando na verdade, suas escolhas também são determinadas a partir de um discurso alienador e messiânico, como se a estrutura dominadora dita as regras de suas vivências), o Estado exerce grande influência sobre essa dominação. Segundo Judith Butler, o que está em jogo na materialidade dos corpos é a reformulação da matéria que exerce efeito de dinâmica de poder, sendo indissociável as normas regulatórias dos efeitos materiais.

Butler, no trecho anterior, evoca a ideia de que as normas e as leis regulatórias, embora engessadas durante os anos, exercem bastante influência sobre a sociedade não faz com que sejam inalteráveis ou imutáveis. Pelo contrário como toda norma, elas estão sujeitas a instabilidades e passíveis de (re)materialização, Butler sugere que a força dessas leis regulatórias possa se voltar contra si mesmas, e gerar rearticulações, isso abre espaço para que sujeito tenha em mente que as normas e as leis podem ser desafiadas, questionadas e a longo prazo mudadas. Butler traz ao leitor um pensamento de que embora as leis e as normas a respeito de gênero sejam muito poderosas diante da sociedade, não quer dizer que elas não possam ser mudadas. Essa força não faz com que elas sejam fixas ou inalteráveis, que elas não possam ser confrontadas ou interpretadas, abrindo assim potencial demanda à resistência, seja individual ou coletiva abrindo possibilidade de mudança de um sistema.

O discurso que age sobre o indivíduo como um fenômeno que constrange e regula, é o poder reiterativo do discurso e que faz com que o sexo não seja mais um dado corporal imposto, mas uma questão cultural que governa a materialidade dos corpos: “uma vinculação desse processo de “assumir” um sexo com a questão da identificação e com os meios discursivos pelos quais o imperativo heterossexual possibilita certas identificações sexuadas e impede ou nega outras identificações” (Butler, 2000, p. 2). Essa hierarquia que em dado momento era vista principalmente por parte da igreja, e que foi a responsável por institucionalizar a repressão por meio da confissão, e por fim, ditando como pecado tudo que era relacionado à sexualidade, e principalmente à homossexualidade, à família e do ambiente escolar utiliza os corpos como coerção de um sistema que não deve ser criticado, e quem se atreve a fazê-lo também é alvo de uma severa exclusão. Nesse sentido, o sujeito é constituído por meio da força de exclusão e abjeção que produzem um exterior constitutivo para ele um exterior abjeto que é, afinal, “interior” ao sujeito como seu próprio repúdio fundacional (Butler, 2019, p. 22).

Judith Butler argumenta que o sujeito se forma através de forças de exclusão e abjeção, o exterior é considerado objeto, ou seja, essa abjeção se coloca ao interior do sujeito e o constitui em seu meio. A identidade do sujeito é produzida a partir do lugar onde ele vive, sofre com influências da sociedade e da cultura em que ele está inserido, essas influências são determinadas por padrões e normas, tidos como certo ou errado de acordo com o espaço, lugar e tempo em questão, então, aquilo que é rejeitado no sujeito e que é exposto em seu exterior diz muito sobre quem ele é, sobre sua identidade interna, e quando esse sujeito coloca suas características expressões de forma exposta foge à regra e o repudiado é colocado em abjeção. É importante ter em mente que a abjeção em alguns casos se transforma em atos violentos, que partem não apenas da segregação e marginalização dos corpos, que é o que acontece com as travestis e transexuais, mas pode gerar violência em algum grau maior.

Esse é um repúdio que cria uma valência de “abjeção” e sua condição para o sujeito como um espectro ameaçador. Além disso, a materialização de um determinado sexo vai se preocupar sobretudo com a regulação das práticas identificatórias de tal forma que a identificação com a abjeção de sexo será persistentemente repudiada (Butler, 2019, p. 23).

Abjeção refere-se ao que é rejeitado ou marginalizado, por vezes estigmatizado, Butler argumenta que identidade de gênero do indivíduo é influenciada ou mesmo formada, parte por essa abjeção e repúdio. Ou seja, a sociedade rejeita os indivíduos e certas identidades e comportamentos, e esses indivíduos utilizam desse ponto de rejeição e exclusão para formarem as suas identidades e os seus pontos de conexão. Butler diz que a materialização de um determinado sexo, ou seja, é a maneira como a sociedade ou alguns indivíduos impõe o gênero e o sexo sobre alguns corpos ajudam a moldar quem eles se tornarão. Como se fosse uma norma, um padrão a ser seguido, algumas identidades são de maneira subsequente sempre marginalizadas e estigmatizadas ao ponto que vão se moldando a certos delineados sociais que lhe foram impostos, essa construção identitária faz com que o leitor possa refletir sobre a sociedade e as normas e comportamentos a partir da teoria *queer*.

Os estudos *queer* já havia estabelecido seus pressupostos a partir da década de 70, inicialmente pautado como uma contracultura nos Estados Unidos tinha proposta inicial a luta contra um sistema social. Assim, por exemplo, estabelecer *status* heteronormativos, como por exemplo, família, casamento estava fora de cogitação, pois esses modelos mantinham uma forte ligação com os padrões heterossexuais de viver. Segundo João Silvério Trevisan, sem seu livro

“Devassos no paraíso”. Foi no ano de 1980 que a comunidade LGBT americana passa a utilizar consciente do positivo o termo que antes era pejorativo “queer”, sabe-se que o uso popular da palavra inglês significa “esquisito”, “excêntrico”, “bizarro”, principalmente quando se diz respeito a comportamentos vistos pela sociedade como suspeitos, em certo período da história, esses comportamentos eram vistos como desviantes.

Com isso, o movimento *queer* é nova nos anos de 1990 com as ações diretas do grupo *Queer Nation*, em Nova York, que tinha como proposta a invasão da cena homofóbica em todos os aspectos possíveis. Nesse momento, já não seria tão importante apenas recusar os modelos e padrões heteronormativos seu sistema social político, agora, a prioridade torna-se a conquista de um espaço dentro desse sistema, não havendo mais qualquer tipo de concessão, “a proposta queer propôs uma resignificação dessa dicotomia através da invasão da praia heteronormativa: integrar-se para desintegrar” (Trevisan, 2018, p. 507). Nesse período, houve do pequeno resgate do que era pejorativo, o *queer* então passa por um processo de evolução a partir de suas lutas, com seu valor eminente como afirma João Silvério Trevisan (2018), e começa a ter peso prioritário na definição de pautas LGBT, ou por que não dizer na criação de uma política *queer*.

O que antes poderia tornar “conceitos identitários” algo rígido, passou-se a partir de então a constituir uma definição abrangente suficiente para incluir e acolher qualquer identidade. Em resumo, reivindicou seus espaços de todas as “identidades”, incluindo a não binária, aquela que não se identifica como masculino ou feminino, apropriação do termo que antes era homofóbico, criou-se uma teoria em cima do termo *queer*, o que desestabilizou os padrões e as suposições de “sexualidades”.

Razão para tanto é que ser “queer está perpetuamente em confronto com o normal, a norma, seja ela a heterossexualidade dominante ou a identidade gay/lésbica” no sentido de bem comportada. Em outras palavras, consagrou-se o direito ao desvio. Daí, “queer é definitivamente excêntrico, anormal”. Abolidas, as categorias estigmatizantes tornaram-se valores, no entendimento de que “a promoção de uma heterossexualidade normativa depende de uma homossexualidade estigmatizada” (Trevisan, 2018, p. 507).

Entende-se como corpo *queer*; aqueles que são “estranhos” aqueles que de certa forma incomodam e perturbam os padrões e normas sociais, aqueles corpos que são estigmatizados, subjugados e estigmatizados. São aqueles sujeitos cujas sexualidades são vistas como desviantes, são os homossexuais, travestis, transexuais e drags, são os corpos que são colocados à margem simplesmente pela sua forma de ser, a partir dos estudos *queer*, e de uma abordagem

radical como diz João Silvério Trevisan (2018), foi possível um avanço considerável na ampliação dos conceitos de sexualidade e gênero. Dentro do campo acadêmico, os estudos de gênero já se desenvolveram nas mais diferentes áreas, seja na literatura, nas artes plásticas ou mesmo nas ciências sociais, os estudos *queer* mostram uma perspectiva que vem contra a heteronormatividade, como o próprio Trevisan (2018) nos diz, vem em forma de “literatura de resistência” ao discurso normativo.

Ao trazer para as pautas LGBTQ+ discussões sobre identidade de gênero, um discurso não normativo, isso agregou novas questões à luta e exigências a respeito de questões identitárias, abrindo espaço não somente para discussões sobre sexualidade, como também a respeito de gênero. Novas letras, então, passam a ocupar a sigla que agora engloba ainda mais a diversidade que cada indivíduo carrega, “assim o antigo binarismo GL genérico passou para GLBT, e depois LGBTQ, adquirindo variações cada vez mais complexas até chegar aos agrupamentos quase cifrados como LGBTQTTQI+ (com Q de *Queer*, e o I de intersex plus)” (Trevisan, 2018, p. 509). Entretanto, é preciso pensar que fato pode definir o *queer*, além de toda essa pluralidade encontrada na sigla, de forma bem clara, Spargo (2017) traz uma definição sobre o *queer*, e o que o faz ser um campo do saber.

Em inglês, o termo “queer” pode ter função de substantivo, adjetivo ou verbo, mas em todos os casos se define em oposição ao “normal”, ou à normalização. A teoria queer não é um arcabouço conceitual ou metodológico único ou sistemático, e sim um acervo de engajamentos intelectuais com as relações entre sexo, gênero e desejo sexual. Se a teoria queer é uma escola de pensamento, ela tem uma visão profundamente não ortodoxa de disciplina. O termo descreve uma gama diversificada de práticas e prioridades críticas: interpretações da representação do desejo entre pessoas do mesmo sexo em textos literários, filmes, músicas e imagens; análises das relações de poder sociais e políticas da sexualidade; críticas do sistema sexo-gênero; estudos sobre identificação transexual e transgênero, sobre sadomasoquismo e sobre desejos transgressivos (Spargo, 2017, p. 13).

A teoria *queer* abrange diferentes áreas críticas, é possível percebê-la nas interpretações da representação do desejo entre pessoas do mesmo sexo, o que inclui a análise de textos literários, filmes, músicas imagens que retratam relacionamentos e vivências homoafetivos, além de relações de poder sociopolíticas da sexualidade examinando, como esse poder influência as normas sexuais e como essas normas podem ser contestadas, além de questionar as categorias binárias de gênero, buscando entender a fluidez e a diversidade das identidades

de gênero, explorando experiências a partir dos estudos sobre identificação transexual e transgênero, suas lutas e o reconhecimento por seus direitos.

A teoria queer inclui não somente questões sexuais ou de desejos sexuais, mas principalmente um amplo quadro de dinâmicas sociais – maneiras de se vestir, aparência corporal, discurso, profissão, formas de ser no mundo, classe social – que é homologamente correlato à sexualidade enquanto discurso dominante na sociedade contemporânea (Callegari, 2009, p. 2).

É notável, através dos estudos a respeito da teoria *queer*, que ela faz uma abordagem crítica e transgressora que transcende a análise estritamente sexual, encontrando uma ampla gama de dinâmicas sociais. Ela é uma questionadora de normas e categorias tradicionais de gênero e sexualidade aos quais ela explora com o intuito de instigar sempre questionamento sobre os padrões pré-estabelecidos na sociedade. A teoria *queer* vem em contraponto com a ideia de que existem apenas duas categorias de gênero sendo elas masculino e feminino, além levantar discussões a respeito da sexualidade binária, ou seja, heterossexual ou homossexual, ela reconhece a existência de outras identidades de gênero e orientações sexuais.

Outro ponto a ser levantado quanto ao gênero e a sua performance, a teoria *queer* não trata o gênero como algo inato, mas como uma forma de performance social, com isso, é possível perceber o gênero através de ações, roupas, linguagem e comportamentos. A teoria *queer* analisa além das sexualidades, considera outros aspectos importantes para a construção do sujeito, como por exemplo, a classe social, aparência física, profissão e formas de expressão, pois através desses fatores que é possível perceber as interações e experiências que moldam cada sujeito, talvez, a questão a se pensar quanto a teoria *queer* seria como ela busca desestabilizar as normas sociais, questionando aquilo que é considerado como “normal” e “aceitável”.

Segundo Callegari (2009), “como a desconstrução e outros movimentos contemporâneos, a teoria *queer* usa o marginal, o que foi posto de lado como perverso, para analisar a construção cultural do centro: normatividade heterossexual” (Callegari, 2009, p. 2), ou seja, não existe uma preocupação em apenas questionar a construção cultural da sexualidade, mas também de desafiar a própria cultura. É preciso ir além da negação das relações homossexuais, abrindo caminho para que se possa explorar de que forma as normas sociais e culturais influenciam na compreensão social de sexualidade, e de que forma se compreende a

identidade de gênero, isso ajuda de certa forma a não aceitar as normas de forma passiva, contribuindo para uma desconstrução e abrindo espaço para uma diversidade não só de experiências como também de identidades.

Assim como o feminismo e os estudos étnicos, a teoria *queer* está diretamente ligada a movimentos sociais de libertação que buscam igualdade injustiça para os grupos marginalizados, além do movimento feminista, do movimento LGBT+ e dos movimentos pelos direitos civis e étnicos. Existe uma preocupação e objetivos comuns dos quais a teoria *queer* se beneficiou compartilhando interesses intelectuais com esses grupos, em dado momento, houve debates sobre estratégias, conceitos e abordagens que seriam apropriadas para alcançar a igualdade e a mudança social, esses debates foram essenciais para que houvesse uma nova perspectiva sobre os conceitos de liberdade e identidade.

É muito importante pensar que a teoria *queer* não compreende apenas assuntos ou demandas relacionados aos estudos acadêmicos, mas também a influência de forma intrínseca na cultura e na política, isso é possível, porque ela questiona as normas dominantes contribuindo para a transformação da sociedade e a aceitação é diversidade das várias formas de identidade, sendo uma força crítica propulsora na busca de mudanças significativas dentro de movimentos sociais e culturais, sempre buscando uma visão mais inclusiva e igualitária.

## 1.2 ABJEÇÃO E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE EM “PEQUENO MONSTRO” E “SARGENTO GARCIA”

É visto que, atualmente, o campo literário é um grande aliado na compreensão de certos comportamentos sociais e políticos, uma vez que a literatura é um espaço onde todas as vozes são ouvidas e sua capacidade de transformação é inegável. Ao considerar esses contextos, é interessante refletir que os estudos que compreendem a construção e a posição das vozes de minorias são um importante combustível de mudança das estruturas sociais. É preciso que se tenha em mente o que defende Barcellos (2006): “a literatura é uma peça fundamental da construção dessa história e, como tal, inscreve-se nesse intervalo entre “o que se fez do homem” e “o que ele faz do que fizeram dele”.

Sobre homoerotismo, é essencial considerar a grande questão que envolve as relações dos indivíduos com o lugar em que estão, para Barcellos (2006), “é preciso pensar alguns lugares e algumas formas de emergência do homoerotismo, em íntima relação com a constituição das formas hegemônicas de masculinidade”. O que o autor sugere é que o homoerotismo está ligado ao processo de construção das normas dominantes heteronormativas.

É importante que o leitor saiba que o homoerotismo não possui uma linearidade em sua manifestação, e por isso, ele pode variar conforme é apresentado em seus diferentes contextos, sejam culturais, sociais ou individuais. Além disso, o que Barcellos comenta em sua frase, sugere que o homoerotismo está ligado às formas de construções hegemônicas masculinas, isso refere-se frequentemente a uma associação a força física, agressividade e falta de emoção. O homoerotismo, por sua vez, demonstra que existem várias maneiras ser “masculino”, é importante considerar como elas interagem, assim como as normas dominantes de masculinidade.

Partindo desse ponto, tenta-se responder a seguinte pergunta, o que significa ser homem ou mulher? Para que se chegue a uma possível resposta, é necessário que entenda que o mundo evolui, e com ele, a sociedade também evolui. É importante, então, abrir um breve parêntese aqui sobre a cultura e as questões de desenvolvimento dessa cultura, como a sociedade se modifica de acordo com o seu recorte tempo espacial. Inicialmente, é importante definir a ideia de gênero, pois, essa ideia transita nesse contexto de cultura e tem seu significado baseado nos padrões de determinada época, veja a definição de gênero que é colocada por Joan Scott, em 1989, em seu artigo sobre o assunto, cujo título original é “Gender and the politics of history” (Gênero: Uma categoria útil para análise histórica):

Na gramática, gênero é compreendido como um meio de classificar fenômenos, um sistema de distinções socialmente acordado mais do que uma descrição objetiva de traços inerentes. Além disso, as classificações sugerem uma relação entre categorias que permite distinções ou agrupamentos separados (Scott, 1989, p. 3).

Nessa situação, Scott aborda o conceito de gênero, deixando um pouco de lado a concepção de masculino e feminino, mas também abordando a questão dentro de um contexto classificatório da língua. Ou seja, não deve ser analisado apenas no contexto da sexualidade, mas, como acordo social. Em resumo, é possível destacar que o gênero gramatical é complexo e, é um sistema socialmente construído que pode ser visto além da divisão masculino e feminino, além disso, é importante ter em mente que a linguagem é uma ferramenta de expressão poderosa, e que é capaz de moldar a compreensão do homem sobre o mundo: “no seu uso mais recente, o “gênero” parece ter aparecido primeiro entre as feministas americanas

que queriam insistir no caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo” (Scott, 1989, p. 3).

Joan Scott diz que gênero, muitas vezes, é baseado em convenções linguísticas, não se fixando sobre o sentido intrínseco da palavra, todavia, sobre acordos linguísticos sociais, ou seja, as associações de sentido são construídas sob uma perspectiva cultural. “A palavra indicava uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. O gênero sublinhava também o aspecto relacional das definições normativas das feminilidades” (Scott, 1989, p. 3). Com isso, o conceito de gênero vai além de um ponto de vista biológico, é um envolvimento de questões que permeia a sociedade a cultura, os relacionamentos interpessoais, e é interessante que o leitor ou estudiosos do assunto tenham em mente, que compreensão de identidade é construída socialmente, assim como a compreensão do que tange ao conceito de gênero.

A partir dos estudos de Scott, interessante observar a construção da concepção de gênero de um ponto de vista mais descritivo, tendo em mente que essa concepção é construída a partir da interação dos sujeitos. Sendo assim, é necessário levar em consideração o contexto espaço temporal em que o sujeito está inserido, e todo o contexto que o cerca.

Não existe este tipo de clareza ou coerência nem para a categoria de “raça” nem para a de “gênero”. No caso de “gênero”, o seu uso comporta um elenco tanto de posições teóricas, quanto de simples referências descritivas às relações entre os sexos (Scott, 1989, p. 4).

É importante ter em mente que concepção gênero/raça são termos complexos, que tem uma face múltipla, até porque se pensar a construção do sentido da palavra, raça seria utilizada para designar o ser humano de modo geral, não como um padrão de cor ou características físicas que decorrem de determinado local, mas como um determinado grupo, assim como ocorre com os animais. Pois bem, isso também acontece com a questão do gênero, a múltiplos sentidos que podem ser designados a palavra, como por exemplo, o sentido gramatical que distingue masculino de feminino, e no contexto sexual que define macho e fêmea. Partindo do ponto de vista das diferentes interações sociais no que se refere ao gênero, pensando o conceito a partir de masculino e feminino, seria interessante para o leitor pensar pela ótica do feminismo, tendo em vista a posição da mulher na sociedade e a sua subjetividade, a construção de significado que o corpo feminino possui na construção cultural histórica social.

Primeiro porque a proliferação de estudos de caso na história das mulheres parece exigir uma perspectiva sintética que possa explicar as continuidades e descontinuidades e dar conta das desigualdades persistentes, mas também das experiências sociais radicalmente diferentes. Depois porque a defasagem entre a alta qualidade dos trabalhos recentes da história das mulheres e seu estatuto que permanece marginal em relação ao conjunto da disciplina (que pode ser medida pelos manuais, programas universitários e monografias), mostram os limites das abordagens descritivas que não questionam os conceitos dominantes no seio da disciplina ou pelo menos não os questionam de forma a abalar o seu poder e talvez transformá-los (Scott, 1989, p. 5).

O proposto é um olhar para além dos casos individuais de padrões, é permitir entender de que forma as experiências das mulheres se relaciona ao longo do tempo com as questões de desigualdade de poder. Há por assim dizer, a marginalização sobre as mulheres, apesar de que atualmente existem muitos estudos relacionados à posição das mulheres na sociedade, isso se deve ao movimento feminista como um todo, entretanto, Scott sugere que seja necessário questionar os conceitos dominantes, ou seja, isso envolve mexer na estrutura e de certa forma, fazer com que essa sofra de alguma forma com isso, é importante ter uma análise sintética sobre marginalização dos estudos das mulheres e a necessidade de questionar os conceitos históricos em uma análise mais complexa e significativa.

Diante disso, é pertinente dizer que os estudos feministas, e o movimento feminista como um todo, tem grande influência sobre a elaboração de análises de estudos, que contribui para mudanças significativas na estrutura, é podem levar a uma mudança de paradigma, como Joan Scott menciona, ““gênero” é sinônimo de “mulheres”, livros e artigos de todo o tipo, que tinham como tema a história das mulheres substituíram durante os últimos anos nos seus títulos o termo de “mulheres” pelo termo de “gênero” (Scott, 1989, p. 6), a utilização da palavra como como sinônimo de outra se dá pelo fato de que gênero tem uma aplicação neutra sobre o indivíduo diferente de mulher relata Scott.

Segundo Scott (1989), ao discutir as questões femininas ou usar o termo “história das mulheres”, o termo neutralizante “gênero” que se fixa como propriedade totalizante, de modo que, ao mudar o termo, por um lado utiliza se a questão da neutralidade, enquanto por outro lado o indivíduo feminino, é apagado da história. O assunto mostra o quão complicado é essa discussão do ponto de vista social, pois as mulheres foram e são importantes na construção da história política da sociedade, mudança de termos provoca o apagamento dessa participação.

Considerando as questões relacionadas à posição da mulher na sociedade e principalmente a construção da história política dessas mulheres serão consideradas as questões relacionadas ao feminismo e aos estudos de gênero. De acordo com Scott, discutir sobre gênero

se tornou útil para distinguir o papel social e sexual com relação aos papéis atribuídos ao homem e a mulher, a utilização do termo gênero tende a ter um papel de confirmar a dominação por parte do que é masculino, neutralizar os aspectos do feminino na sociedade. A libertação das mulheres baseia-se na compreensão correta do processo reprodutivo, ou seja, é necessário analisar as contradições entre a natureza do trabalho reprodutivo das mulheres e a mistificação ideológica dos homens que muitas vezes esconde essa realidade, quando o movimento de libertação das mulheres nasceu na década de 1960, as tarefas domésticas tornaram-se importante tópico de discussão.

Scott acredita que se tornou útil discutir o gênero para distinguir entre os papéis sociais e sexuais, associados aos papéis atribuídos aos homens e as mulheres. O uso do termo gênero tende a afirmar a dominação masculina, neutralizando aspectos das mulheres na sociedade. A libertação das mulheres baseia-se numa correta compreensão do processo reprodutivo, ou seja, é necessário analisar a contradição entre a natureza do trabalho reprodutivo das mulheres e o engano ideológico dos homens, que muitas vezes obscurece essa realidade. Na década de 1960, o trabalho doméstico tornou-se um tema importante para discussões acadêmicas, pois, a partir de pesquisas relacionadas ao assunto, é possível dialogar sobre a posição da mulher dentro de um contexto sócio-histórico regido pelo patriarcado. Cabe aqui, falar brevemente sobre o termo “masculinidade hegemônica”, para chegar a um possível entendimento do papel masculino na construção dos padrões sociais de dominação.

O conceito “masculinidade hegemônica” foi criado há duas décadas, e é trazido em um artigo intitulado “Masculinidade Hegemônica: repensando o conceito” escrito por Robert W. Connell, da Universidade de Sydney, e por James W. Messerschmidt, University Southern Maine.

O conceito de masculinidade hegemônica foi primeiro proposto em relatórios de um estudo de campo sobre desigualdade social nas escolas australianas; em uma discussão conceitual relacionada à construção das masculinidades e à experiência dos corpos de homens; e em um debate sobre o papel dos homens na política sindical australianas. O projeto nas escolas forneceu a evidência empírica de múltiplas hierarquias – de gênero e ao mesmo tempo de classe – entrelaçadas com projetos ativos de construção do gênero (Connell; Messerschmidt, 2013, p. 242).

Esse conceito influenciou os estudos de gênero em diversas áreas acadêmicas. Isso foi sugerido pela primeira vez nos relatórios de estudos de campo “Desigualdade Social nas Escolas Australianas”. Desde então, o conceito tem sido discutido em debates conceituais

relacionados à construção da masculinidade e às experiências do corpo masculino. Além disso, foi abordado em discussões sobre o papel dos homens na política sindical australiana. Conceitualmente, “masculinidade hegemônica” refere-se à prática atual que “legítima a posição dominante dos homens na sociedade”, justifica “a subjugação das mulheres” e outras formas marginalizadas de ser homem.

Tem como objetivo explicar como e por que os homens mantêm papéis sociais dominantes sobre as mulheres e as outras identidades de gêneros consideradas “femininas” em uma determinada sociedade. Embora o conceito de masculinidade hegemônica seja central para muitos estudos, também deve ser criticado. Algumas delas incluem modelos rígidos baseados em características de gênero e tipologias simplistas. Contudo, é importante compreender que esse conceito não corresponde ao modelo de reprodução social. Isso deve ser entendido nas lutas sociais onde as masculinidades subordinadas também afetam as formas dominantes. Portanto, é necessário considerar a complexidade das hierarquias de gênero, das geografias da masculinidade, da incorporação em contextos de privilégio e poder e da dinâmica interna da masculinidade hegemônica. A masculinidade hegemônica é um conceito essencial para a compreensão do poder e das relações de gênero na sociedade, mas a sua aplicação deve ser cuidadosa e crítica, consciente de nuances e contradições que a acompanham.

Em seu artigo “Como traduzir a teoria queer para língua Portuguesa”, o professor Mario Cesar Lugarinho destaca uma mudança significativa na crítica literária que ocorreu durante o século XX. A análise literária evoluiu e tinha uma abordagem estruturalista que se concentrava principalmente na forma e no estilo do texto para uma abordagem pós-estruturalista, considera o texto dentro do seu contexto cultural mais amplo. Como já citado nesta pesquisa, Roland Barthes, teórico francês, desempenhou um papel crucial nessa transição, argumenta que a literatura é um lugar privilegiado para a encenação de todos os saberes, o que significa que um texto literário pode ser usado para explorar uma ampla gama de ideias e conceitos. Isso marca o fim da era estruturalista dos estudos literários. Essa contextualização é importante.

Como cita Mario Cesar Lugarinho, a crítica pós-estruturalista, por outro lado, vê o texto literário não apenas como um artefato linguístico, mas também como objeto cultural. Isso significa que os críticos literários começaram a considerar a obra literária no contexto de sua produção, levando em conta as condições da produção do discurso. Essa mudança permite uma compreensão mais profunda e rica da literatura, pois reconhece que a literatura é influenciada por uma variedade de fatores culturais e sociais, e não apenas pelas escolhas estilísticas e formais do autor.

É flagrantemente perceptível que, ao mesmo tempo em que a lição de Roland Barthes punha definitivamente um ponto final no capítulo estruturalista dos estudos literários, afirmando a Literatura como lugar privilegiado para a encenação de todos os saberes, o desenvolvimento da crítica pós-estruturalista fez com que os críticos literários deixassem de lado a perspectiva exclusiva do texto como um artefato unicamente linguístico e passassem a se dedicar a observar a obra literária no contexto de sua produção como, sobretudo, um objeto cultural, a partir das chamadas condições de produção do discurso (Lugarinho, 2013, p. 36).

Essa situação destaca o desenvolvimento da crítica literária o seu papel crucial na análise literária principalmente nos estudos de gênero, todavia, chama também a atenção para considerar o contexto cultural e social intrínseco em cada obra. Lugarinho (2013) continua dizendo que, no Brasil dos anos 80 houve um abandono dos paradigmas estruturalistas, isso ocorre quando começa a discussão sobre a produção literária acerca dos gêneros. A procura por uma produção feminina, “quando se começou a discutir a produção literária feminina a partir de uma teoria dos gêneros, oriunda da conjugação interdisciplinar da Linguística, da Filosofia, da Sociologia, da Psicologia e da Psicanálise” (Lugarinho, 2013, p. 36).

Após a procura, o que importa agora são os modos de representação sofridos pela mulher um texto literário, ou seja, a imagem das mulheres na literatura, quer como sujeitos, quer como sujeitos do discurso. Ele acredita que as mulheres são moldadas por estruturas culturais específicas dentro dos contextos literários. Além disso, destaca a necessidade de levar em conta outros fatores que influenciam a produção do discurso literário, como classe social, raça, nacionalidade e orientação sexual.

É possível perceber que a possível interdisciplinaridade é essencial considerar essas questões, sugerindo que é necessária uma abordagem diversificada para compreender plenamente a representação das mulheres na literatura. O objetivo final seria desconstruir uma tradição literária que é entendida principalmente como masculina, heterossexual, cristã, burguesa e branca, como cita Lugarinho (2013). Isso indica uma compreensão mais completa da literatura e de suas expressões, e chama atenção para a necessidade de uma análise mais profunda e abrangente da representação das mulheres na literatura, levando em consideração os fatores sociais e culturais, e a partir da representação da mulher na literatura é possível delinear melhor a posição e os fatores abarcam a discussão sobre gênero.

Examinando todo esse percurso de linguagem e desejo, seria interessante começar uma análise dos contos de Caio Fernando Abreu, partindo de “Sargento Garcia”, compreendendo o contexto em que o conto se constrói e as relações que se entrecruzam. Os lugares que são ocupados por esses personagens e a forma como eles utilizam desses lugares frente à

subjetividade que eles manifestam, diante do ambiente em que se encontram e, a austeridade desse ambiente. Os personagens se adaptam a cada situação e interlocutor, modificando sua fala e comportamento para expressar seus desejos. Ao considerar o conto “Sargento Garcia” na conexão com a sociedade, pois há indivíduos que vivem sua sexualidade em locais afastados do espaço das convivências. Olhando para essa realidade, a sociedade faz do espaço das representações um jogo de máscaras e normas, para tanto, a intenção aqui é olhar para o conto de Caio F. de forma a incutir reflexões e apontar perspectivas que são intrínsecas às relações ao espaço em que se insere os personagens.

“A interiorização da norma, patente na gestão da sexualidade, corresponde ao mesmo tempo a uma penetração extremamente fina do poder nas malhas da vida e à sua subjetivação” (Revel, 2005, p. 30), ou seja, o homem é um objeto nas mãos da sociedade e a norma é uma forma de manter o indivíduo sob essa dominação. O sujeito carrega em si algo que é intrínseco da relação com o meio, e isso vai influenciar de maneira direta o seu padrão de comportamento perante a sociedade. É possível ver isso no conto, na percepção do espaço, cabe apontar, também sobre os aspectos de masculinidade e como a ideia de virilidade está associada ao ambiente do indivíduo. No conto, Garcia assume uma persona totalmente diferente no ambiente do quartel, do que aquela que mostrará mais a frente, quando está sozinho com o personagem de Hermes que era um jovem de porte pequeno e frágil. Há uma diferença na perspectiva de masculinidade, e como os personagens vivem.

Levantou-se e veio vindo na minha direção. A camiseta branca com grandes manchas de suor embaixo dos braços peludos, cruzados sobre o peito, a ponta do rebenque curto de montaria, ereto e tenso, batendo ritmado nos cabelos quase raspados, duros de brilhantina, colados ao crânio. Num salto, o rebenque enveredou em direção à minha cara, desviou-se a menos de um palmo, zunindo, para estalar com força nas botas. Estremeci. Era ridícula a sensação de minha bunda exposta, branca e provavelmente trêmula, na frente daquela meia dúzia de homens pelados. O mandorová contraiu-se, lesma respingada de sal, a cortina afastou-se para um lado. Um brilho de ouro dançou sobre o canino esquerdo (Abreu, 2019, p. 317).

Judith Revel (2005, p. 81) argumenta que “[...] foi esse conjunto heterogêneo que estava recoberto pelo dispositivo de sexualidade que produziu, em determinado momento, como elemento essencial de seu próprio discurso e, talvez, de seu próprio funcionamento, a ideia do sexo". Se pensarmos que somos fruto de nossas relações individuais e com o meio em que estamos inseridos, o nosso discurso é construído a partir de nossas múltiplas interações sociais.

Logo, partindo desse pressuposto, podemos refletir sobre a ideia de sexo e sexualidade, masculino e feminino. Vejamos:

Para tanto, creio ser imprescindível, do ponto de vista metodológico, buscar articulações entre o discurso sobre identidade sexual e o discurso sobre identidade de gênero, numa perspectiva que contemple a unidade entre ética e estética no processo de constituição das subjetividades e dos desejos. Ou seja, é preciso pensar alguns lugares e algumas formas de emergência do homoerotismo, em íntima relação com a constituição das formas hegemônicas de masculinidade, não tanto segundo o paradigma político da minoria oprimida, mas sim mediante o paradigma histórico-cultural da interdependência semântica e semiológica dos dois processos. Nesse tipo de abordagem, a hermenêutica do desejo homoerótico é indissociável da hermenêutica do ideal de masculinidade, pois um e outro se estruturariam a partir dos mesmos sinais, sentidos e valores (Barcellos, 2006, p. 222-223).

Levando em conta esses aspectos, cabe ao leitor, ter a consciência de que o desejo é moldado pela estruturação social do indivíduo, ou seja, é preciso entender que até mesmo os desejos “sexuais” e “afetivos” são influenciados por um discurso que está ligado ao tempo e espaço em que ele se inscreve. Em “Sargento Garcia”, o personagem do sargento é um homem rude e austero no ambiente social e, do outro lado, o homem que vive sobre o medo da exclusão, o medo de ser visto diferente e ser estigmatizado, perdendo sua autoridade e virilidade. A possibilidade de viver sob a ótica da exclusão, leva Garcia a viver de forma marginalizada, escondendo aquilo que, para ele, é um motivo de vergonha, pois pode demonstrar sinal de fraqueza perante os outros e a sua masculinidade, nesse caso, é um latente mecanismo de camuflagem por medo da exposição. O espaço atua de forma alienante sobre o comportamento do sargento, diante da sociedade.

Leão entediado, general espartano, tão minucioso que podia descobrir a cicatriz de arame farpado escondida na minha coxa direita, os três pontos de uma pedrada entre os cabelos, e pequenas marcas, manchas, mesmo as que eu desconhecia, todas as verrugas e os sinais mais secretos da minha pele. Moveu o cigarro com os dentes. A brasa quente passou raspando junto à minha face. O mamilo do peito saliente roçou meu ombro. Voltei a estremecer (Abreu, 2019, p. 317).

Como podemos ver, temos a imagem de um homem másculo, viril e que anda de acordo com os padrões pré-estabelecidos socialmente como aceitáveis, comportamentos que todo menino cresce tendo como uma norma a ser seguida; andar com outros rapazes, brincar de bola

e se comportar como homem. Qualquer menino que foge à regra entra para o espaço da exclusão. Vemos no conto como o sujeito está ligado ao ambiente, “tenho que lidar com gente grossa o dia inteiro” [...]. “Passo o dia inteiro naquele quartel, com aquela bagualada mais grossa que dedo destroncado. E com eles a gente tem é que tratar assim mesmo, no braço, trazer ali no cabresto, de rédea curta, senão te montam pelo cangote e a vida vira um inferno” (Abreu, 2019). Há nesse trecho, uma justificativa de Luiz Garcia por seu comportamento, como se dissesse para Hermes e para o leitor que ele é daquela forma por conta do espaço que ocupa, sua posição perante a sociedade. É importante olharmos para a masculinidade e como é importante para Garcia manter essa aparência.

O próprio agente é um lugar em que ecoam as significações desses horizontes simbólicos amplos, através de suas vivências que o constituem num processo sempre dinâmico. Isto me permite dizer que as vivências interacionais da masculinidade estão sempre emergindo a partir de um horizonte subjetivo, do agente, lugar imaginário, originado de outro mais amplo, que são os horizontes intersubjetivos, constituídos pelas imbricações contínuas e mutáveis entre os diferentes lugares simbólicos e que expressam, entre outros, padrões e relações de força, historicamente instituídos (Oliveira, 2004, p. 249).

No conto, o espaço surge como elemento que une as duas identidades de Garcia, tanto o quartel, quanto a casa de Isadora, são lugares que compõem a personalidade do sargento. Quando analisamos o jovem Hermes, vemos a figura de um rapaz que está em sua descoberta de identidade, pois ele ainda busca saber quem ele é e o que quer fazer de sua vida. Ao contextualizar com o espaço dos homens gays, aqueles que tem desejos homoeróticos, e que vivem de acordo com os padrões heteronormativos; se casando ou não com mulheres, esses indivíduos são representados pela figura do sargento, pois precisam viver suas aparências para adquirir a aprovação social, mas vivem uma vida pautada pela marginalidade, vivem em esconderijos sociais e guetos, como boates, cinemas e saunas. Ambientes criados para que essas pessoas possam gozar do seu direito de liberdade, mesmo que seja uma liberdade às escondidas.

Neste ponto, resulta interessante voltar à "região moral" de Park. As populações que a transitavam, lembremos, não residiam, mas perambulavam pelo local; reuniam-se, nem tanto de acordo com seus interesses, mas na comunhão de seus desejos e seus temperamentos - ou, diríamos mais cruamente, de seus "vícios". Na "região moral", heteróclita na diversidade das fugas que, em seu seio, a maneira de uma válvula de escape que liberasse os impulsos “reprimidos pela moral social”, se refugia; proceder-

se-ia, ao mesmo tempo, a uma canalização/viabilização e a uma "reterritorialização relativa" dos impulsos e trajetórias desterrados, proscritos (Perlongher, 1989, p. 7).

Ao pensar de que maneira os personagens do conto de Caio F. são afetados pelo espaço, estamos refletindo sobre identidades, pois, identidade e o espaço estão intimamente interligados. O personagem de Hermes é um jovem que está em um processo de transformações, sua identidade está em formação e o ambiente do quartel mostra isso. Sabe-se que um marco na vida de um adolescente é o momento de alistamento, ali há uma espécie de ritual de passagem de jovem para adultos. Nota-se que para Hermes, esse momento é algo muito maior, porque existem questões mais profundas que envolvem a sua sexualidade, e no ambiente do quartel os desejos que ele até então não sabia defini-los ou não podia, ganham destaque nos pensamentos do jovem rapaz.

Hermes sabe que tem sensações e sentimentos que o difere de outros jovens de sua idade, “[...] já tenho dezessete anos, quase dezoito, e nenhuma vergonha na cara, meu sargento, nenhum amigo, só está tontura seca de estar começando a viver, um monte de coisas que eu não entendo, todas as manhãs, meu sargento, para todo o sempre, amém” (Abreu, 2019). O jovem, em sua timidez, possui sentimentos que ele não consegue distinguir, e que na presença da figura de Garcia, no ambiente do quartel se acentuam e vão revelando a ele o que de fato são esses sentimentos. É notório que o ambiente do quartel acentua as sensações como; o medo de expressar os sentimentos, e isso fica evidente quando no decorrer do conto ele deixa o quartel e fica sozinho com o Garcia; vemos outro jovem, assim como, também vemos outro sargento.

Não sei. — E quase acrescentei, meu sargento. Sorri por dentro. — Bom, no começo fiquei um pouco. Depois vi que o senhor estava do meu lado. — Senhor, não: Garcia, a bagualada toda me chama de Garcia. Luiz Garcia de Souza. Sargento Garcia. — Simulou uma continência, tornou a cuspir, tirando antes o cigarro da boca. — Quer dizer então que tu achou que eu estava do teu lado. — Eu quis dizer qualquer coisa, mas ele não deixou. O carro chegava no fim do morro. — É que logo vi que tu era diferente do resto. — Olhou para mim. Sem frio nem medo, me encolhi no banco. — Tenho que lidar com gente grossa o dia inteiro. Nem te conto. Aí quando aparece um moço mais fino, assim que nem tu, a gente logo vê. — Passou os dedos no bigode. — Então quer dizer que tu ser filósofo, é? Mas me conta, qual é a tua filosofia de vida (Abreu, 2019, p. 320).

Hermes, no fundo, já entende o que quer, e é notável como existe um clima de sedução e uma certa tensão sexual entre os dois, no entanto, o que acontece com o jovem é que esses sentimentos só são possíveis de serem externalizados no espaço da intimidade, longe dos olhos e julgamentos dos outros. Há outros trechos no conto que deixam explícito que o rapaz e o sargento parecem mais leves, estão despidos de seus mecanismos de defesa, e ali na intimidade podem ser o que quiserem, porque estão longe de reguladores de comportamentos e padrões, como as instituições família, amigos, trabalho e sociedade em geral.

Mergulhei na sombra atrás dele. Subi os degraus de cimento, empurrei a porta entreaberta, madeira velha, vidro rachado, penetrei na sala escura com cheiro de mofo e cigarro velho, flores murchas boiando em água viscosa. — O de sempre, então? — ela perguntava, e quase imediatamente corrigi, dentro da minha própria cabeça, olhando melhor e mais atento, ele, dentro de um robe colorido desses meios estofadinhos, cheio de manchas vermelhas de tomate, batom, esmalte ou sangue. — O senhor, hein, sargento? — piscou íntimo, íntima, para o sargento e para mim (Abreu, 2019, p. 323).

O bordel de Isadora é o lugar onde ambos podem ser como quiserem e performarem suas identidades e suas descobertas sem que haja abjeção ou exclusão. Para Hermes, isso se torna ainda mais marcante, pois ele é um jovem que está em seus processos interiores e exteriores de descobertas; o ambiente lhe proporciona uma nova perspectiva de si e de seus desejos. Aquilo que ele não entendia, agora começa a entender, há nesse momento um processo de conhecimento e reconhecimento de seus desejos íntimos e o bordel é um “lugar” que, se torna um marcador de territorialidade sobre os personagens do conto. “que não se subscreve a uma fixidez residencial como acontece no caso americano, onde existem até bancos, casas de turismo, agências, só 'de' e 'para' gays e que tem a ver com certa persistência ou insistência do nomadismo urbano” (Perlongher, 1989, p. 7). Segundo Anselmo Peres Alós, “o bordel é também, para Hermes, o espaço iniciático no qual entrará em contato com os seus mais recônditos desejos” (Alós, 2019, p. 105).

Nesse sentido, é interessante se atentar para os códigos, para a forma que o espaço toma significado, por meio do cheiro, dos aspectos, de um objeto que determine uma sensação. “O cheiro: cigarro, suor, bosta de cavalo. Ele enfiou a mão pela gola da minha camisa, deslizou os dedos, beliscou o mamilo. Estremeci. Gozo, nojo ou medo, não saberia” (Abreu, 2019, p. 324). Outro aspecto importante para se atentar na obra é que a relação do jovem Hermes com Garcia é permeada pela violência, a violência do serviço militar, e essa fica implícita por meio do

trecho sinestésico retratado anteriormente, que chega a ser de claustrofobia, essa mistura de cheiro e uma certa tensão que se estoura em meio a essas relações e existe uma simbologia por trás de todo esse contexto que Anselmo Peres Alós chama atenção do leitor.

O aspecto político que não raro é escamoteado pelos críticos sobre este conto (e este é, de longe, um dos contos mais citados e estudados de Caio Fernando Abreu) é a tematização – ainda que de forma ligeiramente velada – da violência militar consolidada no Brasil. Embora não se configure como um elemento explicitamente explorado no plano da diegese, não se pode esquecer que Hermes, como estudante e futuro candidato ao vestibular em Filosofia, pode ser lido metonimicamente como o corpo da sociedade civil brasileira da época, enquanto a figura do sargento Garcia pode ser associada ao corpo político do regime de exceção instaurado no Brasil com a “Revolução de 64” (o Golpe de Estado Civil-Militar que instaura a Ditadura no Brasil, e que se estende até 1985) (Alós, 2019, p. 106).

São esses aspectos que permeiam a narrativa e que fazem um papel de expor a violência dessa relação por meio de códigos simbólicos, onde a hierarquia é instaurada por meio dessas relações de subjetivação e violência. A narrativa que se constrói sobre a idealização do desejo dos militares sobre os recrutas reforça o estereótipo do ambiente hostil do quartel.

A comparação do bigode de sargento Garcia a um marandová, metaforicamente, associa a sensação de uma queimadura urticante aos pelos faciais, o que pode ser lido sintomaticamente como desejo, mas também como um desejo que é da ordem daquilo que envolve algum tipo de risco ou de perigo [...] Estes índices narrativos dão o tom de como será a iniciação sexual de Hermes: marcada pela brutalidade, pela instauração de hierarquias e pelo uso da força, características que marcam não apenas as relações entre homens na esfera pública, mas que, aqui, são deslocadas para a esfera do privado, da vida íntima e do boudoir (Alós, 2019, p. 107).

Se olharmos para a relação de espaço na perspectiva da territorialidade discutida por Perlongher (1989), vamos compreender as questões dos códigos territoriais, características do lugar e como ele acolhe um determinado grupo de pessoas. Isadora é uma travesti e é um corpo que performa fora da norma heteronormativa, o lugar em que ela está socialmente falando é um lugar de abjeção e exclusão. O espaço na territorialidade está ligado à rotulação do indivíduo, e esses mesmos indivíduos são marcados de acordo com suas características, a forma como se vestem e como se comportam determina o tratamento que terá da sociedade. O homem gay para

gozar do mesmo respeito do homem hétero precisa seguir algumas normas sociais que podemos vê-las nos personagens retratados no conto de Caio F.

Em pesquisa feita na década de 1970 com homens franceses, atestou-se a diferença de tratamento e percepção dirigidos aos atos homo orientados masculinos e femininos. A homo orientação masculina é mais condenada porque envolve a possibilidade de penetração anal, a sodomia, ato inaceitável para o imaginário masculino ocidental, pois remete a submissão mais vexatória a que um varão pode se sujeitar, a abnegação do poder da entrega sexual a outro homem (Oliveira, 2004, p. 240).

No contexto que temos no conto, os dois personagens são o retrato nítido da reverberação dos padrões sociais, e Garcia é como muitos homens que não se sentem gays pelo simples fato de não se deixarem penetrar por outros homens, se colocando numa posição de superioridade. Há, também, muitas questões que envolvem esse discurso, como a inferiorização da figura da mulher, a objetificação dos corpos efeminados reafirmando a hegemonia heteronormativa.

É assim uma estrutura que esconde e ao mesmo tempo expõe o homoerotismo, na medida em que o aprisiona numa economia discursiva em que o silêncio e a fala, o jogo entre dizer e não dizer, saber e não saber, implícito e explícito, apontam para complexas configurações entre identidade, subjetividade, verdade, conhecimento e linguagem, que atravessam todo o tecido cultural da modernidade e têm profundas ressonâncias na vida social e pessoal (Barcellos, 2006, p. 365).

Como Barcellos mostra ao leitor, esse jogo que existe relacionado a discurso, fala, silêncio, o implícito e o explícito, essas estratégias são usadas para construir significados e relações. Nesse contexto, economia discursiva aprisiona e expõe o homoerotismo. Silêncio e fala fazem parte dessa estratégia utilizada para esconder ou revelar o homoerotismo, e às vezes, aquilo que não é dito (o silêncio) carrega mais significado do aquilo que foi dito, existe um jogo entre o dizer e o não dizer, referente à ambiguidade e à tensão entre expressar abertamente o homoerotismo ou mantê-lo oculto, criando a partir desse jogo uma complexidade na comunicação. O trecho ainda aborda sobre as questões de identidade, subjetividade e verdade, o homoerotismo está intrinsecamente ligado às questões de identidade e subjetividade das pessoas, e suas verdades, muitas vezes, podem ser difíceis de ser expressas, pois estão muito ligadas às normas sociais e culturais.

No caso do sargento, observa-se como esse estar no “armário” influencia em sua vida de forma direta, tanto que no ambiente do quartel ele é outro homem. Segundo Callegari (2007, p. 11), “a virilidade masculina que radica em torno de questões de dominação, posse e autoridade, exige que seja validada por outros homens e/ou por outras mulheres”. A personagem Isadora, nesse contexto, é a figura feminina que faz o papel de validar a masculinidade e virilidade de Garcia, o bordel é um local de confirmação de masculinidade aonde homens vão para a confirmação de sua “macheza”. Afinal, é comum que alguns pais levem seus filhos até um bordel para aprenderem a ser homens, e de fato só serão tidos como homens se tiverem relação sexual com penetração.

Se a relação sexual se mostra como uma relação social de dominação, é porque ela está construída através do princípio de divisão fundamental entre o masculino, ativo, e o feminino, passivo, e porque este princípio cria, organiza, expressa e dirige o desejo — o desejo masculino como desejo de posse, como dominação erotizada, e o desejo feminino como desejo da dominação masculina, como subordinação erotizada, ou mesmo, em última instância, como reconhecimento erotizado da dominação (Bourdieu, 1998, p. 31).

Há uma hierarquização, não só no ambiente do quartel, mas em todos os espaços que se constrói a narrativa e a relação dos dois personagens. E tem uma conexão de poder sobre Hermes referente à masculinidade, que exerce domínio sobre a fragilidade e até a relação sexual dos dois demonstram esse poder e dominação: “sabe-se que, em inúmeras sociedades, a posse homossexual é vista como uma manifestação de “potência”, um ato de dominação (exercido como tal, em certos casos, para afirmar a superioridade “feminizando” o outro)” (Bourdieu, 1998, p. 31). A feminilidade de Isadora e seu bordel servem de ponto de encontro de Garcia e de Hermes, a marginalização do corpo de Isadora e o “lugar” de feminilidade que ela ocupa, evidencia de forma muito clara o processo do ambiente em relação a subjetivação. “Compreende-se que, sob esse ponto de vista, que liga sexualidade a poder, a pior humilhação, para um homem, consiste em ser transformado em mulher” (Bourdieu, 1998, p. 32).

Ao refletir sobre as questões de domínio da masculinidade e sobre a reafirmação do padrão masculino no conto é interessante observar que são personagens homossexuais. A norma heteronormativa está no discurso enraizado na sociedade de tal maneira que mesmo quem de fato é afetado por esse discurso o reverbera. Obras como essas podem dar enfoque e legitimação a histórias homoeróticas, amores gays, falar do homoerotismo na literatura é cooperar para a inclusão desses corpos.

O conceito de homoerotismo é muito útil, por vários motivos. Em termos de história e crítica da cultura, tem a vantagem de não impor nenhum modelo pré-determinado, permitindo assim que se respeitem as configurações que as relações entre homens assumem em cada contexto cultural, social ou pessoal específico. Em termos de crítica literária, é de vital importância para a análise de determinadas obras, precisamente por não impor a elas ou a seus personagens modelos ou identidades que lhes são estranhos (Foucault, 2006, p. 20-21).

O desafio é dialogar a respeito das normas de sexualidade, sobre o padrão masculino e o comportamento social homossexual, e trabalhar isso dentro de um contexto acadêmico, e no campo da literatura, fazer com que essa estrutura social homofóbica perca sua força. Por isso, esses debates, diálogos e conversas tanto no campo acadêmico quanto no social são necessários, e se faz necessário que as universidades e a crítica se abram para esses debates a fim de contribuir para um discurso mais libertário e inclusivo. E essas questões levantadas trazem pontos muito importantes, inclusive no campo das metodologias aplicadas para se tratar do assunto. E é necessário um cuidado para que o discurso não se torne panfletário e uma réplica das normas e padrões de preconceito. Mas, referindo-se especificamente, nesse contexto, ao desejo de reconhecimento e de autoconsciência (Butler, 2012, p. 28).

A ideia da existência de uma crise da masculinidade não pode ser generalizada para todos os homens das diferentes camadas sociais. Nos segmentos populares, a masculinidade tosca e rude, próxima de seu ideal moderno e considerada pelo senso comum como mais autêntica, é ainda bastante valorizada e se contrapõe a um outro tipo de experiência de comportamentos masculinos que, favorecido por certos hábitos de classe (Oliveira, 2004, p. 234-235).

A sociedade, de um modo geral, traz consigo outros (pre)conceitos que vão se interligando as questões de masculinidade, como as relações de poder, que são constituídas entre as questões aquisitivas, sobre essas relações homens e mulheres. E é sempre uma questão que de certa forma volta a ser o foco dos diálogos acerca do assunto; que é a relação da mulher com a sociedade, e como homens que tem comportamentos mais efeminados são mais suscetíveis à discriminação. O homem, por norma, deve ser viril diante da sociedade de forma quase que incontestável, isso define o nível e o respeito que a ele será aplicado.

A força particular da sociodicéia masculina lhe vem do fato de ela acumular e condensar duas operações: ela legítima uma relação de dominação inscrevendo-a em

uma natureza biológica que é, por sua vez, ela própria uma construção social naturalizada (Bourdieu, 2012, p. 33).

No conto de Caio F., o fato que gera desconforto nos personagens secundários seria realmente este, os dois rapazes são homens que gozam de sua virilidade, que ocupam um lugar de destaque na hierarquia de gênero social. “E não parecia bicha nem nada, apenas um corpo que por acaso era de homem gostando de outro corpo, o meu, que por acaso era de homem também” (Abreu, 2019, p. 299). Ou seja, “a hierarquia de gênero provê um lugar de poder e primazia ao homem por meio de prerrogativas acessíveis àqueles que se aproximarem dos traços masculinos tidos como legítimos e autênticos” (Oliveira, 2004, p. 235). A violência, os xingamentos não estão ligados aos corpos, mas ao comportamento homoerótico, que é o mecanismo de exclusão social.

Por outras palavras, certas formas do desejo homoerótico estariam profundamente permeadas por esse mesmo ideal de masculinidade, que faz do físico o *locus* de visibilidade e concretização de toda uma gama de valores e atributos morais supostamente próprios de um “homem de verdade (Barcellos, 2006, p. 228).

Em “Pequeno monstro”, é possível perceber o corpo Abjeto e a identidade desviante. Vamos discorrer usando como ponto de partida o abjeto como parte excessiva na qual deve-se livrar para, enfim, torna-se um sujeito. De acordo com essa ideia, é interessante pensar o conto a partir do protagonista que passa por um processo doloroso de construção da identidade e o objeto tornam-se centro dos conflitos no qual se encontra o personagem. Existe um processo dividido em dois momentos, onde em um primeiro momento existe o isolamento e reclusão, também existe um sentimento de revolta o personagem utiliza a imagem de pequeno monstro como uma estratégia de proteção e defesa, no segundo momento, tem-se a manifestação do desejo e a descoberta da sexualidade na presença do “outro”.

No segundo momento, o “outro”, que se encontra na figura do primo Alex, é importante para que se possa estabelecer relação de alteridade e equilíbrio nas revoltas iniciais. De início, o protagonista sente-se como se algo, o “monstro” quisesse sair dentro dele e no decorrer do conto a presença do primo ajudará para que aconteça essa expulsão, acontecerá então a dominação da parte abjeta que lhe causa inquietação. No conto, Caio Fernando Abreu questiona as formas de masculinidade, evidencia os modelos de masculinidade e a frágeis fronteiras da

sexualidade, assim o abjeto pode ser visto como uma categoria que exclui ao mesmo tempo que produz identidades transgressoras.

Caio Fernando Abreu não gostava de ver sua escrita rotulada pela crítica como “literatura gay”, sendo essa denominação que a obra ganhou. Ele não se considerava um escritor panfletário e se justificava ao dizer que se houvesse uma “literatura homossexual” também deveria haver uma “literatura heterossexual” o que ele considerava algo inconcebível. Caio Fernando Abreu costumava dizer que se os grandes nomes da literatura brasileira não tinham rótulo de “escritores heterossexuais”, então, porque ele deveria ser colocado como “escritor gay”. Mesmo com sua resistência, os contos do escritor frequentemente são tomados como sendo representativos da temática homoerótica na literatura brasileira contemporânea, e se torna quase impossível ler sua obra sem olhar sob o viés da literatura homoerótica, tendo em vista que suas principais obras possuem os medos e angústias de personagens gays vivendo sobre a hostilidade e intolerância que os coloca à marginalidade.

Com isso, os personagens de Caio Fernando Abreu podem ser entendidos como sujeitos excêntricos, marginalizados e estrangeiros, pois não são reconhecidos de certa por forma nem por eles nem pelos outros como parte da sociedade onde vivem. São sujeitos considerados abjetos pois possuem em si o excesso que expõe e frágil fronteira que existe ou pensa-se existir entre o “normal” e o “anormal” principalmente tratando-se de sexualidade. Por vezes, esses sujeitos assumem a abjeção e a marginalidade como parte integrante da sua própria condição, o que reforça identidades desviantes, sendo essas transgressoras de modelos já prestabelecidos na sociedade.

[...] a explicação é que, embora não vestisse a camisa e saísse gritando palavras de ordem, ele escreveu alguns contos cujos personagens eram gays ou em que havia sugestões de homoerotismo. Nada panfletário, mas em algumas situações os personagens apanhavam, eram criticados, se davam mal por sua condição. Saíam feridos, mas moralmente vitoriosos (Callegari, 2008, p. 158).

Segundo Guacira Lopes Louro, “aqueles e aquelas que transgridem as fronteiras de gênero ou de sexualidade [...] são marcados como sujeitos diferentes e desviantes” (Louro, 2004, p. 87). O desvio é o que os torna abjetos, ou seja, aquilo que deve ser expurgado, “comparados a criminosos ou imigrantes ilegais que “escapam do lugar onde deveriam permanecer”, tornando-se “alvo de correção”, “rotulados (e isolados) como ‘minorias’, “considerados transgressores” e, por isso, “desvalorizados e desacreditados” (Louro, 2004, p.

87). O personagem principal, protagonista, é também narrador em “Pequeno monstro”, é um personagem que detém em si uma espécie de deslocamento da realidade na qual está vivendo, sente-se fora dos padrões e não pertencente aos modelos sociais.

O corpo do jovem rapaz não apresenta as marcações de uma identidade que está de acordo com os padrões por isso e visto como abjeto, “pequeno monstro nojento”, como ele mesmo se refere a si (Abreu, 2005, p. 123). Segundo Guacira Lopes Louro, “determinados aspectos do corpo se convertem em “definidores de gênero e de sexualidade” e, conseqüentemente, acabam “por se converter em definidores dos sujeitos” (Louro, 2004, p. 80). Com isso, o sujeito passa a ser definido a partir do que é atribuído ao corpo se atende aos “requisitos” exigidos, tem-se um lugar na sociedade, caso seja ao contrário, esse será considerado um corpo sem importância, abjeto, sendo esse corpo transgressor e não possui as marcas necessárias para constituir-se como corpo “perfeito”, “saudável” e “dócil”. “Essas marcas constitutivas são significadas culturalmente e “distinguem sujeitos”, constituindo-se em verdadeiras “marcas de poder” (Louro, 2004, p. 76).

O protagonista de “Pequeno monstro” não é referido por nome, é marcado por sua abjeção, sentida por si mesmo. É um corpo descrito na seguinte forma, “voz de pato grasnando”, “braços compridos demais”, “pernas de avestruz”, “pelos todos errados” (Abreu, 2005, p. 111). Características que fazem o próprio personagem a se considerar um “Pequeno monstro”. Em um primeiro momento, ser um “pequeno monstro” funciona como uma forma de proteção a esse personagem, pois, isso afasta qualquer perigo de violência em contrapartida traz ao rapaz um sentimento de não se achar “normal” “[...] me rolava na areia, vez enquanto chorava e repetia: pequeno monstro, pequeno monstro, ninguém te quer” (Abreu, 2005, p. 111).

Há uma ambivalência na imagem construída do personagem “pequeno monstro” ao mesmo tempo que existe uma necessidade de proteção contra a violência, existe por outro lado, a repulsa, a vontade de livrar-se da parte que ele considera maldita, essa atração e repulsa são características do abjeto. É importante pensar que esses processos são atravessados pela descoberta de si, como uma espécie de metamorfose. A vinda do primo Alex além de evidenciar a abjeção do sentimento desconhecido, causa desconforto para o narrador, “[...] eu não gostei nem um pouco. Não por causa dele [...]. Mas por minha causa mesmo, que tinha começado a crescer para todos os lados, de um jeito assim meio louco” (Abreu, 2012, p. 121). É fácil perceber como o jovem sente desconforto em relação ao próprio corpo, a presença do primo lembra ao personagem o quanto o processo de evolução de seu corpo causa esse sentimento que não é confortável.

O primo Alex é a figura mais velha, e que representa mais experiência, vindo de longe é um estranho, responsável por desestabilizar o “Pequeno monstro” ao mesmo tempo que é responsável por levar ao narrador e se reconhecer, ir de encontro com sua identidade ao reconhecer e se abrir para experimentar os desejos de seu corpo. Para Oliveria (2007), a sina do estranho é a fluidez à deriva em busca de um lugar e em busca também de si mesmo. Nessa condição de estranho, ou estrangeiro, é anunciada pelo jovem em meio a frase: “nem bom, nem mau, cheiro de gente estranha recém-chegada de viagem [...]. Quase não consegui comer, de tanto ódio” (Abreu, 2012, p. 124).

Por meio do narrador protagonista, o leitor toma conhecimento do que marca desconforto de forma significativa na adolescência e na vida do personagem. As mudanças corporais vivenciadas pelo personagem e que são naturais em sua fase, não são aceitas com naturalidade, há um desconforto no protagonista que tenta entender o próprio corpo e existe uma espécie de comparação em entender o próprio corpo e o corpo do outro, “pernas e braços demais, pelos nos lugres errados, uma voz que desafinava igual de pato, eu queria me esconder de todos [...] vez enquanto chorava e repetia: pequeno monstro, pequeno monstro, ninguém te quer” (Abreu, 2012, p. 121). Logo, transformações que trazem angústia ao personagem.

O narrador tem seu espaço eleito por ele como um refúgio onde ele não se sente a mira dos olhares da indiferença de seus pais e familiares, como é colocado no fragmento, “uma mãe insistindo o tempo inteiro pra tu ires à praia na mesma hora que todo mundo normal vai e um pai que te olha como se tu fosses a criatura mais nojenta do mundo [...]” (Abreu, 2012, p. 121). Esse olhar repressor do personagem sobre si e de sua família está ligado à descoberta da sexualidade que é desencadeada pela chegada do primo Alex.

Ao refletir mais sobre a narrativa é possível perceber que ela está dividida em duas fases importantes e centrais para a construção da identidade do narrador protagonista, a primeira é que ele constrói sempre uma imagem negativa sobre si mesmo, chegando ao ponto de chamar-se de “pequeno monstro”, a segunda, tem início com a chegada do primo Alex que ajuda na desconstrução dessa imagem negativa sobre si, é passa a ter uma figura de identificação e por quem tem a primeira sensação de desejo e desenvolve uma relação homoafetiva.

A chegada do primo Alex causa esse impacto na vida do narrador protagonista causando mudanças imediatas em seu espaço privado, o quarto, a casa, e em seu espaço externo, pois, o primo passa a acompanhá-lo à praia, e a partir dessa interação começa a apresentar ao “pequeno monstro” um novo universo, novas perspectivas sobre si. Existe um suspense criado sobre a chegada do primo Alex, pois a forma como ele passa enxergar a figura do primo é totalmente diferente da forma como ele havia criado em seu imaginário, pois, “não tinha nenhum barulho

de ronco, nenhum cheiro de peido no ar, só aquele perfume meio enjoativo do jasmineiro ali no pátio ao lado” (Abreu, 2012, p. 125).

O personagem narrador começa então a ser atravessado pelo sentimento do desejo, pois agora, de sua cama, consegue contemplar a imagem do corpo do primo sobre a luz do luar, começa a observar que Alex já havia passado pelas transformações da adolescência e que era homem feito, “não sei por quê, mas de repente todo o meu ódio passou. [...] Alex inteiramente pelado [...] dava uma coisa assim que eu não entendia direito [...] quem sabe aquele ódio se transformando devagarzinho em outra coisa que eu ainda não sabia o que era (Abreu, 126, p. 126). O sentimento que é indicado pelo narrador, para o leitor, é colocado de forma subjetiva, pois estavam ali sozinhos, a uma sedução involuntária por parte de Alex.

É importante observar que nesse momento de descoberta e desejo tudo é envolvente no outro, o corpo, pele, cheiro. O primeiro contato direto dos dois se dá após o almoço quando o primo Alex chega dá praia é encontra o narrador personagem na rede, ele começa a observar o rapaz por cima dela, o que lhe causa susto, “uma cara morena muito próxima, um cheiro forte de suor e de mar [...] era a cara do primo Alex [...]. Ele sorriu para mim, mas a cara estava perto demais, não consegui sorrir de volta nem nada, por educação que fosse” (Abreu, 2012, p. 128-129).

É possível perceber uma frequente troca de olhares como numa espécie de jogo de sedução, o modo como tira a areia do corpo, a maneira como coloca a mão por dentro do calção enquanto se lava embaixo do chuveiro cuspidando a água. O desejo em relação ao outro começa a ter influência na vida e rotina do jovem protagonista que diz: “pelo resto daquele dia, não consegui fazer mais nada” (Abreu, 2012, p. 130). Ao desejar o outro, o jovem rapaz também percebe as sensações em seu corpo, sensações que nem ele mesmo sabia explicar, ou mesmo dar nome àquilo que estava sentindo, um misto de emoções e sensações diferentes lançavam no desconhecido, confuso ele corre para trás da casa a fim de tentar colocar os pensamentos no lugar, mas quando se aproxima da janela do quarto e empurrou de leve a persiana ele se depara com outra cena do primo que agora se masturbava, isso fica claro pois o narrador descreve os movimentos: “ele estava nu [...]. Todo parado, o primo Alex, só mexia o braço direito que eu não via inteiro, porque ele estava de costas para mim. Cada vez mais depressa, até que ele primeiro gemeu baixinho, depois mais alto, suspirou, o corpo inteiro tremendo” (Abreu, 2012, p. 131).

Ainda sem saber muito bem por quê o primo Alex estava fazendo aquele movimento cada vez mais rápido com um braço seguido de gemidos cada vez mais intensos, personagem central sente se perturbado, então decidi ir à praia, ali onde é o seu lugar de intimidade ou o

lugar onde ele pode ser ele mesmo, na praia, ele sai correndo sem rumo: “não conseguia parar. Só parei quando o coração disparou demais, e minha cara ficou lavada de suor, bem na frente do farol. Então olhei em volta, vi que não tinha ninguém e fiz uma coisa que nunca tinha feito antes” (Abreu, 2012, p. 131-132). O Farol que é por excelência tido como um símbolo de orientação e de caminho a ser seguido, ou seja, é por meio dele que os marinheiros não se perdem no mar, e é exatamente assim que o personagem se sente, necessita seguir em frente enfrentando os medos para lidar com a sua verdadeira identidade.

Sente-se angustiado e sozinho na praia, pela primeira vez sem roupa e completamente nu, segue em direção ao mar com a intenção de explorar o corpo e o que nele fosse capaz de despertar. Ao tirar a roupa é como se tirasse junto as camadas de preconceito da família e os medos que carregou até agora. Deitado na areia da praia, jovem pequeno monstro, na ânsia de descobrir o prazer, na sequência de atos, ele tira sua roupa, excitado parece viver uma experiência erótica com o mar, é como se as águas que banho é o seu corpo agora você despertando o prazer intenso em suas regiões erógenas, e ele abre a bunda para sentir com mais força a água batendo, isso revela de forma inconsciente desejo de ser penetrado pelo outro, e durante esse momento, não por acaso, pensa no movimento do braço do primo Alex. O mar, nessa situação, simboliza a metáfora como ato simbólico da perda da virgindade com o primo estrangeiro.

Quando percebe o horário, o protagonista volta para casa, chega ofegante e, não é de sua vontade encontrar o primo Alex, todavia, o pai manda ele convidar o primo para dar uma volta na praça, nesse dia, eles saíram, conversaram, beberam e fumaram, atraídos tenho o olhar qual a marca central entre os dois, olhar é uma espécie de reconhecimento ao ver aquilo que ele deseja ser igual, o primo eleva sua autoestima: “de repente me deu assim como uma vaidade daquelas pessoas todas estarem me vendo ali, ao lado dele, e aí aconteceu uma coisa maluca. Por um segundo, parei de me sentir monstro” (Abreu, 2012, p. 134). Ao se comparar e observar o corpo do primo e o seu, o personagem principal começa a desconstruir a imagem de monstro que ele criou para si mesmo, pois é agora ele parecia bonito também, não era um monstro. Ao voltar do banheiro, o adolescente se depara com o primo pelado de costas na cama, e já não consegue disfarçar o desejo que sente pelo corpo dele, agora sob efeito de bebida e-mail descarado chega a confessar que havia espiado o companheiro de quarto durante a tarde enquanto ele dormia e é surpreendido quando o primo confessa que não estava dormindo, mas que na verdade, “[...] estava batendo punheta” (Abreu, 2012, p. 137).

Metaforicamente banhados pelo reflexo da lua, primo Alex convida-o para conduzir o Reconhecimento do corpo através do ato da masturbação, que fique explícito no trecho, “ele

afundou a boca na minha boca enquanto eu sentia a palma da minha mão aos poucos ficar molhada daquele fio de prata brilhante que saía de dentro dele e sabia que de dentro de mim saía também (Abreu, 2012, p. 138). O beijo na boca é o atestado de que houve de fato uma relação sexual, ambos permanecem colados ao peito um do outro e com o ritmo acelerado de seus corações, sentindo o cheiro do prazer e do suor de seus corpos. Atingir o prazer é um grito metafórico de liberdade para aquela que é sua verdadeira identidade sexual, a aceitação da mudança corporal, abandonando a identificação de monstro.

O monstro, que na narrativa é um ser emblemático, pode estar associado de acordo com Chevalier e Gheerbrant (2015), a um rito de passagem, que direciona o leitor para o momento em que o narrador personagem se envolve sexualmente com primo Alex não se reconhece mais como desproporcional. Sendo assim, “todo ser atravessa o seu próprio caos antes de poder estruturar-se, a passagem pelas trevas precede a entrada na luz. Convém superar em si mesmo o incompressível [...]” (Chevalier; Gheerbrant, 2015, p. 615).

No dia seguinte, após todo o contato sexual, os dois vão bem cedo à praia, mais cedo do que o de costume, já que o primo iria embora logo no fim da tarde. Esse horário é conhecido na natureza por sua beleza crepuscular que normalmente encerra mais um ciclo, simbolicamente representa também o fim da fase conturbada do jovem.

É nesse lugar que primo Alex ensina mais coisas ao primo, mergulhar, boiar, são situações que o deixam confortável em meio à praia, afinal, ele já não se vê mais como monstro. No espaço de sua casa, eles almoçam e juntos vão para o quarto, que está quente pelo fato de ser coberto de zinco, onde o personagem central aprendeu outros caminhos, quando se refere a outros caminhos, sugere-se que deve acontecer outra relação sexual entre os dois um pouco mais intensa, já que era nítida a atração que ambos sentiam um pelo outro. Alex parte com o objetivo de atravessar novas fronteiras, ao ser questionado pela mãe o personagem narrador se sentia falta de Alex, ele responde que não, porém, sente que não vai esquecê-lo, “sabia que o primo Alex tinha ficado para sempre [com ele]. Guardado bem aqui, na palma da [sua] mão” (Abreu, 2012, p. 139). Em “Pequeno monstro” é possível acompanhar a reconfiguração da identidade do narrador personagem que se sentia um monstro por suas mudanças corporais e pela falta de reconhecimento de sua sexualidade.

## **2 AS MASCULINIDADES E A REPRESENTAÇÃO DO DESEJO COMO FORMA DE REPRESSÃO**

### **2.1 CAIO FERNANDO ABREU POR UMA PERSPECTIVA *QUEER***

Diante de tudo que já foi falado sobre a teoria *queer* e sobre como ela vai de encontro com identidades que estão fora das normas e padrões sociais, outro ponto importante a ser lembrado é de como a teoria *queer* tem o papel de ressignificar aquilo que está na marginalidade e, que de certa forma, é posto de lado como algo pavoroso. A teoria *queer* é o espaço onde é permitido questionamento não apenas sobre a construção cultural das identidades, masculinidades e sexualidades, ela é o espaço de afirmação das relações que durante muito tempo foram negadas, é reapropriação do lugar de fala das identidades transgressoras. Diante disso, seria importante discutir os personagens trabalhados por Caio Fernando Abreu a partir da perspectiva dos estudos *queer*, pois a construção tem identidade de seus personagens está intrinsecamente ligada na formação transgressora de padrões que fogem das normas sociais e culturais. E para uma melhor exemplificação da análise *queer* na escrita e nos personagens de Caio Fernando Abreu, leva-se em conta os contos extraídos de “Morangos mofados” (1982), que seriam “Terça-feira gorda”, “Sargento Garcia” e “Aqueles dois”, são contos que possuem situações onde envolvem indivíduos excluídos por conta de sua orientação sexual e desejos que são inaceitáveis para a sociedade brasileira representada por Caio F.

Na minha frente, ficamos nos olhando. Eu também dançava agora, acompanhando o movimento dele. Assim: quadris, coxas, pés, onda que desce, olhar para baixo, voltando pela cintura até os ombros, onda que sobe, então sacudir os cabelos molhados, levantar a cabeça e encarar sorrindo. Ele encostou o peito suado no meu. Tínhamos pelos, os dois. Os pelos molhados se misturavam. Ele estendeu a mão aberta, passou no meu rosto, falou qualquer coisa. O quê, perguntei. Você é gostoso, ele disse (Abreu, 2019, p. 299).

Em “Terça-feira gorda” é narrado o envolvimento de dois homens muito belos, um detalhe que é interessante de ser ressaltado e que é alinhado à teoria *queer* seria a valorização do corpo, “o *queer* contempla todo o corpo, procurando extrair dele novas experiências de erotização. No trecho destacado, o olhar do narrador reúne detalhes que se centram na sensualidade do outro sujeito (Callegari, 2009, p. 3), a sensualidade é encontrada a partir do corpo nas mais diferentes formas ou zonas de prazer, isso segundo Callegari (2009), exige um desvelamento de uma prática que desafia as premissas heterossexistas, na qual existe uma valorização das partes genitais. O autor ainda nos sugere que a dança e o movimento dos corpos em meio a uma festa carnavalesca, sugere ao leitor, além do imagético do ato sexual, uma instabilidade e uma espécie de desmoronamento do conjunto de normas ligados ao modelo

heteronormativo.

Ainda sobre o *queer*, Callegari (2009) afirma que ele rejeita as definições fixas de sexualidade propostas pela heteronormatividade compulsória, ou seja, há uma ruptura que subverte o projeto que coloca a relação de homem/mulher como único e aceitável. E segundo o autor, em “Terça-feira gorda” é assegurado esses pressupostos por meio de desejo estimulado por indivíduos do mesmo sexo.

Eu queria aquele corpo de homem sambando suado bonito ali na minha frente. Quero você, ele disse. Eu disse quero você também. Mas quero agora já neste instante imediato, ele disse e eu repeti quase ao mesmo tempo também, também eu quero. Sorriu mais largo, uns dentes claros. Passou a mão pela minha barriga. Passei a mão pela barriga dele. Apertou, apertamos. As nossas carnes duras tinham pelos na superfície e músculos sob as peles morenas de sol (Abreu, 2009, p. 299).

Callegari (2009) revela que houve uma primeira se formular uma base científica para essas questões de sexualidade encontrando resposta na psicologia revolucionária que foi fundada na virada do século XIX para o século XX, essa base seria criada por Sigmund Freud (2002). Callegari (2009) levanta essa discussão científica acerca da sexualidade levando em consideração a interpretação da psicanálise e as observações que, segundo o autor, tiveram um profundo impacto na cultura moderna.

A relação que a psicanálise manteve com a medicina ao longo dos séculos contribuiu para uma consistência no projeto de normalização das relações heterossexuais e do controle social. O curso em direção à heterossexualidade adulta, que Freud considerou uma construção complexa e frágil, começou a fazer parte do desenvolvimento natural e não problemático do ser humano. Todo comportamento que radicasse fora de tal modelo era visto como patológico, especialmente a homossexualidade. Com isso, a psicanálise freudiana tornou-se uma técnica ou um mecanismo de normalização cujo intuito era assegurar uma correlação entre caracteres físicos e comportamento sexual (Callegari, 2009, p. 4).

A teoria *queer* refuta e condena esse modo de pensamento da narrativa freudiana, no conto existe aproximação dos dois rapazes é regida por meio de um grau de afinidade que existe entre os dois. Ambos estão entregues ao ritmo da dança e segundo Callegari (2009) em termos simbólicos sugere essa aproximação por meio de afinidade. outro ponto levantado por Callegari

(2009) que ligam o conto à perspectiva *queer*, seria a sua relação rígida entre as características sexuais primárias, secundárias e terciárias.

As características primárias seriam aquelas vinculadas ao genital. Traços sexuais secundários são aquelas manifestações corpóreas controladas pelos hormônios ligados aos genitais. As particularidades terciárias tangem às maneiras como os indivíduos se apresentam ao mundo segundo determinado tipo de roupa, adornamentos, cosméticos que usam. Para o heterossexismo compulsório, haveria uma inflexível relação entre essas três instâncias (Callegari, 2009, p. 5).

No momento em que se encontram e acontece esse momento sensual de sedução entre os personagens, apresentam-se características primárias de sedução, esse momento não surge características que possam ser consideradas secundárias, rompendo assim com a normas sociais de convenção colocando contra as prerrogativas autoritárias como afirma Callegari (2009). O *queer*, a partir disso, procura descobrir novos usos para o corpo, propondo estabelecer suas próprias combinações, que transgridam e desobedeçam às normas sociais. Os corpos em “Terça-feira gorda”, independente de seguirem essas características sexuais primárias, secundárias ou mesmo terciárias, não estabelecem zonas de prazer que relacionam qualquer critério de preferência.

Existe uma desobediência nas normas e padrões morais que são vigentes na sociedade, a partir disso, o preconceito vem à tona porque o contato físico e até mesmo erótico dos personagens acontece em um ambiente público, ou seja, a sociedade agora está testemunhando o comportamento dos dois, aquilo que antes segundo as normas deveria ser privado vem a público, esse comportamento dos dois equivale a transgressão de condutas que já foram estabelecidas, o famosos aparelhos ideológicos que controlam a sociedade.

Parecia um figo maduro quando a gente faz com a ponta da faca uma cruz na extremidade mais redonda e rasga devagar a polpa, revelando o interior rosado cheio de grãos. Você sabia, eu falei, que o figo não é uma fruta mas uma flor que abre para dentro. O quê, ele gritou. O figo, repeti, o figo é uma flor. Mas não tinha importância. Ele enfiou a mão dentro da sunga, tirou duas bolinhas num envelope metálico. Tomou uma e me estendeu a outra. Não, eu disse, eu quero minha lucidez de qualquer jeito. Mas estava completamente louco. E queria, como queria aquela bolinha química quente vinda direto do meio dos pentelhos dele. Estendi a língua, engoli. Nos empurravam em volta, tentei protegê-lo com meu corpo, mas ai-ai repetiam empurrando, olha as loucas, vamos embora daqui, ele disse. E fomos saindo colados pelo meio do salão, a purpurina da cara dele cintilando no meio dos gritos (Abreu, 2019, p. 299-300).

É possível observar por meio dos gritos e empurrões o início da violência física e psicológica sofrida pelos protagonistas, tem nesse caso, a homofobia de forma escancarada de forma física por meio dos empurrões, de forma psicológica por meio de xingamentos, diretos chamando de “veados”, “loucas”. A narrativa por meio dessa pressão psicológica sofrida retrata de forma fiel a forma como a sociedade cumpre os parâmetros sociais estabelecidos pelo heterossexismo compulsório, onde eles buscam punir todo tipo de comportamento que foge às regras e dinâmicas sociais de sexualidade socialmente aceitos homens/mulheres, Callegari (2009) traz uma análise muito importante sobre o ambiente de carnaval.

Nesse sentido, se o carnaval aceita tal inversão de valores, os sujeitos sociais deveriam, a princípio, ser condescendentes à manifestação de práticas homoeróticas. No entanto, não é isso o que acontece: a sociedade reconhece os limites e expulsa aqueles indivíduos que profanam as normas heterossexuais. Isso significa que a homofobia, que dialoga com a violência internalizada dos sujeitos, prepondera sobre regras estabelecidas por um festejo em particular. Assim, há uma necessidade de os protagonistas se afastarem do grupo, e esse deslocamento acontece de maneira natural ou dirigida (Callegari, 2009, p. 6).

O carnaval é o “espaço” conhecido por desafiar as normas sociais, onde é permitida a inversão temporária dos valores, é durante a festa que as pessoas muitas vezes se libertam dessas convenções e regras estabelecidas. O trecho destacado sugere que esse “espaço” deveria aceitar as manifestações homoeróticas ou até mesmo celebrar, no entanto, a sociedade ainda é marcada pela homofobia, e os limites ainda são impostos mesmo durante o carnaval e os indivíduos que não se comportam de acordo com a norma heterossexual acabam por serem rejeitados e excluídos. Existe um afastamento dos protagonistas do lugar com o intuito de evitar conflitos, ou mesmo para preservar suas identidades, esse deslocamento sugere que mesmo no ambiente festivo do carnaval ainda é possível prevalecer a manutenção das normas sociais.

Uma análise interessante feita por Callegari (2009) é a respeito da metáfora do “figo” visto que o que seria belo no figo, a sua verdadeira essência está escondida dentro em seu interior. “O figo, quando visto de dentro, desvela-se enquanto flor. Ele deixa de lado os atributos primeiros e passa a assumir outros que não lhe são comuns” (Callegari, 2009, p. 6), fazendo um contraponto quanto à “máscara” que por sua vez é uma forma de proteção, revelando a personalidade dos protagonistas, pois, “não se comportam em conformidade com as convenções sociais e revelam para a sociedade que são sujeitos de interesses homoeróticos, algo que estimula o sentimento homofóbico (Callegari, 2019, p. 6). A máscara pode remeter ao leitor a

questão da “farsa”, o que deve ser escondido disfarçado, mas nesse caso, seria aquilo que também precisa ser protegido.

A farsa é uma proteção contra a violência, e ela é essencial uma vez que as diferenças não podem ser acomodadas por tais convenções sociais. Outro ponto a ser discutido, neste particular, é a identidade que os dois passam a adquirir a partir daquele momento. É como se eles deixassem de lado seus registros sociais e passassem a ser regidos por outra lógica. O narrador-protagonista parece ter internalizado essa nova lógica de valores tanto que, para identificar-se e para identificar seu companheiro, faz uso dos pronomes pessoais de caso reto “eu” e “ele”, respectivamente (Callegari, 2009, p. 6-7).

Diante da exclusão e a discriminação sofridas, há um afastamento do grupo social, tudo isso diante da homofobia estipulada, o que exige que os personagens protagonistas, indivíduos homossexuais se protejam, essa proteção é buscada no “espaço” eleito como sendo seguro nesse momento, então eles se dirigem em direção à praia, porém, são perseguidos e agredidos. Os protagonistas vivem o limite de seus desejos, donde de um lado existe a satisfação, e em contrapartida, existe o desejo. “Essa zona fronteiriça está expressa, no texto, pelo espaço que ocupam: a praia, região localizada entre o solo firme e o mar, entre a terra e a água” (Callegari, 2009, p. 7) a terra indica a possível estabilidade, enquanto a água por outro lado sugere instabilidade, mas também é símbolo de vida, fertilidade e sexualidade. O título “Terça-feira gorda”, que antecede a quarta-feira de cinzas, é sugestivo, pois o sentimento nesse dia é de aproveitar ao máximo por se tratar do último dia de festa.

O carnaval, nessas chaves, serviria para camuflar o que há de violência e desrespeito no tecido cotidiano das relações humanas. A violência contra os protagonistas, considerando-se que se deu durante as festas carnavalescas, se traduz numa brincadeira a mais, algo que implica a pouca importância ou o pouco valor dados aos indivíduos sociais de interesses homoeróticos (Callegari, 2009, p. 7-8).

O Carnaval é apresentado como atmosfera festiva onde existe a inversão de valores, podendo assim mascarar os conflitos presentes nas relações humanas. Ele oferece de forma temporária, com intuito de escapar das normas sociais experimentar uma liberdade idealizada e que não é encontrada no dia a dia. No entanto, como mostra Callegari (2009) no trecho destacado, mesmo durante o carnaval, a violência é presente. Os personagens principais,

enfrentam hostilidade e desrespeito, mesmo com a falsa sensação de segurança que essa atmosfera festiva possa transmitir. A violência muitas vezes disfarçada, mascarada ou explícita, e minimizada sugerindo que a sociedade não leva a sério outras formas de demonstração de sexualidade ou identidade.

Outro conto que tem como problemática a relação entre dois homens é “Sargento Garcia”, é um conto onde a narrativa se constrói parte dentro de um quartel parte fora, e narrada a sedução de Hermes por Garcia. Hermes é um rapaz de dezessete que possui uma inteligência e interesse artístico diferente dos rapazes de sua idade, que se encontra em uma situação humilhante durante a necessidade de receber a dispensa do serviço militar, já que usando um falso atestado feito por um médico amigo da família, no qual dizia que o jovem sofria de taquicardia e de pressão baixa. O conto inicia-se com a voz autoritária do sargento, que sugere após uma breve conversa com Hermes, que ele seria um jovem muito “delicado” e “bem-educado” são traços que diferenciam dos outros jovens da sua idade que estavam presentes naquele lugar, na busca de conhecer melhor o garoto sargento Garcia descobre que a vontade de Hermes e prestar vestibular para filosofia, um fato que deixa o sargento surpreso.

— Pois, seu filósofo, o senhor está dispensado de servir à pátria. Seu certificado fica pronto daqui a três meses. Pode se vestir. — Olhou em volta, o alemão, o crioulo, os outros machos. — E vocês, seus analfabetos, deviam era criar vergonha nessa cara porca e se mirar no exemplo aí do moço. Como se não bastasse ser arrimo de família, um dia ainda vai sair filosofando por aí, enquanto vocês vão continuar pastando que nem gado até a morte (Abreu, 2019, p. 319).

Após deixar o quartel, descendo rumo à parada de ônibus, Hermes é parado por Garcia em seu Chevrolet antigo, com uma voz macia o sargento lhe oferece carona. O rapaz aceita o convite, e durante a viagem acontece momento de sedução e flerte entre os dois, “estendeu a mão. Achei que ia fazer uma mudança, mas os dedos desviaram-se da alavanca para pousar sobre a minha coxa. — Escuta, tu não tá a fim de dar uma chegada comigo num lugar aí?” (Abreu, 2019, p. 321). Agora, com a voz macia, o sargento se comporta de outra forma, fora do ambiente hostil do quartel ele se apresenta como outro homem, propõe ao garoto que eles se dirijam a um lugar mais tranquilo, e assim possam ficar mais à vontade, jovem Hermes tem noção das reais intenções do sargento Garcia, aceita a proposta, mas diz que nunca havia mantido relações sexuais com alguém.

Nunca fiz isso. Ele parecia contente. — Mas não me diga. Nunca? Nem quando era piá? Uma sacanagenzinha ali, na beira da sanga? Nem com mulher? Com china de zona? Não acredito. Nem nunca barranqueou égua? Tamanho homem. — É verdade. Diminuiu a marcha. Curvou-se sobre mim. — Pois eu te ensino. Quer? (Abreu, 2019, p. 322).

Os detalhes destacados são importantes para que se tenha uma noção, em um primeiro ponto, o que se diz respeito à personalidade do sargento. É possível notar como se dá sua mudança de personalidade, de acordo com o espaço no qual o sargento se insere, no quartel cercado por soldados aos quais ele considera incultos e grosso, o seu *status* é mantido como símbolo de poder, uma espécie de reafirmação de sua masculinidade. No espaço público, frente aos outros, ele se mantém cercado de uma série de marcações e mecanismos que reafirmam a sua virilidade, seja pelo seu tom de voz grave, por sua forma autoritária, o mesmo cheiro de suor isso postura rígida. Essas características reforçam não só o seu local de trabalho, sua profissão, mas são marcadores diretos da masculinidade compulsória ou heterossexismo compulsório, esse comportamento do sargento reproduz as estruturas de poder e dominação.

É pela disciplina que as relações de poder se tornam mais facilmente observáveis, pois é por meio da disciplina que estabelecem as relações: opressor-oprimido, mandante-mandatário, persuasivo-persuadido, e tantas quantas forem as relações que exprimam comando e comandados. Diante do triângulo demonstrado por Foucault, poder — direito — verdade, e das passagens em que ele remete ao aparelho de Estado, a figura, por meio de recurso analógico, compara-o ao triângulo do tripé da sociedade, Estado – mercado – sociedade civil (Ferreirinha; Raitz, 2010, p. 5).

De acordo com a situação baseada no pensamento de Foucault, fazendo um paralelo com a relação de poder exercido pelo sargento Garcia, é possível abordar os conceitos centrais do pensamento do filósofo a partir do poder e disciplina. Michel Foucault argumenta que a disciplina é um mecanismo que faz com que as relações de poder sejam visíveis e estabeleçam uma hierarquia e papéis distintos, ou seja, opressor e oprimido, mandante e mandatário, persuasivo e persuadido. Com esse triângulo proposto por Foucault temos poder, direito e verdade. A partir desses três paralelos é possível entender como o poder se manifesta de forma legítima na sociedade. O poder não está presente apenas nas instituições, ele permeia toda a sociedade e é exercido constantemente.

Foucault, quando se refere ao aparelho Estado, demonstra como poder é institucionalizado, como as normas e práticas do estado influenciam e são influenciados tanto

pelo mercado quanto pela sociedade civil, e é importante entender a partir desse ponto se interpola relação entre Estado, mercado e sociedade civil, são esferas importantes e que estão interligadas, fazendo esse poder circular entre elas. A relação do sargento Garcia dentro do quartel é uma forma de reafirmar essa relação de poder do Estado dentro da sociedade civil. O quartel, então, é o espaço masculinizado e que não aceita outro tipo de comportamento a não ser o heteronormativo, ou seja, enquanto instituição militar, assenta sobre essas estruturas de poder dirigidas pelo Estado, e que regem a influência sobre os corpos tanto do jovem Hermes como do próprio sargento Garcia, que não pode materializar seu desejo dentro do quartel por ser um ambiente hostil e regulador da sua própria identidade.

O jovem Hermes é uma vítima da representação dominante, conduzido pelo sargento para uma casa de prostituição ou motel, onde é a dona era Isadora, outro espaço, onde é possível a performance pura de seus desejos, porém, vigiada pelas paredes do estabelecimento, o “lugar eleito” para uma possível liberdade dos estigmas e padrões.

O cheiro azedo dos lençóis, senti, quantos corpos teriam passado por ali, e de quem, pensei. Tranquei a respiração. Os olhos abertos, a trama grossa do tecido. Com os joelhos, lento, firme, ele abria caminho entre as minhas coxas, procurando passagem. Punhal em brasa, farpa, lança afiada. Quis gritar, mas as duas mãos se fecharam sobre a minha boca. Ele empurrou, gemendo. Sem querer, imaginei uma lanterna rasgando a escuridão de uma caverna escondida, há muitos anos, uma caverna secreta. Mordeu minha nuca. Com um movimento brusco do corpo, procurei jogá-lo para fora de mim. — Seu puto — ele gemeu. — Veadinho sujo. Bichinha-louca. Agarrei o travesseiro com as duas mãos, e num arranco consegui deitar novamente de costas. Minha cara roçou contra a barba dele (Abreu, 2019, p. 324).

Diante do contexto da relação de poder exercida pelo Estado sobre a sociedade civil, o trecho anterior demonstra o ato sexual concebido como uma forma de dominação, apropriação, uma espécie de posse. Hermes se submeteu a penetração por parte de Garcia, isso demonstra a relação de poder e autoridade. “Assim, embora os dois sejam homens e se entreguem ao prazer sexual, acaba se estabelecendo uma relação de poder entre eles, porque se forma um suposto jogo entre passivo e ativo (Callegari, 2009, p. 10). Há uma relação de sedução de via dupla, Hermes se sentiu atraído fisicamente pelo sargento, assim como Garcia também se sentiu atraído pela delicadeza do garoto. Callegari (2009) faz um paralelo entre a sedução do jovem rapaz e a relação de poder exercida pela masculinidade do sargento.

No conto, Hermes é remetido a uma categoria feminina, dos fracos, dos delicados. Garcia – ao chamar o adolescente de “puto”, “veadinho sujo” e “bichinha louca” – o agride como forma de legitimar a masculinidade e parte de um sistema de dominação. Em outros termos, o sargento quer assegurar seu poder e autoridade, logo procura se enquadrar naquelas definições normativas em que masculinidade é o que os homens devem apresentar, para não serem punidos. Para tanto, ele abandona o espaço público e recorre ao ambiente privado, no caso, a propriedade de Isadora, um travesti. Esta é uma estratégia para que ele, enquanto homem, não se exponha à sociedade, já que receia a perda do poder, da estima e da consideração do grupo. A virilidade masculina – que radica em torno de questões de dominação, posse e autoridade – exige que seja validada por outro(s) homem(s) e/ou por outra(s) mulher(es) (Callegari, 2009, p. 10).

Callegari (2009) reitera que não é o que ocorre no conto em questão, pois, por mais que o sargento Garcia demonstre qualquer grau de autoridade, e até mesmo um certo nível de persuasão, controle ou dominação, ele procura de certa forma manter relações com outro homem. Tem no conto a figura que pode assegurar as características que dão aceitabilidade dentro do grupo social para o sargento Garcia e que performa a figura feminina, mulher que contribui para a legitimação do perfil masculino, e de acordo com cultura tradicional tem o papel de elevar o homem há um paradigma de superioridade como afirma Callegari (2009): “Isadora é um travesti, proprietária de um estabelecimento, dona de um bordel, alguém cuja sexualidade não se caracteriza por ser masculina ou feminina, uma pessoa cuja voz e opinião não são ouvidas pela sociedade” (Callegari, 2009, p. 10), de certa forma, isso faz com que a masculinidade de Garcia não seja questionada, ou mesmo haja boatos a respeito, o que de certa forma poderia acabar com sua imagem de homem viril. O bordel é o local da confirmação dessa masculinidade, é a reafirmação do poder e da virilidade, é o espaço em que a insegurança e a timidez são minimizadas. Tais relações alinham-se às prerrogativas tratadas pela teoria *queer*.

De acordo com as premissas dessa última, o heterossexismo compulsório não se sustentaria dentro da sociedade contemporânea. Segundo David William Foster (1997, p. 64-72), a cultura latino-americana, em decorrência da globalização, atravessaria um processo no qual as diversas instâncias sociais ligadas à rigidez dos códigos machistas não se assegurariam satisfatoriamente, algo que transgrediria a heteronormatividade. Com isso, o rigorismo como as diversas instituições sociais são representadas é posto em xeque, algo que inclusive pode viabilizar um movimento global de emancipação da mulher, vindo a lesar a legitimidade do poder patriarcal (Callegari, 2009, p. 11).

No trecho final, depois que Hermes mantém relação sexual com Garcia, ele deixa a propriedade de Isadora confuso sobre o que aconteceu, segundo Callegari (2009), esse trecho de confusão, no qual Hermes se encontra, é uma manifestação do mundo, a experiência e

vivência na qual permitiu que ele avaliasse as relações sociais sob uma nova perspectiva. Existe uma ruptura o que acontece sobre as crenças do jovem rapaz, que no começo, diante de um diálogo com o sargento, traz uma perspectiva filosófica, na qual ele destaca suas crenças diante da seguinte expressão.

De vida? — Eu mordi o chiclete mais forte, mas o açúcar tinha ido embora. — Não sei, outro dia andei lendo um cara aí. Leibniz, aquele das mônadas, conhece? — Das o quê? — As mônadas. É um cara aí, ele dizia que tudo no universo são. Assim que nem janelas fechadas, como caixas. Mônadas, entende? Separadas umas das outras. — Ele franziu a testa, interessado. Ou sem entender nada. Continuei: — Incomunicáveis, entende? Umass coisas assim meio sem ter nada a ver umas com as outras. — Tudo? — É, tudo, eu acho. As casas, as pessoas, cada uma delas. Os animais, as plantas, tudo. Cada um, uma mônada. Fechada (Abreu, 2019, p. 321).

Hermes era um jovem que vê o mundo dentro de estruturas fixas e de uma ordem, sua vida seguia de acordo com as leis da natureza e da sociedade, contudo, diante da submissão na experiência sexual que foge dos padrões de aceitação social, nesse momento, acontece uma ruptura, que faz com que essas leis que ele acredita ruírem, e a partir desse momento, ele começa a perceber o mundo de performances e falsidades. “Ele perde a base de todos os parâmetros que dão credibilidade a seu modo de viver” (Callegari, 2009, p. 12). E para finalizar, o garoto começa a fumar, como aparece na última frase, hábito que foi adquirido do sargento. Segundo afirma Callegari (2009), remete à corrupção e à consequente reprodução de práticas que se voltam contra o heterossexismo compulsório.

Ainda em “Morangos mofados”, o conto “Aqueles dois” trabalha a problemática da exclusão dos indivíduos que de certa forma não atendem à heteronormatividade, os personagens Raul e Saul são dois indivíduos não pertencentes. Raul é um homem de trinta e um anos, oriundo do norte do país, Saul com seus vinte e nove anos, é natural do sul do país, ambos passam no mesmo processo seletivo para trabalhar na mesma empresa, são apresentados no primeiro dia de trabalho, porém, durante um certo tempo a relação dos dois limitava-se apenas cumprimentos, despedidas, vez ou outra uma conversa rápida sobre coisas do trabalho. A relação dos dois rapazes se desencadeou por conta de um atraso de Saul, que havia perdido a hora, por ter ficado até tarde assistindo um filme. Talvez, por um súbito momento de educação, e para que o colega da repartição não se sentisse mal por ter chegado atrasado Raul pergunta o nome do filme, seu colega Saul responde “infâmia”, dizendo se tratar de um filme antigo e pouco conhecido, todavia, para sua surpresa, seu colega disse que conhecia o filme e que

gostavam muito, então, naquele dia eles tiveram um longo diálogo, por um longo tempo a respeito do filme. Callegari (2009) faz uma observação muito importante a respeito da característica na construção do conto “Aqueles dois”.

Uma característica importante a ser observada no conto diz respeito ao narrador. Diferentemente de “Terça-feira gorda” e “Sargento Garcia”, narrados em primeira pessoa, “Aqueles dois” apresenta-se em terceira pessoa. A esse narrador soma-se o fato de o texto ser monológico. De acordo com Bakhtin (1981a, p. 150), o discurso monovalente define-se por uma certa homogeneização, sendo, portanto, autoritário e dogmático. A natureza do conto é ambígua, contudo, uma vez que o narrador neutraliza outras vozes do discurso e fornece informações que induzem o leitor a uma determinada avaliação do relacionamento entre Raul e Saul, pode-se dizer que o seu olhar procura adotar o ponto de vista daqueles que compactuam com as premissas do heterossexismo compulsório (Callegari, 2009, p. 12).

Ainda segundo o autor, a construção do conto não nega que exista alguma atração sexual entre eles, a forma como o narrador articula a relação os rapazes indicam na construção da narrativa como sendo algo fixo, ou seja, que leve ao leitor atribuir apenas um tipo de orientação sexual aos personagens, característica é essa regida pelo heterossexismo compulsório. A teoria *queer* pretende romper com essa visão unilateral e binária de apenas um padrão comportamental sexual, ela tem por objetivo estabelecer outras percepções de constructos sociais, aceitando todas as formas de identidade sexual, ao analisar o conto por uma perspectiva *queer* não é condenado qualquer comportamento que fuja da norma heteronormativa.

Outro ponto importante de se analisar, sugerido por Callegari (2009), seria que o perfil dos protagonistas reforça uma ideia de que eles não atendem às perspectivas heterossexistas no que diz respeito ao estado civil dos rapazes. Raul foi casado durante três anos, não teve nenhum filho, isso é o casamento foi fracassado, Saul chegou a ser noivo. São particularidades que, de certa forma, se unem ao fato de os dois estarem sozinhos na mesma cidade, não possuem família, mulher, tio, mãe ou amantes. Ou seja, eles são livres, não são vigiados ou reprimidos pela família, não tem a repressão de um núcleo socialmente repressor, além do narrador reforçar que eram dois moços bonitos, que deixavam as moças da repartição em quietas, fossem elas solteiras ou casadas.

De fato, Raul e Saul tinham muitas características que os tornavam parecidos, a principal talvez seria o fato de que ambos não eram casados: “O casamento, além de ser uma prática que corrobora o heterossexismo compulsório e sustenta o patriarcado, serve para reconhecer como autêntica a sexualidade feminina ou masculina (Callegari, 2009, p. 13). Diante disso, o fato de

não estarem casados reforça uma característica transgressora na construção dos dois personagens, pois, o matrimônio faz parte do sistema legitimador dentro do heterossexismo compulsório, e para aqueles que são detentores do poder a família, igreja e Estado.

Com o passar do tempo, era nítida que a relação dos dois havia se tornado mais próxima e os encontros mais frequentes, em um dia de domingo, Saul telefonou para o amigo para saber o que ele estava fazendo, naquele dia acabou visitando e os dois jantaram juntos: “às vezes olhavam-se. E sempre sorriam. Uma noite, porque chovia, Saul acabou dormindo no sofá. Dia seguinte, chegaram juntos à repartição, cabelos molhados do chuveiro” (Abreu, 2019, p. 353). Esse fato, para os colegas de trabalho, seria um sinal de que na noite anterior eles tiveram uma relação sexual. E nesse momento, tanto os homens quanto as mulheres têm atitudes indesejadas, como reação de desprezo referente aos dois.

Os funcionários barrigudos e desalentados trocaram alguns olhares que os dois não saberiam compreender, se percebessem. Mas nada perceberam, nem os olhares nem duas ou três piadas enigmáticas. Quando faltavam dez para as seis saíram juntos, altos e altivos, para assistir ao último filme de Jane Fonda (Abreu, 2019, p. 353).

Nesse trecho a homofobia é referenciada, já que os indícios da relação dos dois rapazes manifestavam de certa forma algum tipo de comportamento que foge do padrão sexual legitimado. Contudo, é assinalado pelo narrador que há algum afeto entre os dois, e que é assinalado e reforçado em algumas passagens do conto. É importante estar atento como o espaço em que a narrativa construída corrobora com sistema patriarcal, uma repartição em um prédio cinza, administrada por homens, no conto, o prédio é referido como uma clínica psiquiátrica ou mesmo a prisão, existe uma sensação de que aqueles que o cercam, de alguma maneira, estou sempre vigiando o comportamento dos dois. No momento em que acontece a demissão, é representação da própria exclusão da sociedade diante do comportamento daqueles que fogem das regras e demandas sociais, no conto, é possível analisar não só de que forma acontece o cerceamento por parte da sociedade, mas também a forma como a homofobia e o preconceito estão intrínsecos no comportamento dos personagens secundários, é uma representação autêntica de como a sociedade marginaliza aqueles que transgredirem as regras, como pensa Callegari (2009), a homofobia não é generosa em seus julgamentos.

Em situações em que pode haver simplesmente uma forte amizade entre sujeitos de mesmo sexo, existe a possibilidade de eles serem julgados impiedosamente” (Callegari, 2019,

p. 16). É uma violência que acontece diariamente em todas as camadas da sociedade. “Homofobia que destrói a felicidade gerada a partir de uma relação calcada num modelo que foge à ditada pelas premissas heterossexistas. Assim termina a história: o heterossexismo homofóbico levando à ruína a felicidade de indivíduos que querem viver do seu jeito”. (Callegari, 2009, p. 16). Esse diálogo a respeito de “Terça-feira gorda”, “Sargento Garcia” e “Aqueles dois” estabelece uma linha de características na produção de Caio Fernando Abreu que refletem as questões de sexualidade e gênero, dando enfoque também a discussões como heterossexualidade e homossexualidade, levando em conta os espaços em que se constrói as narrativas, e as subjetividades que englobam a construção de seus personagens. O autor foge de qualquer esquema ideológico de marginalização e de exclusão dos sujeitos, deixando livre desejo e a manifestação da sexualidade de seus personagens, baseado na perspectiva *queer* é uma escrita totalmente transgressora e que foge dos padrões e normas estabelecidas pela sociedade.

## 2.2 A VIRILIDADE COMO FORMA DE DOMINAÇÃO

É preciso entender que existe dentro da sociedade moderna um ideal de masculinidade, ligado ao corpo e à virilidade. Todos os homens de maneira geral são perpassados pelo mesmo ideal, e esses estímulos sociais sobre a virilidade do corpo masculino estão ligados à sua sexualidade: “a virilidade, entendida como capacidade reprodutiva, sexual e social, mas também como aptidão ao combate e ao exercício da violência (sobretudo em caso de vingança), é, acima de tudo, uma carga” (Bourdieu, 2012, p. 64).

A homo-orientação masculina é mais condenada porque envolve a possibilidade de penetração anal, a sodomia, ato inaceitável para o imaginário masculino ocidental, pois remete à submissão mais vexatória a que um varão pode se sujeitar, a abnegação do poder da entrega sexual a outro homem (Oliveira, 2004, p. 122).

A virilidade e a masculinidade sempre estão ligadas a formas de dominação social sob a ótica patriarcal. “A virilidade, como se vê, é uma noção eminentemente relacional, construída diante dos outros homens, para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo” (Bourdieu, 2012, p. 67). A virilidade está intrinsecamente ligada à qualidade, logo, estado de ser viril, ou seja, aqueles

que possuem características típicas dos homens, isso inclui a força física, coragem, confiança e capacidade de liderança. A relação dos dois rapazes em um ambiente de carnaval, deixa de ser viril, a partir do momento que há o flerte, a sedução de um homem para com o outro, faz com que um dos dois assume o papel de submissão, mesmo que de forma simbólica; isso é entendido pelos personagens secundários como um comportamento que deve ser contido. Bourdieu (2012) argumenta que a virilidade é construída em relação aos outros homens, e que ela é definida em oposição a feminilidade como uma resposta ao medo do feminino.

“Ai ai, alguém falou em falsete, olha as loucas, e foi embora. Em volta, olhavam”. (Abreu, 2019, p. 299). Para o patriarcado e o heterossexismo, a feminilidade é ligada à inferioridade, o comportamento dos dois rapazes em público é inaceitável, pois fere de forma direta as regras estabelecidas pelo sistema cerceador. A sociedade que se apresenta no conto é o retrato claro da sociedade cheia de hipocrisias, onde a liberdade da última noite de carnaval só é permitida para quem está dentro da norma social estabelecida. “O Brasil notabilizar-se por ser um dos países que não apenas marginaliza e/ou condena à subcidadania os homossexuais, mas também como um dos países em que o assassinato de homossexuais raramente é objeto de investigação policial e de punição legal” (Franco Junior, 2000, p. 91).

O conto que é carregado de metáforas, a começar pelo título da primeira parte do livro “O Mofó”, que representam a sociedade e sua podridão intrínseca, as relações sociais que se estabelecem nos meandros de uma festa carnavalesca; e a posição da sociedade frente a relações de pluralidade que deveriam ser respeitadas. Arnaldo Franco Junior (2000, p 91) afirma que “remete não apenas à metáfora da sociedade em estado de putrefação mas também a um status quo que, caracterizando a vida no Brasil pelo exercício cotidiano de uma série de violências dissimuladas”, e ainda que isso se estabelece sobre o discurso de um país tolerante, mas faz com que a sociedade reconheça que é necessário percorrer um caminho longo, quanto à questão democrática e plural da forma como se vive, e que essa mesma sociedade está longe de ser digna, no que se refere os direitos humanos e o direito das minorias. É um conto que se pauta sobre os padrões do heterossexismo compulsório, pois a todo momento, o personagem protagonista deixa claro sua posição de masculinidade.

E não parecia bicha nem nada: apenas um corpo que por acaso era de homem gostando de outro corpo, o meu, que por acaso era de homem também. Eu estendi a mão aberta, passei no rosto dele, falei qualquer coisa. O quê, perguntou. Você é gostoso, eu disse. Eu era apenas um corpo que por acaso era de homem gostando de outro corpo, o dele, que por acaso era de homem também (Abreu, 2019, p. 299).

É preciso olhar e entender que o fato de o personagem dizer de forma convicta sobre sua masculinidade, rejeitando qualquer traço nele e no outro de feminilidade, está ligado ao heterossexismo, que na sociedade como já foi discutido até aqui, é viver sobre padrões que são determinados pelo patriarcado, que segundo Kelly Kotlinski, é “sistema de organização política, econômica, religiosa, social etc. fundada numa hierarquia na qual a maioria das posições superiores é ocupada por homens. O patriarcado é também responsável pela exclusão social das mulheres nas várias esferas da vida”.

Segundo Arnaldo Franco Junior, o carnaval não é uma escolha aleatória no conto, pois; o carnaval possui uma camada explosiva de comportamentos eufóricos, que levam a uma irresponsabilidade e alegria coletiva que em dado momento chega a ser brutal. “Ocasão em princípio aberta à manifestação das inversões e do mundo às avessas, o carnaval torna-se, no conto, signo de uma ironia amarga: a intolerância tropical manifesta-se nele e, mais, por meio dele” (Franco Junior, 2000, p. 92).

Repressiva e dissimulada, a sociedade que celebra Momo é a mesma que, ambivalente com a indefinição de limites, reage violentamente quando, por alguma razão, os limites tornam-se claros. Isso, sobretudo, quando, no caso da homossexualidade não estereotipada, os signos obrigam ao reconhecimento de uma existência diversa daquela que se ajusta docilmente aos valores e comportamentos fixados como ideais e desejáveis pela doxa (Franco Junior, 2000, p. 92).

É irônico como no conto o retrato da sociedade é posto de duas formas contrapostas, e que de certa forma escancaram a face dessa sociedade brasileira, que é cheia de contradições. O conto coloca o leitor frente a essas questões e, leva a refletir como a festa de carnaval reforça esses estereótipos de discriminação e exclusão. “Terça-feira gorda” expõe que a mesma sociedade da moral e bons costumes, é capaz de agredir e matar em nome de seus valores.

O conto articula dois aspectos ligados à metáfora do mascaramento, valendo-se do contraste entre eles para, ao mesmo tempo, discutir o lugar da homossexualidade na sociedade brasileira e, sobretudo, discutir o lugar do desejo numa ordem abertamente repressiva, que, ao lamentar os próprios crimes, procura se mostrar como tolerante (Franco Junior, 2000, p. 93).

Como citado, explora a metáfora do mascaramento, está envolvido entre ocultar e disfarçar algo, o autor utiliza-se de diferentes elementos para criar a tensão significado, também é possível perceber a questão do “lugar da homossexualidade”, abordando a homossexualidade como uma posição dentro da sociedade brasileira, revelando como a sociedade mascara e esconde essa identidade ao mesmo tempo em que ela é discutida, o que de alguma forma pode gerar uma certa ambiguidade. Outro ponto a ser percebido pelo leitor seria o desejo uma ordem repressiva, sendo o desejo algo central na narrativa, e o ponto mostra como desejo homoerótico reprimido pela sociedade, em um mergulho das complexidades bem identidade, desejos reprimidos além da hipocrisia social envolvido na metáfora do mascaramento.

Existe, de acordo com Arnaldo Franco Junior, a sensação de proteção ligado à máscara, onde ninguém será capaz de reconhecer quem a usa, assim, esse sujeito pode despir-se de seus medos e (pre)conceitos, e ser de fato que ele quiser. E de outro lado, existe uma crítica metafórica embutida no sentido da máscara, que está ligado ao que está escondido, pessoas que vivem sobre uma moral podre, e que se julgam melhores que as outras, para essas pessoas a máscara simboliza a hipocrisia, o preconceito. É um pensamento muito profundo, quando se abre espaço para ser analisado sob várias óticas, como por exemplo, racial, religiosa e social.

Outra questão que é interessante elucidar é a posição em que é colocado os personagens homoeróticos no conto, talvez não fique tão claro durante a leitura na narrativa e na forma como ela se constrói, no entanto, esses personagens são postos em uma posição de submissão perante o patriarcado constantemente. O Discurso que é colocado diante do leitor é cheio de marcações e mecanismos inerentes ao pensamento patriarcal: “e não parecia bicha nem nada [...]”. “Eu era apenas um corpo que por acaso era de homem gostando de outro corpo, o dele, que por acaso era de homem também” (Abreu, 2019, p. 299).

Em todo momento, o personagem Narrador busca lembrar ao leitor de que eram dois corpos masculinos, e que em momento algum eles se pareciam com “bichas”. São personagens que também utilizam o artifício de máscaras sociais, para um convívio ou uma passibilidade, isso é um fator muito importante quando se pensa a sociedade e a forma como ela construída, sobretudo o que já foi discutido a respeito do patriarcado, da masculinidade, da virilidade, porque o que gera desconforto nesse personagem é o mesmo discurso que ele reverbera, é de que o outro corpo, não possui nenhuma aparência feminina. Arnaldo Franco Junior afirma que:

Tal máscara contrapõe-se à recusa de quem, movido pelo desejo, evita usar da máscara que socialmente lhe seria destinada para integrar-se – a de viado notório e facilmente reconhecível por portar os signos de distinção-humilhação que, simultaneamente,

fazem da homossexualidade algo "extraordinário" e reduzem o homossexual à condição de criatura esfuziante do circo-de-horrores, personagem do mundo-cão (Francisco Junior, 2000, p. 93).

O trecho anterior expõe a máscara social referindo-se à maneira como as pessoas escondem, ou adaptam suas identidades, para que possam se encaixar nas normas sociais, a máscara, então, seria a representação externa que oculta ou modifica os aspectos internos. Ao colocar no contexto da homossexualidade, a máscara social pode ser considerada como adoção de comportamentos heteronormativos para evitar a marginalização ou estigmatização. Existe também a recusa e desejo, essa recusa mencionada seria a resistência de alguém que, movido pelo desejo, recusa usar a máscara que socialmente se espera. Arnaldo Franco Junior descreve a máscara específica associada aos homossexuais estereotipados, e que carrega os signos da distinção e da humilhação. Outra questão a ser observada seria o paradoxo da visibilidade e redução, a convivência e um certo respeito adquirido pela sociedade, entretanto, em contrapartida, os homossexuais são reduzidos a personagens caricatos.

Existem pontos que são importantes na discussão de como se constrói a identidade homoerótica na sociedade brasileira e no mundo de forma geral. Homens gays, principalmente, são sempre colocados numa posição de chacota, onde precisam sempre estar bem-humorados. Existe uma configuração muito caricata na construção de personagens gays dentro do cinema, das novelas ou até mesmo dos romances, o que torna a discussão dentro do conto "Terça-feira gorda" ainda mais interessante, pois esses dois personagens vêm em contraposição ao que a sociedade sempre esboçou em relação a indivíduos homoeróticos. E esse conto é uma ótima ferramenta para se pensar a sociedade e a posição do homem gay nesse espaço. Um ambiente onde ele pode ser tudo o que ele é de verdade, onde de fato o seu direito de existir deveria ser respeitado que é um ambiente festivo, esse direito foi negado.

Talvez, essa poderia ser a maior metáfora do conto e, de fato, esse é um grande questionamento diante da narrativa, que faz com que o leitor possa refletir como se constrói as relações de poder dentro de uma sociedade. É preferível dentro do sistema patriarcal e machista, a morte do que aceitar a verdade de alguém, Arnaldo Franco Junior destaca que o conto não só discute a posição da homossexualidade na sociedade Brasileira, mas também o desejo mascarado, o desejo escondido, aquele que não pode estar fora da ordem pública: "tais forças ameaçam desmascarar como farsa os mitos de que se alimenta a própria sociedade brasileira em relação ao modo como, historicamente, confere um lugar ao desejo e ao erotismo" (Francisco Junior, 2000, p. 93).

Tal expressão, sugere o texto, desmascara como farsa a liberalidade e a efusividade erótica coletiva, revelando, sob a máscara do desregramento, uma profunda repressão sexual, um ódio que caracteriza um padrão de personalidade e de psicologia que Wilhelm Reich definiu bem ao escrever *Psicologia de massa do fascismo* e, sobretudo, *Escuta, Zé Ninguém* (Franco Junior, 2000, p. 93).

Importante pensar essa liberdade erótica coletiva e como ela se refere à idealizada, pois entende-se que é o ideal, liberdade sexual e expressão erótica dentro de determinado contexto social, contudo, essa liberdade pode vir a ser uma fachada, uma máscara que esconde algo mais profundo, como por exemplo, a repressão sexual e ódio. Ou seja, essa aparente liberdade erótica coletiva é uma camada que esconde uma repressão profunda intrínseca na sociedade. É interessante observar o modo como ocorre os fatos, e a forma como os personagens se comportam nos espaços aos quais são colocados, seja o espaço físico ou mesmo o espaço simbólico. Físico corresponde à festa e aos corpos, pois, de certa maneira, existe essa composição do espaço no corpo um do outro. Talvez possa ser simbólico esse espaço em específico, ocorrendo transição para um contexto social, tudo isso permeado pelo fluxo de pensamento do personagem-Narrador, que de certa forma aproxima o leitor e evoca um sentimento de empatia.

Brilhávamos, os dois, nos olhando sobre a areia. Te conheço de algum lugar, cara, ele disse, mas acho que é da minha cabeça mesmo. Não tem importância, eu falei. Ele falou não fale, depois me abraçou forte. Bem de perto, olhei a cara dele, que olhada assim não era bonita nem feia: de poros e pelos, uma cara de verdade olhando bem de perto a cara de verdade que era a minha. A língua dele lambeu meu pescoço, minha língua entrou na orelha dele, depois se misturaram molhadas. Feito dois figos maduros apertados um contra o outro, as sementes vermelhas chocando-se com um ruído de dente contra dente (Abreu, 2019, p. 300).

É um conto que caminha por meio de relatos do Narrador personagem, isso faz com que o leitor se aproxime da obra ao ponto de sentir parte dela ou parte dos acontecimentos. A todo momento existe uma expectativa da conquista, de conhecer o outro e entender os espaços em que essas relações se constroem, e diante de todo diálogo a respeito do conto e de que forma a sociedade é retratada, é uma narrativa que reiteradas vezes demonstra a obscuridade social, o medo, preconceito. Os diálogos que antecedem um momento de violência são diálogos carregados de ambiguidade e que a todo momento mostram esses contrapontos sociais, de um lado o medo, e de outro necessidade de Liberdade.

O pontapé nas costas fez com que me levantasse. Ele ficou no chão. Estavam todos em volta. Ai-ai, gritavam, olha as loucas. Olhando para baixo, vi os olhos dele muito abertos e sem nenhuma culpa entre as outras caras dos homens. A boca molhada afundando no meio duma massa escura, o brilho de um dente caído na areia. Quis tomá-lo pela mão, protegê-lo com meu corpo, mas sem querer estava sozinho e nu correndo pela areia molhada, os outros todos em volta, muito próximos. Fechando os olhos então, como um filme contra as pálpebras, eu conseguia ver três imagens se sobrepondo. Primeiro o corpo suado dele, sambando, vindo em minha direção. Depois as Plêiades, feito uma raquete de tênis suspensa no céu lá em cima. E finalmente a queda lenta de um figo muito maduro, até esborrachar-se contra o chão em mil pedaços sangrentos (Abreu, 2019, p. 301).

No embate frente à violência, existe uma construção de metáforas que vão determinando no leitor, sensações como, a dor, o medo, a angústia; o primeiro fato seria o afastamento dos personagens do ambiente social, a busca por um lugar privado longe dos olhos dos outros. E, então, a praia se torna o lugar eleito pelos personagens, como ambiente mais acolhedor, mas que em contraposição evoca um sentimento de marginalidade, como se o que eles estivessem fazendo fosse errado. O conto termina com a violência de forma tão bruta que choca o leitor, e demonstra como a sociedade mascarada por sua hipocrisia, utilizar de qualquer artifício na defesa de seus interesses: preconceito e exclusão na qual a exclusão do homem e a sua posição na sociedade esteja diretamente ligado forma como a feminilidade é vista socialmente. É importante que se tenha em mente que o machismo opera tanto sobre a figura feminina quanto sobre a figura masculina, e que de alguma forma todos são atravessados por esse sistema.

Ao pensarmos os padrões de comportamentos sociais dos indivíduos e na maneira como ele se relaciona consigo e com o outro, refletir sobre o corpo e a sexualidade se tornou um tópico de extrema importância. Pois, com os inúmeros espaços e discussões abertos a respeito de educação sexual e gênero, os tabus ganharam destaque e a sexualidade ganha um papel de protagonismo nesses debates, porque nesse momento não podemos pensar a sexualidade como um mecanismo fechado, pelo contrário, ela se tornou uma ferramenta importante para entendermos o sujeito e suas relações sociais.

O projeto de uma história da sexualidade torna-se, então, uma interrogação sobre as maneiras pelas quais as práticas e os discursos da religião, da ciência, da moral, da política ou da economia contribuíram para fazer da sexualidade, ao mesmo tempo, um instrumento de subjetivação e uma ferramenta do poder (Revel, 2005, p. 80).

Foucault coloca a sexualidade como uma questão a ser interrogada mediante aos mecanismos de cerceamento social. Pensando nisso, podemos questionar o padrão que é determinado de masculino e feminino, questiona-se, de que forma a sexualidade é colocada como um ideal a ser seguido. A masculinidade, no caso do homem, está ligada à virilidade, e a feminilidade, no caso da mulher, estaria ligada à questão da fecundidade. Isso é uma questão que até parece óbvio, importante que se tenha em mente, que essa visão é atravessada por um discurso que é construído a partir de uma sociedade e, que essa sociedade é regida por um sistema que determina “Quem é Quem”, e que essa construção de masculino/feminino é algo que está muito mais profundo, esses discursos e pontos de vista são estruturas que precisam ser analisadas levando em conta todo o seu arcabouço histórico, tempo e espaço. É um fator muito importante que precisa ser levado em consideração, que traz de certa maneira um entendimento um pouco maior ou melhor que seria o “indivíduo”, e a forma como ele se relaciona com o meio em que ele está, e como ele constrói as suas relações.

Os "modos de subjetivação" ou "processos de subjetivação" do ser humano correspondem, na realidade, a dois tipos de análise: de um lado, os modos de objetivação que transformam os seres humanos em sujeitos - o que significa que há somente sujeitos objetivados e que os modos de subjetivação são, nesse sentido, práticas de objetivação; de outro lado, a maneira pela qual a relação consigo, por meio de um certo número de técnicas, permite constituir-se como sujeito de sua própria existência (Revel, 2005, p. 82).

Caio Fernando Abreu, em sua obra “Aqueles dois” e “Terça-feira gorda”, nos traz pontos interessantes que casam bem com a discussão na qual abordamos sobre sexualidade e sujeito. Os contos mostram, de maneira clara, como esses padrões de comportamento e de discurso vão influenciar na vida dos personagens, essas obras são um interessante pilar para pensarmos a sexualidade de forma mais abrangente. Ao olhar para sexualidade humana entende-se que ela está muito ligada ao discurso, o efeito de significado desse discurso e a forma como ele age sobre a relação do sujeito com o espaço e contexto social de cada um. Em “Aqueles dois”, a princípio, os dois rapazes vão desenvolvendo uma afinidade e uma amizade típica de duas pessoas que vivem situações parecidas, sentem-se solitários e se aproximam por conta disso no decorrer do conto gera comentários preconceituosos de outras pessoas.

Esse padrão também é replicado em nosso convívio diário, sem ao menos percebermos que somos uma reprodução do discurso machista e patriarcal enraizada em nosso subconsciente. Homem não chora, não abraça outro homem, não usa rosa, mulher não joga bola, não fala de

política, não é a cabeça do lar. A relação dos personagens de “Aqueles dois” e os ambientes colocados como prisões e clínicas psiquiátricas nos reforça como a sexualidade que não está no padrão da heterossexualidade, sempre é ligada à anormalidade ou algo passível de punição. O que os personagens de “Aqueles dois” sofrem de forma velada a princípio é o retrato claro do que vários homens e mulheres gays sofrem na realidade, o preconceito está enraizado não só no discurso, mas também no comportamento das pessoas.

A verdade é que não havia mais ninguém em volta. Meses depois, não no começo, um deles diria que a repartição era como “um deserto de almas”. O outro concordou sorrindo, orgulhoso, sabendo-se excluído. E longamente, entre cervejas, trocaram então ácidos comentários sobre as mulheres mal-amadas e vorazes, os papos de futebol, amigo secreto, lista de presente, bookmaker, bicho, endereço de cartomante, clips no relógio de ponto, vez enquanto salgadinhos no fim do expediente, champanha nacional em copo de plástico. Num deserto de almas também desertas, uma alma especial reconhece de imediato a outra — talvez por isso, quem sabe? Mas nenhum se perguntou (Abreu, 2019, p. 50).

O narrador em primeira pessoa aproxima os leitores de uma visão mais aprofundada da relação que é construída pelos personagens. É interessante notarmos que ambos vêm de relações que não deram certo, matrimônio e noivado, sabemos que a marca da “norma” heterossexual perante a igreja é o matrimônio, um homem deve ser unir a uma mulher e assim multiplicar. A sociedade sempre está cobrando relações de afetividade e sexualidade dos sujeitos, o machismo é reforçado nos discursos quando um jovem rapaz está sempre sozinho ou acompanhado de amigos, o homem precisa apresentar uma namorada como uma espécie de rito de passagem. Se isso acontece principalmente para o homem, há uma exclusão seguida de piadas como ser chamado de bicha, veado, mulherzinha etc. Não chegaram a usar palavras como especial, diferente ou qualquer outra assim. Apesar de, sem efusões, terem se reconhecido no primeiro segundo do primeiro minuto. Acontece, porém, que não tinham preparo algum para dar nome às emoções, nem mesmo para tentar entendê-las (Abreu, 2019, p. 350).

Fazendo um paralelo entre o conto e a sociedade, as relações sempre começam por um ponto de convergência que unem as pessoas, onde encontramos no outro características que se assemelham as nossas, e é a partir disso que vamos concebendo relações de afetividade como namoro e amizade. O que os personagens de Raul e Saul tiveram foi uma aproximação por motivos que os uniam, porém, os distanciavam do demais, ambos são oriundos de outros lugares do país, sendo que um era do Norte e outro era do Sul, ambos estavam sozinhos naquela cidade e começavam em empregos novos.

### 2.3 “AQUELES DOIS” E A HETEROSSEXUALIDADE COMPULSÓRIA

O conto “Aqueles dois” também se tratava de dois homens, bonitos e sem trejeitos, todavia, o ponto de exclusão é o mesmo por mais que não tenha existido nada explícito entre os dois, e aspectos no espaço social que determinasse um padrão de abjeção, o afeto ou companheirismo em excesso entre dois homens não é aceito dentro do heterossexismo compulsório.

Para qualquer um que se depare com os pontos citados anteriormente acha normal que os dois se aproximem tanto, porque além de colegas de trabalho possuem características parecidas. Nisso, se faz pertinente discutirmos a homofobia e como ela é uma doença na sociedade, como o heterossexismo compulsório que é um mecanismo utilizado para ditar as regras de convívio social das pessoas e principalmente de pessoas gays pode servir para exilar o sujeito que não cumpra com os padrões. A relação dos dois rapazes incomoda tanto, visto que essa relação em boa parte do conto está longe de ter de raízes sexualizadas como vemos.

Cruzavam-se silenciosos, mas cordiais, junto à garrafa térmica do cafezinho, comentando o tempo ou a chatice do trabalho, depois voltavam às suas mesas. Muito de vez em quando um pedia fogo ou um cigarro ao outro, e quase sempre trocavam frases como tanta vontade de parar, mas nunca tentei, ou já tentei tanto, agora desisti (Abreu, 2018, p. 351).

Rogério Diniz Junqueira (2012) aborda sobre a homofobia destacando que ela, inclusive, diz respeito a valores, mecanismos de exclusão, disposições e estruturas hierarquizantes, relações de poder, sistemas de crenças e de representação, padrões relacionais e identitários, todos eles voltados a naturalizar, impor, sancionar e legitimar uma única sequência sexo-gênero-sexualidade centrada na heterossexualidade e rigorosamente regulada pelas normas de gênero a repartição, lugar de trabalho do dois é o lugar hierárquico que conota não só o poder do Estado, contudo, o poder das pessoas sobre a relação dos dois. Primeiro sobre a relação de amigos medindo a qual ponto pode chegar a amizade entre dois homens e quais os limites que são aceitos para a regra da “normalidade”. Segundo Rogério Diniz Junqueira, a heteronormatividade pode chamar a atenção sem desassociar da homofobia para construção, legitimação e hierarquização de corpos, identidades, expressões, comportamentos, estilos de vida e relações de poder.

A íntima relação entre homofobia e normas de gênero tanto se traduz em noções, crenças, valores, expectativas, quanto em atitudes, edificação de hierarquias opressivas e mecanismos reguladores discriminatórios. Assim, pode comportar drásticas consequências às pessoas que ousam descumprir os preceitos socialmente impostos em relação ao que significa ser homem e ser mulher (Junqueira, 2012, p. 8).

No conto “Aqueles dois”, a relação dos rapazes com os demais funcionários da firma existe uma pressão para que eles se encaixem para que participem de festas e reuniões da empresa. “Atentas, as moças em volta providenciavam esticadas aos bares depois do expediente, gafeiras, discotecas, festinhas na casa de uma, na casa de outra. A princípio esquivos, acabaram cedendo, mas quase sempre se enfiavam pelos cantos e sacadas para trocar suas histórias intermináveis” (Abreu, 2018), até mesmo os dois rapazes cedem, são levados aceitar os convites como uma forma de não serem mais perturbados, trazendo para o contexto de sociedade, quantos homens se casam para cumprir um papel social ou para fugir da mira do preconceito. Essa atitude reforça o que todos os marcadores discutidos até aqui, heterossexismo compulsório que determina os padrões de comportamento sexual e de sexualidade, homofobia que determina o sujeito gay como passível de abjeção, machismo que tem como principal fator repulsa ao feminino e inferiorização à ascensão de figuras feminilizadas, isso se aplica a gays homens afeminados, travestis e transexuais.

Eram dois moços bonitos, todos achavam. As mulheres da repartição, casadas, solteiras, ficaram nervosas quando eles surgiram, tão altos e altivos, comentou de olhos arregalados uma secretária. Ao contrário dos outros homens, alguns até mais jovens, nenhum deles tinha barriga ou aquela postura desalentada de quem carimba ou datilografa papéis oito horas por dia. Raul era um pouco mais definido, com sua voz de baixo profundo, tão adequada aos boleros amargos que gostava de cantar. Tinham a mesma altura, o mesmo porte, mas Saul parecia um pouco menor e mais frágil (Abreu, 2018, p. 351).

O privilégio masculino é também uma cilada e encontra sua contrapartida na tensão e contensão permanentes, levadas por vezes ao absurdo, que impõe a todo homem o dever de afirmar, em toda e qualquer circunstância, sua virilidade (Bourdieu, 2012), como dois moços bonitos, podem não querer uma das moças da repartição. Seria o “bonito” marcador de masculinidade ou feminilidade, se pensarmos que o homem gay está sempre ligado a padrões estéticos de vaidade, estereotipados como figuras de maquiadores, cabelereiros ou estilistas e profissionais do mundo da moda. O homem desalinando, barrigudo e de postura desalenta de quem carimba papel, seria o homem viril, aquele másculo a quem os dois rapazes fogem à

norma. A condição do sujeito na qualidade de homem, bem como a masculinidade associada a esse ideal, não é, portanto, uma entidade fixa. Não é um bloco disforme que se encaixa com perfeição em um buraco quadrado, em no meio de um mundo quadrado.

O conto “Aqueles dois” não se trata apenas da representação homossexual, nem mesmo uma relação concreta, mas é mais que isso, é o retrato da sociedade com toda sua autoridade heteronormativa que impõe e que vigia e pune todos aqueles que são diferentes, os que transgridam as normas. A homossexualidade é apenas um norte que desenha o preconceito intrínseco na sociedade, poderia se tratar de qualquer outro assunto como por exemplo amor interracial, preconceito de classes, que também mostraria o retrocesso social em que se alicerça a sociedade preconceituosa. O prédio da repartição, o deserto de almas, talvez seja representação da sociedade preconceituosa que vigia e pune aqueles que não estão dentro dos padrões, que não decidem mesmo de forma inconsciente, assim como Raul e Saul viviam sua “masculinidade” destoando de todos os outros.

Por educação, ou cumprindo um ritual, ou apenas para que o outro não se sentisse mal chegando quase às onze, apressado, barba por fazer, Raul deteve os dedos sobre o teclado da máquina e perguntou: que filme? Infâmia. \* Saul contou baixo, Audrey Hepburn, Shirley MacLaine, um filme muito antigo, ninguém conhece. Raul olhou-o devagar, e mais atento, como ninguém conhece? eu conheço e gosto muito, não é aquela história das duas professoras que. Abalado, convidou Saul para um café, e no que restava daquela manhã muito fria de junho, o prédio feio mais do que nunca parecendo uma prisão ou clínica psiquiátrica, falaram sem parar sobre o filme (Abreu, 2019, p. 352).

Assim colocado, é importante entender a literatura como o lugar onde as vozes estão em um constante disputa por representatividade. Assim, pertencer a um cânone, a uma forma de representação dentro da literatura significa ter uma espécie de validação do ser e do existir. A literatura no diálogo com a sociedade normaliza, ou normatiza, aquilo que é colocado dentro do campo literário, sendo assim, o texto literário é um lugar que legitima padrões e discursos de determinadas épocas da história.

Num deserto de almas também desertas, uma alma especial reconhece de imediato a outra — talvez por isso, quem sabe? Mas nenhum deles se perguntou. Não chegaram a usar palavras como especial, diferente ou qualquer outra assim. Apesar de, sem efusões, terem se reconhecido no primeiro segundo do primeiro minuto. Acontece, porém, que não tinham preparo algum para dar nome às emoções, nem mesmo para tentar entendê-las (Abreu, 2019, p. 350).

O trecho retrata no conto a incerteza da homossexualidade que ali foi desenhada, apenas como suposição, que é suficiente para reações que demonstram intolerância e crueldade da sociedade que é narrada. Os protagonistas não sabem daquilo que sentem, não sabem ou não podem nomear suas emoções, nem mesmo podem senti-las, amor, desejo, há um questionamento será que poderia existir entre dois iguais esses sentimentos. Pode-se acreditar que a sexualidade, apesar de ser o centro do diálogo, não seja o único ponto a ser debatido, o comportamento dos dois homens foge da expectativa de gênero para o masculino. No conto, existe a constante dúvida sobre a natureza da relação de Raul e Saul seriam os dois gays, como poderia saber se até mesmo os dois não saberiam responder.

Outros filmes viriam nos dias seguintes, e tão naturalmente como se alguma forma fosse inevitável, também vieram histórias pessoais, passados, alguns sonhos, pequenas esperanças e sobretudo queixas. Daquela firma, daquela vida, daquele nó, confessaram uma tarde cinza de sexta, apertado no fundo do peito. Durante aquele fim de semana obscuramente desejaram, pela primeira vez, um em sua quitinete, outro no quarto de pensão, que o sábado e o domingo caminhassem depressa para dobrar a curva da meia-noite e novamente desaguar na manhã de segunda-feira, quando outra vez se encontrariam para: um café (Abreu, 2019, p. 352).

Raul e Saul também não conseguem nomear o que acontece na relação dos dois, tampouco esclarecer se o que existe é desejo, amor, sexo, amizade. A necessidade que os outros personagens do conto tem de evidenciar a sexualidade dos dois, ajuda na problematização da universalidade masculinidade, da feminilidade, e a forma como se estabelece um caráter hierárquico, que fica evidente durante o conto. Pois, os personagens centrais não obedecem a “masculinidade” imposta, eles transgridem a heteronormatividade compulsória e subvertem a normatividade da masculinidade agressiva, evidenciando uma visão social do sujeito masculino de que se não está dentro da heterossexualidade, logo, é julgado e colocado à margem simplesmente por se aproximar de seu lado feminino.

O que Raul e Saul põem em prática, mesmo que não saibam, é que questionam esse lugar de masculinidade, os dois performam sua identidade naquele ambiente hostil e todos os dias performam pequenas fugas da forma convencional de se viver a masculinidade que é imposta a eles, quando se abraçam, tomam banho juntos, presenteiam um ao outro, tudo isso vai além do modelo que é imposto pela sociedade. Os dois rapazes vão durante o conto trabalhando suas próprias formas de masculinidade e de feminilidade que vão sendo apresentados ao leitor.

O narrador, nesse contexto, é sutil. Apesar do conto não ser muito grande, é possível acompanhar alguns meses na vida dos dois, e o modo como o sentimento que não tem nome, vai aos poucos se transformando. Caio Fernando Abreu usa de sua sagacidade em seus diálogos que mantém entre o texto e outras referências, sua escrita conversa com outras fontes textuais como a música e o cinema. Para ser mais específico, existe uma relação dessas duas referências juntas em “Aqueles dois” que vai desde o cinema norte-americano ao bolero latino, ao longo da narrativa mostra de forma sutil ao leitor onde deseja chegar, os dois começam a dialogar com essas duas fontes.

Esse diálogo com o cinema é muito claro, na primeira interação além da cordialidade de Raul e Saul, quando em determinado momento Saul se atrasa para o trabalho porque passará a noite assistindo ao filme “Infâmia”, produção norte-americana de 1960 que conta a história de duas professoras de um internato para meninas que são “acusadas” de serem lésbicas. Esse fato é muito interessante ao leitor atento, pois, os protagonistas irão debater a história do filme durante o almoço, sem saber que sua história se parecerá com a do filme, visto que eles também viverão uma situação parecida. A intertextualidade é explícita, o narrador utiliza de bolero de autoria do cubano Frank Domínguez.

Uma noite, Raul pegou o violão e cantou “Tu me acostubraste”. Nessa mesma festa, Saul bebeu demais e vomitou no banheiro. No caminho até os táxis separados, Raul falou pela primeira vez no casamento desfeito. Passo incerto, Saul contou do noivado antigo. E concordaram, bêbados, que estavam ambos cansados de todas as mulheres do mundo, suas tramas complicadas, suas exigências mesquinhas. Que gostavam de estar assim, agora, sós, donos de suas próprias vidas. Embora, isso não disseram, não soubessem o que fazer com elas (Abreu, 2019, p. 352).

Seus encontros eles cantarolam outros boleros clássicos que falam de sentimentos reprimidos, como “Noche de ronda” e “El día que me quieras”.

Aos domingos, agora, Saul sempre telefonava. E vinha. Almoçavam ou jantavam, bebiam, fumavam, jogavam cartas, falavam o tempo todo. Enquanto Raul cantava — vezenquando “El día que me quieras”, vez enquanto “Noche de ronda” —, Saul fazia carinhos lentos na cabecinha de Carlos Gardel pousado no seu dedo indicador. Às vezes olhavam-se. E sempre sorriam. Uma noite, porque chovia, Saul acabou dormindo no sofá. Dia seguinte, chegaram juntos à repartição, cabelos molhados do chuveiro (Abreu, 2019, p. 353).

Há uma espera pelo dia em que o sujeito que ama queira o sujeito amante, existe um espera em que os dois já entendem o que sentem, e não sentem mais medo de que isso fique explícito, esse momento fica mais claro com a morte da mãe de Raul, ele é consolado por Saul em uma cena quase digna de filme diante da riqueza de detalhes que o narrador fornece. Estão se despindo de seus sentimentos mais profundos.

Sem saber ao certo o que fazia, Saul estendeu a mão, e quando percebeu seus dedos tinham tocado a barba crescida de Raul. Sem tempo para compreenderem, abraçaram-se fortemente. E tão próximos ficaram que um podia sentir o cheiro do outro: o de Raul, flor murcha, gaveta fechada; o de Saul, colônia de barba, talco. Durou muito tempo. A mão de Saul tocava a barba de Raul, que passava os dedos pelos caracóis miúdos do cabelo do outro. Não diziam nada. No silêncio era possível ouvir uma torneira pingando longe (Abreu, 2019, p. 354).

Após essa cena, novamente o narrador utiliza metáforas musicais para demonstrar o sentimento que nasce entre os dois, Saul presenteia Raul, no natal, com um disco de Dalva de Oliveira, o narrador deixa evidente que a faixa preferida dos dois era “Nossas Vidas”, mais especificamente, em um trecho especial que diz “até nossos beijos parecem beijos de quem nunca amou”, é importante lembrar que ambos tiveram relacionamentos que não deram certo com mulheres, talvez, eles não tenham amado antes, o que sentiram não tem nome.

Em sequência, os dois dormem nus, entretanto, em camas separadas se “deitaram ambos nus, um na cama atrás do guarda-roupa, outro no sofá. Quase a noite inteira, um podia ver a brasa acesa do cigarro do outro, furando o escuro feito um demônio de olhos incendiados (Abreu, 2019, p. 354), pode-se dizer que os olhos incendiados remetem ao desejo sexual que começa os perturbar, pois, de acordo com os padrões e normas sociais não podem sentir esse desejo. Foucault, em “A história da sexualidade” – vol. 2, discorre sobre essas normas e as práticas sociais que as envolvem, afirma ele, por exemplo, que moralidade funciona como um sistema na cultura atual que serve como base para os comportamentos dos sujeitos, sem que esses entendam de fato o que está acontecendo, ou porque vivem da forma que vivem.

Por “moral” entende-se igualmente o comportamento real dos indivíduos em relação às regras e valores que lhe são propostos: designa-se, assim, a maneira pela qual eles se submetem mais ou menos completamente a um princípio de conduta; pela qual eles obedecem ou resistem a uma interdição ou a uma prescrição; pela qual eles respeitam ou negligenciam um conjunto de valores; o estudo desse aspecto da moral deve determinar de que maneira, e com que margens de variação ou de transgressão, os

indivíduos ou os grupos se conduzem em referência a um sistema prescritivo que é explícita ou implicitamente dado em sua cultura, e do qual eles têm uma consciência mais ou menos clara (Foucault, 1998, p. 25).

Sendo assim, a sociedade determina os códigos, regras e moral que os indivíduos devem viver, essas regras acabam que por serem seguidas sem muitos questionamentos, apenas os indivíduos vão vivendo, na defesa do chamam de moral. No conto “Aqueles dois”, essa moral é descrita no comportamento dos outros personagens, que atacam os jovens rapazes sem saber muito bem por que, simplesmente por julgar errado o comportamento dos dois.

Suarento, o chefe foi direto ao assunto: tinha recebido algumas cartas anônimas. Recusou-se a mostrá-las. Pálidos, os dois ouviram expressões como “relação anormal e ostensiva”, “desavergonhada aberração”, “comportamento doentio”, “psicologia deformada”, sempre assinadas por Um Atento Guardião da Moral. Saul baixou os olhos desmaiados, mas Raul levantou de um salto. Parecia muito alto quando, com uma das mãos apoiadas no ombro do amigo e a outra erguendo-se atrevida no ar, conseguiu ainda dizer a palavra nunca, antes que o chefe, depois de coisas como a reputação de nossa firma ou tenho que zelar pela moral dos meus funcionários, declarasse frio: os senhores estão despedidos (Abreu, 2019, p. 355-356).

Esse trecho é preenchido por pontos importantes que merecem a atenção do leitor, como por exemplo, a figura do chefe, o poder que existe nela e a sua representação do poder por hierarquia, imposta sobre Raul e Saul, a figura de poder que julga como os dois devem conduzir suas vidas, simplesmente porque não performam a sexualidade aceita. Outro ponto a ser observado é a escolha semântica dos adjetivos, um chefe suarento em contrapartida a funcionários pálidos, a tensão da ação que pode vir a tomar, utiliza de alegações da moral para se justificar. Nesse ponto, o conto termina com o que pode ser visto como um certo alívio pelo narrador, todos que estavam naquele prédio com aparência de hospício seriam infelizes para sempre, os dois estavam livres do deserto de almas, já não podiam mais ser alcançados pelo preconceito vindo daquela janela que os olhava ir embora.

Diante de um tema tão complexo, é importante pensar o conto a partir do que já se tem discutido dentro dos estudos queer e como são uma importante ferramenta analítica para junto a estudos feministas, pós-coloniais e estudos de culturais, possam ser ponte para reflexões que ajudem a repensar a forma de pensar ocidental, o cânone literário dando voz aqueles autores excluídos do cânone formal. O conto de Caio Fernando Abreu é exemplo disso, visto que se

mantém à margem do cânone formal literário por tratar de assuntos que evidenciam a parte marginalizada da sociedade.

#### 2.4 VIOLÊNCIA E HOMOFOBIA EM “TERÇA-FEIRA GORDA”

Em “Terça-feira gorda”, conto narrado em primeira pessoa por um personagem masculino que conta uma história que aconteceu em seu passado, e que por meio de sua memória é contada ao leitor. Esse narrador que expõe em sua narrativa fixa em seus pensamentos e percepções acerca dos fatos, faz com que o leitor tenha nítidas em seus pensamentos os fatos que esse narrador vivenciou. O conto possui um discurso coloquial que atenuam os elementos como o desejo e, por fim, a morte, gerando uma ambiguidade de sentimentos em seu leitor.

A voz desse personagem narrador em “Terça-feira gorda” evidencia de forma clara e detalhada por sentimentos e sentidos desse narrador personagem, a experiência afetiva e sexual vivenciada por dois homens. Esse encontro que é descrito em três fases, atração que se dá em meio à festa de carnaval, o encontro sexual que ocorre sobre as áreas de uma praia sobre a noite de céu estrelado e, por fim, a agressão que culmina na morte de um dos rapazes de forma violenta. A expressão da violência no conto e a experiência descrita pelo personagem narrador, torna possível associar o conto a resistência assim como também sendo político que convida ao leitor a ter uma posição crítica e contra a homofobia exposta no conto.

Diante disso, pode-se pensar o conto também partindo da visão que é também um conto de resistência, pois apresenta conflitos associados ao personagem, violência, repressão, intolerância, tudo isso relacionado ao preconceito em relação à homossexualidade. Alfredo Bosi, “Literatura e resistência” (2002), propõe o conceito da palavra resistência, dizendo que é um termo originalmente ético, e não estético, pois, para Bosi, o ato de resistir é impor o querer do indivíduo sobre si, independente de forças externas.

Resistência é um conceito originalmente ético, e não estético. O seu sentido mais profundo apela para a força da vontade que resiste à outra força, exterior ao sujeito. Resistir é o pôr a força própria a força alheia. O cognato próximo é in/sistir, o antônimo familiar é des/sistir” (Bosi, 2002, p. 62).

A resistência é um movimento interno ao foco narrativo e que sua escrita não resgata apenas o que foi dito, mas também o que foi silenciado. O conto “Terça-feira gorda” traduz em sua estrutura a o fenômeno da resistência descrita por Bosi, o eu diante dos valores e contravalores, um narrador em primeira pessoa permite ao leitor acompanhar os movimentos contraditórios e ambíguos da consciência desse narrador. O discurso indireto livre propõe mudança estrutural no discurso, aquele que fala também vivência, o discurso no passado pode ser tido como fato ocorrido ontem, porque o narrador e o personagem se descolam e passam a ter funções distintas. Isso porque o narrador carrega uma fala produzida no passando.

Eu queria aquele corpo de homem sambando suado bonito ali na minha frente. Quero você, ele disse. Eu disse, quero você também. Mas quero agora já neste instante imediato, ele disse e eu repeti quase ao mesmo tempo, também eu quero (Abreu, 1995, p. 51).

O discurso do narrador personagem é destacado de seu parceiro, o que mostra de forma evidente em seu discurso de forma independente e livre aos sentimentos produzidos pelo outro naquela situação. A forma como o autor faz uso do discurso direto é bem peculiar, sua pontuação não obedece a normas, pois não tem o uso tradicional de separação sejam por aspas ou travessões.

Tiramos as roupas um do outro, depois rolamos na areia. Não vou perguntar teu nome, nem tua idade, nem teu telefone, nem teu signo, nem teu endereço, ele disse. O peito dele na minha boca, a cabeça dura do meu pau dentro da mão dele. O que você mentir eu acredito, eu disse, que nem marcha de carnaval. [...] Plâncton, ele disse, é um bicho que brilha quando faz amor (Abreu, 1995, p. 53).

O uso do autor do discurso direto é bastante incomum. Ele não separa o discurso citado do restante do texto por travessões ou aspas, mas mantém o discurso do outro e dele mesmo - e do outro - em sua totalidade, sem alterar a estrutura do que foi dito para que fosse incorporado ao discurso do citado. A dissociação do discurso do locutor como pessoa está presente ao longo da história, reforçando o desejo de se distanciar não só das situações passadas, mas também das pessoas que foram afetadas por essas situações. Mas além de inserir a fala do locutor na fala de seu amante, ele mesmo como pessoa, também insere a fala das pessoas que o descrevem como

“bichas” e/ou “veados”. Discurso contra gays, então fale sobre outra pessoa. Isto porque, embora pertençam a uma estrutura discursiva específica, nomeadamente os homossexuais (um grupo marginalizado), trazem para o discurso o conhecimento de outra estrutura discursiva, os heterossexuais (domínio). Então, ele tem que abraçar o ódio e a negação para que o preconceito chegue até ele.

É possível observar o princípio da polifonia de Bakthin (1981), a quem Ducrot (1987) filia-se quando leva em consideração o dialogismo como princípio constitutivo da linguagem e do sentido dos enunciados, demonstra a relação entre a instância ética e as formas como se constrói a narrativa. Isso porque as vozes dos personagens são perspectivas que se cruzam e que trazem à tona da escrita o cerne moral da história de Caio Fernando Abreu: a marginalização, na perspectiva das relações romântico-sexuais, como a polifonia é definida pela coexistência e interação de múltiplas vozes e consciências independentes, e não misturadas no mesmo espaço narrativo, que representam um determinado universo e caracterizado pelas particularidades desse universo, pode ser disse que se torna não só um som, mas também um gesto e uma cara de preconceito e intolerância.

Pelo que foi revelado até aqui, pode-se entender que o narrador, ao tentar se separar da pessoa que esteve e viveu uma relação homossexual, traz em sua fala não apenas a fala do amante, mas também a sua própria (como pessoa), o que demonstra que ela não se sente segura e confortável em relação ao local onde se encontra. Pelo contrário, ele mostra que está farto do que os outros pensam e dizem sobre sua sexualidade quando insere um discurso "outro" em seu discurso, o que por sua vez representa um binário comportamental normativo de homem/mulher sobre o que é considerado padrão legítimo para relacionamentos afetivos e sexuais. Nesse contexto, o narrador apresenta uma dupla posição: por um lado, desconforto e, por outro, tentativa de fortalecer a mesma relação romântico-sexual. A última parte da história mostra a mágoa do narrador, toda a confusão, indecisão, vergonha e culpa não só diante do abuso e posterior morte do amante, mas também diante do vínculo sexual já formado.

Mas vieram vindo, então, e eram muitos. Foge, gritei, estendendo o braço. Minha mão agarrou um espaço vazio. O pontapé nas costas fez com que me levantasse. Ele ficou no chão. Estavam todos em volta. Ai, ai, gritavam, olha as loucas. Olhando para baixo, vi os olhos dele muito abertos e sem nenhuma culpa entre as outras caras dos homens. A boca molhada afundada no meio duma massa escura, o brilho de um dente caído na areia. Quis tomá-lo pela mão, protegê-lo com meu corpo, mas sem querer estava sozinho e nu correndo na areia molhada, os outros todos em volta, muito próximos (Abreu, 1995, p. 53).

A ironia também ocorre como narrativa estratégica porque revela o discurso ideológico oficial. A ironia da história, já identificada por Arnaldo Franco Júnior no ensaio "Intolerância Tropical: Homossexualidade e Violência na Terça-feira Gorda, Caio Fernando Abreu" (2000), fica conhecida pelo fato que o preconceito se manifesta justamente nos partidos, onde a regra básica é a liberdade e a coragem.

O carnaval torna-se, no conto, signo de uma ironia amarga: a intolerância tropical se manifesta nele e, mais, por meio dele. Repressiva e dissimulada, a sociedade que celebra o Momo é a mesma que, ambivalente com a identificação de limites, reage violentamente quando, por alguma razão, os limites tornam-se claros (Franco Junior, 2000, p. 92).

Em relação ao carnaval, Bakhtin ainda o vê como uma manifestação que tem como principal característica a remoção da distância interpessoal e a oferta de uma nova forma de relações interpessoais que possa resistir às relações hierárquicas onipotentes - os aspectos sociais "dá vida fora do carnaval" (1981, p. 106). Nesse sentido, a atitude carnavalesca levaria a comportamentos "excêntricos", que possibilitariam a expressão e a descoberta de aspectos ocultos da natureza humana, dando lugar de *mésalliances* carnavalescos), que uniria indiscriminadamente o sagrado e o profano, o alto e o baixo, o sábio e o tolo. Nesse contexto, é de fato característico que o carnaval manifeste intolerância e preconceitos, que segundo os pressupostos de Bakhtin, derrubam a ideologia oficial. Portanto, a história condena a hipocrisia e máscaras escondidas atrás de mascaramentos que os amantes não usaram em dois sentidos.

Eu olhei para cima e mostrei as Plêiades, só que eu sabia ver, que nem raquete de tênis suspensa no céu. Você vai pegar um resfriado, ele falou com a mão no meu ombro. Foi então que percebi que não usávamos máscara. Lembrei que tinha lido em algum lugar que a dor é a única emoção que não usa máscara. Não sentíamos dor, mas aquela emoção daquela hora li sobre nós, eu nem sei se era alegria, também não usava máscara. Então pensei devagar que era proibido ou perigoso não usar máscara, ainda mais no carnaval (Abreu, 1995, p. 52).

Nesse ponto, a história mostra a urgência da morte da máscara social, fonte de incompreensão e sofrimento, um mal que exige persistência.

Quis tomá-lo pela mão, protegê-lo com meu corpo, mas sem querer estava sozinho e nu correndo pela areia molhada, os outros todos em volta, muito próximos. Fechando os olhos então, como um filme contra as pálpebras, eu consegui ver três imagens se sobrepondo. Primeiro o corpo suado dele, sambando, vindo em minha direção. Depois as Plêiades, feito uma raquete de tênis suspensa no céu lá em cima. E finalmente a queda lenta de um figo maduro, até esborrachar-se contra o chão em mil pedaços sangrentos (Abreu, 1995, p. 53).

A imagem do cadáver na areia, da fruta quebrando-se no chão, revela a intolerância às relações homoeróticas, ou melhor, a adoção de papéis sexuais contrários à norma dominante estabelecida. Não é por acaso que o balanço das experiências relatadas é negativo, evidenciado pela falta de reação, um silêncio audível diante da agressão física e moral, sugerindo aceitação repetição de uma estrutura ideológica. Embora, ao contrário, a história funciona como uma espécie de prática emancipatória, confrontando questões como preconceito, marginalização, desrespeito e intolerância à diferença. Portanto, nesse horizonte, o espaço da literatura, geralmente considerado como um lugar de fantasia, pode ser o lugar da verdade mais exigente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A teoria queer se consolidou como uma das ferramentas mais potentes para questionar e subverter as normas hegemônicas relacionadas a gênero e sexualidade. Baseando-se no princípio de que as identidades não são fixas ou estáticas, essa perspectiva crítica as imposições binárias da sociedade, que define o mundo em termos de masculino e feminino, heterossexual e homossexual. Ao longo das últimas décadas, essas reflexões adquiriram força, tanto no campo acadêmico quanto nas lutas sociais, especialmente com apoio de intelectuais e ativistas como João Silvério Trevisan, cuja obra *Devassos no Paraíso* ajudou a trazer visibilidade para a comunidade LGBTQ+ e suas lutas contra heteronormatividade.

Como aponta Trevisan (2018), a ressignificação do termo "queer" no final do século XX foi um marco crucial. Originalmente utilizado como insulto, "queer" foi apropriado pela própria comunidade como um termo de resistência. Tal movimento não apenas desafia as normas sociais, mas também enfatiza a necessidade de uma política que celebre a diversidade e as múltiplas formas de existir, rompendo com a rigidez das classificações identitárias tradicionais. Esse processo de ressignificação trouxe à tona a ideia de que "ser queer está perpetuamente em confronto com o normal"

A teoria queer, então, propõe uma nova forma de pensar a identidade e a sexualidade. Não se trata apenas de uma orientação ou preferência sexual, mas de uma forma de questionar

e desestabilizar as normas que ditam o que é aceitável ou natural na sociedade. É, como Trevisan sugere, uma luta contra a "normatividade heterossexual", que ele considera um pilar da cultura contemporânea. Através da literatura de resistência, Trevisan e outros autores desafiam essa normatividade, propondo novas formas de representação e visibilidade para corpos queer, especialmente aqueles marginalizados, como transexuais, travestis e drags.

A aplicação da teoria queer na análise de obras literárias tem sido uma das abordagens mais frutíferas para entender as construções sociais de gênero e sexualidade. Nos textos de Caio Fernando Abreu, por exemplo, personagens como os de "Terça-feira gorda" e "Aqueles dois" são símbolos de resistência às normas hegemônicas. As interações homoafetivas nesses contos revelam a tensão entre o desejo e a repressão social. O erotismo, especialmente entre personagens masculinos, se torna um espaço de contestação e reconfiguração das masculinidades, como observa Callegari (2009), que reforça a ideia de que o queer explora "novas experiências de erotização" que rompem com as premissas da heterossexualidade compulsória.

Outro aspecto central da teoria queer é a ideia de performatividade de gênero. Ao invés de ver o gênero como algo inato e fixo, Judith Butler (2019) e outros teóricos afirmam que ele é uma performance, um conjunto de atos e discursos repetidos que constroem a ilusão de uma identidade coerente. Esse entendimento tem profundas implicações políticas e sociais, já que nos leva a questionar como as normas de gênero são impostas e reproduzidas na sociedade. A partir dessa perspectiva, o gênero não é apenas uma característica pessoal, mas uma construção social que pode ser resistida e reconfigurada. A obra de Trevisan também contribui para essa discussão, ao explorar as formas como as normas sociais moldam a compreensão da sexualidade e do gênero. Ele propõe que os corpos queer — aqueles que perturbam as normas e incomodam por sua mera existência — são uma forma de resistência em si. Esses corpos, que se desviam das expectativas heteronormativas, carregam consigo a possibilidade de criar formas de ser e existir, abrindo espaço para a pluralidade e a diversidade das experiências humanas.

A teoria queer, ao desconstruir as noções tradicionais de gênero e sexualidade, permite uma nova leitura das relações sociais e literárias. Através de autores como Trevisan e Abreu, podemos ver como a literatura se torna um espaço de contestação e reflexão sobre as normas sociais. As narrativas queer desafiam a hegemonia e oferecem novas formas de pensar a identidade e a subjetividade, ressaltando a importância de se reconhecer e valorizar as múltiplas formas de ser e amar no mundo contemporâneo. A obra de Trevisan, em particular, com sua "literatura de resistência", continua sendo uma contribuição vital para a luta contra a opressão e a marginalização das identidades queer.

A escrita de Caio Fernando Abreu oferece uma rica fonte para o estudo da teoria queer, sendo um autor cuja obra explora temas profundos de sexualidade, gênero e a marginalização de identidades não normativas. Ao longo de sua carreira, Abreu se destacou por retratar personagens que habitam as bordas da sociedade, em constante confronto com normas estabelecidas, especialmente as que regem a sexualidade e o comportamento de gênero. Um dos aspectos mais notáveis da obra de Abreu é sua capacidade de revelar as tensões e os conflitos internos dos personagens que vivem fora do eixo heteronormativo. No conto "Aqueles dois", por exemplo, o autor nos apresenta uma narrativa que, embora não explicitamente sexual, carrega em si um subtexto homoerótico poderoso. A relação entre os personagens Raul e Saul é uma representação sutil do afeto entre homens, que vai além da amizade, desafiando as convenções sociais da época. Essa aproximação emocional e afetiva entre os dois homens dentro de um espaço de trabalho — tradicionalmente marcado pela normatividade — já pode ser lida como um ato de resistência, um conceito central para os estudos queer.

A abordagem de Abreu à homoafetividade muitas vezes evita rótulos óbvios ou classificações fixas, o que ressoa com as ideias de fluidez e performatividade de gênero propostas por Judith Butler. Em "Sargento Garcia", por exemplo, temos uma narrativa onde o desejo é reprimido, e os personagens são forçados a confrontar suas identidades dentro de um ambiente militar, um dos maiores bastiões da masculinidade tóxica e da heteronormatividade. A relação de poder entre o sargento e o personagem principal carrega uma carga erótica que, embora violenta, expõe as fissuras na construção da masculinidade tradicional.

É importante notar que a escrita de Abreu não apenas explora a sexualidade, mas também reflete as dinâmicas de poder e opressão que atravessam as vidas de seus personagens. Essa confluência de sexualidade e poder é um dos pilares dos estudos queer, que se propõem a desnaturalizar e questionar as hierarquias estabelecidas nas relações sociais. A teoria queer, ao rejeitar categorias fixas de identidade e sexualidade, encontra eco na forma como Abreu constrói seus personagens e suas relações, sempre instáveis e fluidas, muitas vezes à margem da sociedade.

Outro ponto a ser destacado na relação entre a obra de Abreu e os estudos queer é a constante presença de uma violência implícita ou explícita, não apenas física, mas também psicológica e emocional. Contos como "Terça-feira gorda" e "Pequeno monstro" exploram a homofobia, a repressão sexual e a exclusão social de formas que dialogam diretamente com as teorias queer sobre a abjeção, termo central nos estudos de Judith Butler. Abreu retrata personagens que, por sua sexualidade e forma de viver, são excluídos e marginalizados, mas

que também encontram maneiras de resistir, seja através do humor, do erotismo ou da simples busca por amor e aceitação.

Nos estudos queer, a ideia de performatividade de gênero é fundamental para entender como as identidades são constantemente construídas e reconstruídas por meio de atos repetidos. Em vários momentos da obra de Abreu, essa performatividade é explicitada. Os personagens frequentemente oscilam entre papéis sociais, experimentam com diferentes formas de se relacionar com o corpo e o desejo, refletindo a fluidez proposta pelos teóricos queer. Isso sugere que o próprio conceito de identidade sexual em sua obra é algo em constante mutação, desafiando as classificações tradicionais que a sociedade impõe sobre as pessoas.

Portanto, ao analisar a obra de Caio Fernando Abreu sob a lente dos estudos queer, pode-se perceber que ele não só captura a complexidade das relações humanas, especialmente no que diz respeito à sexualidade, mas também oferece uma crítica contundente às normas heteronormativas. Sua escrita ilumina as maneiras pelas quais os corpos queer são controlados e marginalizados, mas também como resistem e encontram formas de existir em um mundo que os rejeita. É essa tensão entre opressão e resistência que torna sua obra tão relevante para os estudos queer e para a compreensão das dinâmicas de poder que permeiam as questões de gênero e sexualidade.

A pesquisa conduzida revela uma análise detalhada das dinâmicas de poder, gênero e sexualidade a partir de uma perspectiva queer, explorando de maneira profunda a obra de Caio Fernando Abreu. O estudo destaca que o autor não apenas representa as experiências homoafetivas e a marginalização de corpos queer, mas também explora as várias formas de violência – sutis e explícitas – que permeiam essas vidas. A pesquisa aponta que Abreu vai além das simples interações sexuais ou afetivas, abordando como o poder, a repressão e a exclusão social moldam a vivência dos personagens que estão à margem das normas sociais.

Ao investigar contos como "Aqueles dois" e "Sargento Garcia", a análise observa que Abreu problematiza a masculinidade e as dinâmicas de poder, evidenciando como a repressão de desejos homoafetivos é imposta em espaços dominados pela masculinidade tradicional, como o quartel ou o ambiente de trabalho. As narrativas destacam tanto a violência física quanto as formas psicológicas e emocionais de repressão, permitindo uma compreensão mais ampla de como a heteronormatividade afeta as relações interpessoais e a construção das identidades queer.

A pesquisa também identificou a importância do conceito de abjeção, central nos estudos queer, que ajuda a entender como os corpos que desafiam as normas são marginalizados, mas também se tornam locais de resistência. Os personagens de Abreu,

segundo o estudo, são representações dessas identidades dissidentes, que, apesar de serem excluídas, abrem espaço para novas formas de existência, desafiando os padrões impostos pela sociedade. Outro ponto importante levantado pela pesquisa foi a performatividade de gênero, aspecto central da teoria queer, que revela como os personagens de Abreu não se conformam às categorias fixas de identidade sexual. A partir da perspectiva teórica de Judith Butler, foi possível observar que as identidades na obra de Abreu são fluidas e renegociadas constantemente, reforçando a ideia de que gênero e sexualidade são construções sociais e não verdades essencializadas. Essa percepção crítica permite entender que a obra de Abreu não apenas retrata as experiências homoafetivas, mas também questiona e subverte a normatização dos corpos e das relações afetivas.

Por fim, a pesquisa conclui que a obra de Caio Fernando Abreu, sob a ótica da teoria queer, não apenas desafia as normas sociais, mas também oferece uma visão de resistência e transformação. Os personagens, apesar das dificuldades impostas pelas normas sociais, encontram formas de existir e de se conectar emocionalmente, mesmo em espaços de resistência ou à margem das expectativas normativas. Dessa forma, a literatura de Abreu, assim como a teoria queer, se destaca como um instrumento de contestação das estruturas de poder e uma proposta de novas formas de ser e existir, livres de rótulos e limitações sociais.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando. “Pequeno monstro”. *In*: ABREU, Caio Fernando. **Os Dragões não conhecem o paraíso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

ABREU, Caio Fernando. **Conto completos**. São Paulo: Companhia da Letras, 2018.

ABREU, Caio Fernando. **Morangos mofados**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo? E outros ensaios**. Trad. Vinicius Nicatto Homesko. Chapecó: Argos, 2009.

AUERBACH, Erich. **Mimesis: A representação da realidade na literatura ocidental** tradução Jorge Sperber. São Paulo: Perspectiva, 1971.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins fontes, 1993 (Coleção Tópicos).

BAKHTIN, Mikhail. **La cultura popular em La Edad Media y Renacimiento**. Barcelona: Barral Editores, 1974.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BAKHTIN, Mikhail. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**. A teoria do romance. Tradução Aurora Fornoni Bernadini. São Paulo. Hucitec, 1988.

BARCELLOS, José Carlos. **Literatura e Homoerotismo em questão**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006.

BATAILLE, Georges. **O Erotismo**. Trad. Antônio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. *In*: BENJAMIN, Walter *et al.* **Textos escolhidos**. Trad. José Lino Grunnewald. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

BENTO, Berenice; PELÚCIO, Larissa. Despatologização do Gênero: A politização das Identidades Abjetas. **Estudos Feministas**, Florianópolis. 2012.

BHABHA, Homi. **O local da Cultura**. Belo Horizonte. UFMG. 1998.

BORILLO, Daniel. “A Homofobia”. *In*: DINIZ, Débora; LIONÇO, Tatiana. **Homofobia e Educação em Desafio ao Silêncio**. Brasília: Letras e Livros, 2009.

BOSI, Alfredo. “Narrativa e resistência”. *In: Literatura e Resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRAGA, Luiz Fernando Lima Júnior. **Caio Fernando Abreu: Narrativa e Homoerotismo**. Disponível em: [https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ALDR-6VYHZR/1/tese\\_luiz\\_fernando.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ALDR-6VYHZR/1/tese_luiz_fernando.pdf). Acesso em: 02 out. 2020.

BRUNI, J. C. Foucault: “O silêncio dos sujeitos”. *In: Tempo Social (Revista de Sociologia)*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 199-207, 1989.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”**. *In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CALLEGARI, Lizandro Carlos. **Literatura e homoerotismo: A perspectiva queer em Morangos mofados**. *Luso-Brazilian Review*. December 2007, 44 (2) 117-133; DOI: <https://doi.org/10.1353/lbr.2008.0010>

CALLEGARI, Jeanne. **Caio Fernando Abreu: O inventário de um escritor irremediável**. São Paulo: Seoman, 2008.

CANDIDO, Antônio. **A personagem de ficção**. São Paulo: Retrospectiva, 2007.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

COMPAGNON, Antoine. **O Demônio da Teoria: Literatura e senso comum**. Trad. Zonte. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

CORTÁZAR, Julio. **Valise de Cronópio**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Trad. Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes Editores, 1987.

E. M. Foster. **Aspectos do romance**. Tradução Sergio Alcides. 4. ed. São Paulo. Globo 2005.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: Uma introdução**. 6. ed. Tradução Waltensir Outra. São Paulo: Martins Fontes, 2006 (Biblioteca universal).

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FRANCO JUNIOR, Arnaldo. **Intolerância Tropical: homossexualidade e Violência em Terça-feira Gorda, de Caio Fernando Abreu**. *Expressão - Revista do Centro de Artes e Letras*. Santa Maria: UFSM, (1), jan/jun. 2000

GREEN, James N. Homossexualidades e a história: recuperando e entendendo o passado. **Gênero**, Niterói, p. 65-76, 2012.

HUTCHEON, L. **Poética do Pós-Modernismo**: história, teoria e ficção. São Paulo: Imago, 1991.

JACKSON, Graham. **A tradição secreta da jardinagem**: padrões de relacionamentos masculinos I. São Paulo: Paulus, 1994.

JACKSON, Graham. **Os mistérios da sala de estar**: padrões de relacionamentos masculinos II. São Paulo: Paulus, 1996.

JUNQUEIRA, R. D. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. **Bagoas** - Estudos gays: gêneros e sexualidades, [S. l.], v. 1, n. 01, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2256>. Acesso em: 30 jul. 2024.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogia e sexualidade. *In*: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: pedagogia e sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**. Tradução Davi Arrigucci Jr e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2006.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma política da espacialidade. Tradução Hilda Pareto Maciel, Rogério Heasbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

OLIVEIRA, Francisco Aedson de Souza. **A metáfora do estranho em Estranhos estrangeiros de Caio Fernando Abreu**. Curitiba: Appris, 2017.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

OURIQUE, João Luis Pereira; ALMEIDA, Ana Luiza Nunes. Caio Fernando Abreu, Cíntia Moscovich e a reapresentação das sexualidades. *In*: **Poéticas da Masculinidade e Ruínas** - O Amor em Tempos de Aids. Org. Anselmo Peres Alós. Santa Maria: CNPq, 2017.

PAZ, Octávio. **A dupla chama**. Amor e erotismo. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994.

PERLONGHER, Nestor. **Territórios Marginais**. CIEO - Centro de estudos contemporâneos, Rio de Janeiro, 1989.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas literaturas**. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

PINHEIRO, Douglas. Autoritarismo e Homofobia; a repressão aos homossexuais nos regimes ditatoriais Cubano e Brasileiro (1960- 1980), **Caderno Pagu**, (52) 2013.

PRADO, Marco Aurélio Máximo; MACHADO, Frederico Viana. **Preconceito Contra Homossexualidade**: A Hierarquia da Invisibilidade. São Paulo: Cortez, 2008.

R. M. C., Fragonezi; A. A., Priori. **A Ditadura Militar no Brasil: Golpe, Repressão e tortura.** Ano 2017. VIII CIH. 2467-2474.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais.** Tradução de Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlo Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.

SANTOS, Luiz Alberto Brandão. **Sujeito, tempo e espaço ficcionais: introdução a teoria da literatura.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SERRATO, Andréia Cristina. O corpo e a sexualidade na cama de procusto: valores e desafios na contemporaneidade. **Revista Pistis Práxis e Teologia e Pastoral**, Curitiba, V. 2, n. 1, p. 145-172, Jan/Jun, 2010. Disponível em: file:///C:/Users/A3dsoN/ Down loa ds/pistis-3552%20(1).pdf. Acesso em: 08 jun. 2023.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso.** 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

ZWEIG, Stefan. **Novelas Insólitas.** São Paulo: Zahar, s/d.

ZYGMUNT, Bauman. **O Mal-estar da pós-modernidade.** Trad. Mauro Gama, Claudia Martinelle Gama; Revisão Técnica Laís Carlos Fridman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998.